

EVILANE
OLIVEIRA

Todas
as cores
do Íris
Arco-Íris



Todas
as cores
do
Arco-Íris

EVILANE
OLIVEIRA

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Nota da Autora

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Epílogo

Agradecimento

Nota da autora



A rotina hospitalar presente em *Todas As Cores do Arco-íris* é fictícia. Horários, visitas e visitantes foram criados com liberdade pela autora. Nenhum dos acontecimentos têm relação com os hospitais comuns.

Capítulo 01



LORENA

Bebo o restante do café e me ergo, levando a mala pesada em direção a um dos portões de embarque. Eu arrumo meu cabelo com mechas douradas no espelho de uma das paredes onde passo e sorrio para a atendente.

Depois de lhe entregar meu cartão de embarque e documentos pessoais, eu sou liberada e tempos depois entro no avião. Procuro meu assento e relaxo na poltrona confortável.

— Sabia que essa bunda empinada e sorriso matador pertenciam a você... — Eu me viro franzindo as sobrancelhas e encontro Theo, o amigo do namorado da melhor amiga da minha irmã, e claro, não podemos esquecer, que também já fiquei com esse namorado da amiga da Gabrielle.

Bons tempos.

— Eu sabia que o dia estava bom demais para ser verdade... — resmungo tirando minha máscara de dormir e meu remédio da bolsa. Eu odeio aviões e por isso sempre tomo medicação para adormecer.

Antes que eu possa colocar o remédio na boca, Theo passa entre mim e o banco da frente, fazendo com que o meu único comprimido saia rolando pelo chão. Cristo!

— Adoro olhar as nuvens. — Ele aponta para a janela e eu reviro os olhos bufando.

— Aproveite.

Eu coloco meu tapa olho e tento relaxar, mas parece que Theo tem algo o incomodando na bunda, pois não para quieto um minuto sequer.

— O que diabos você tem? — questiono irritada tirando a máscara e olhando para ele.

— Nada. Apenas me mexendo para encontrar uma posição confortável...

— Ai, meu Deus, estamos num avião, não tem posição mais confortável do que sentado — eu lhe digo enquanto olho para seu rosto suado.

Seus cabelos loiros são curtos atrás, mas na frente têm um topete. Eu faço careta para isso, Theo parece aqueles modelos de revista, um verdadeiro Ken.

— Eu sei. — Ele suspira e relaxa na poltrona. — Como vai sua irmã? E Nico? Ah, fiquei sabendo que ela engravidou novamente, não foi?

— Você é sempre tão xereta? — questiono focando minha atenção no

banco à minha frente.

— Eu sabia que você era uma megera, mas, por Deus, dá para ser um pouco mais amigável? — ele ruge com a voz autoritária e eu elevo minha sobrancelha o olhando com ironia. — Medusa — ele resmunga e eu ignoro seu insulto.

— Sinto muito, meu amor, mas se estou te incomodando, desça desse avião. Ou melhor, pule. — Sorrio jogando meu cabelo em seu rosto.

— Passei a admirar sua irmã mais ainda nesses pequenos minutos ao seu lado — ele debocha e eu suspiro, colocando minha máscara novamente.

Passam apenas segundos até que a voz dele começa novamente.

— Você lembra daquela noite, não é? — Eu aperto meus olhos fechados. Merda, pensei que ele tinha esquecido. Estava tão bêbado...

— Eu lembro bem — resmungo engolindo em seco. — Você estava bem bêbado para lembrar, não?

— Não, baby. Eu estava passando mal, mas não estava tão bêbado.

Eu o ajudei a chegar em casa um dia desses em que estávamos na mesma festa. Chegando lá ele vomitou para caramba e eu fiquei de babá.

— Hum.

— Obrigada, beleza? — ele diz e eu aceno dando de ombros. Não foi nada.

O avião decola e eu puxo a mão do Theo, apertando-a de maneira que ele nem mesmo consegue mexer os dedos. Tudo treme e eu rezo silenciosamente para essa merda passar.

— Falar ajuda, tá? Por que não me conta o que estava fazendo em Paris?... — A voz dele soa tão carinhosa e preocupada que eu aceno rapidamente.

— Eu estava fazendo um curso intensivo — informo baixinho e sorrio. — De pintura — finalizo e o escuto assobiar.

— Uma pintora? Meu Deus, isso é quente — ele brinca e eu reviro os olhos. — Já estou imaginando você nua entre as tintas, com uma pincelada bem entre seus seios...

— Cale a boca, seu pervertido! — Bato em seu braço, sentindo minhas bochechas esquentarem.

— Você precisa fazer essa fantasia para mim, ouviu, Lorena? Porra. — Ele ajeita suas calças e eu me viro mortificada.

Sempre sou eu a pessoa que seduz, nunca um homem chegou falando

coisas assim para mim e eu estou muito envergonhada. O que tem de errado comigo? Eu sou uma mulher bem resolvida, faço sexo sempre que tenho desejo. Homem nenhum me faz ficar com as bochechas rubras.

— Cale a maldita boca — resmungo e percebo que a turbulência passou. Graças a Deus.

— Me fala, como foi sua estadia aqui? Eu vim há dois dias apenas para uma reunião — ele diz esquecendo a perversidade.

— Foi muito boa. Fiz amigos e, claro, alguns namoradinhos. O curso foi maravilhoso. Eu adorei — afirmo sorrindo.

— Legal. — Ele aperta minha mão e percebo que a deixei sobre a dele. Eu me afasto e tampo meus olhos novamente.

— Vou tentar dormir um pouco. Fique quieto.

Adormeço depois de uns bons trinta minutos. Quando acordo, olho para o Theo e vejo que seu rosto está sobre meu ombro, enquanto ele dorme. Pisco e sinto minha barriga esfriar. Que diabos é isso?

Eu me remexo, tentando fingir que ainda durmo, para que ele saia de cima de mim. Theo acorda, mas não se afasta. Meu Deus...

— Se quer que eu me afaste é só dizer... — Ele ri de mim com sua voz rouca de sono e seu hálito quente bate diretamente contra minha orelha. Minha pele arrepia e Theo sorri orgulhoso quando percebe isso. Caramba.

— Preciso ir ao banheiro — mudo de assunto e me ergo.

Ando às pressas e me alivio rapidamente. Acho que dormi um bom tempo, talvez algumas horas, não sei dizer exatamente quantas. Na volta para o meu assento eu vejo uma menina sentada nas cadeiras ao lado de onde Theo e eu estamos. Sorrio para ela, que parece estar sozinha, e ela devolve o sorriso enquanto brinca com uma boneca.

Eu me sento novamente e Theo aperta minha coxa coberta pela calça jeans, olhando pela janela.

— Você percebe que é um ponto insignificante quando olha essa imensidão de nuvens — ele murmura e sorri para mim. — Não somos tão grandes quanto imaginamos. Olhar para essa paisagem e para o mar nos mostra isso. — Eu aceno, sabendo bem o que é esse sentimento.

Sempre fui insignificante. Meus pais mentiram para mim e Gabrielle a vida toda. Nunca soubemos o porquê de tanto descaso, mas meses atrás descobrimos. Somos adotadas. Apenas um modo de eles poderem receber uma herança. Um mal necessário.

Durante os meses que fiquei em Paris eu procurei meus pais biológicos. Não sei bem por qual motivo, mas eu fiz. Gabrielle não sabe disso, eu não quis contar por telefone ou videoconferência.

Saber que os dois morreram anos atrás não me fez nada. Não senti tristeza, luto ou qualquer sentimento. Foi algo que apenas me fez seguir em frente. Acabou. Agora só preciso contar à minha irmã.

Pensar em meus pais adotivos e biológicos me faz perceber que sempre senti que o amor não era algo que eu cultivasse, ou que alguém pudesse sentir algo perto disso por mim. Meus pais me odiavam. Eu nunca me apaixonei ou fiz algum garoto se apaixonar por mim. Eu era invisível aos olhos do amor.

— Qual seu maior sonho, Lore? — Theo pergunta se virando para mim. Seus olhos azuis são tão brilhantes, tão calorosos, que eu sinto a necessidade de conversar com ele.

— Quero ter uma família. — Fecho meus olhos apertado e os abro sentindo lágrimas se formarem. — Quero que alguém me ame e quero ter um filho para eu cuidar. — Dou de ombros e sorrio para ele.

Nunca falei algo tão pessoal para as outras pessoas, nem mesmo para minha irmã, que é a pessoa que mais amo no mundo. Porém, é verdade. Eu só quero amor.

— Eu também quero isso — ele fala suavemente e aperta minha coxa novamente. — Você vai ter sua família, Lorena. Você vai fazer o mundo do cara que se apaixonar por você girar. Te prometo. — Ele pisca, mas seu rosto é bem sério.

Permanecemos calados por bastante tempo. A aeromoça passa nos avisando que já entramos em território brasileiro e que daqui a pouco iremos pousar. Eu sorrio aliviada por saber que logo verei meu sobrinho. Gabrielle deu à luz o seu segundo filho, Luca, em homenagem ao melhor amigo de Kieran e também amigo do Theo, de quem falei antes.

— Coloque o seu cinto — Theo manda, e eu aceno fazendo o que ele disse.

— Eu esqueci de perguntar... — começo e ele se vira, elevando a sobrancelha. — Qual o seu maior sonho, Theo?

Ele fica calado por um tempo e me dá um sorriso triste.

— Ter um — ele fala suavemente e eu franzo as sobrancelhas sem entender.

— Como assim? — Eu sorrio achando isso engraçado.

— Os sonhos pelos quais eu luto dia após dia não são meus. São dos meus pais. — Ele fica calado e se vira para a janela, me deixando absorver suas palavras.

— Eu...

— Um dia, eu terei um...

Grito quando sinto um solavanco no avião. Theo agarra minha mão assim que eu vejo uma mulher ser atirada praticamente para o teto da aeronave.

— Estamos caindo... Theo! — eu grito completamente apavorada e ele puxa meus braços, os colocando entre as minhas pernas.

— Fique assim. Não se mexa! — Ele me olha com o rosto cheio de medo e eu sinto lágrimas descenderem por meus olhos.

— *Mantenha sua cabeça para baixo, abrace para o impacto. Mantenha sua cabeça para baixo, abrace para o impacto* — a voz da aeromoça surge e eu viro minha cabeça quando me lembro da menina ao lado.

Seu rosto está apavorado e ela está no piso, não em seu assento. Eu engulo minhas lágrimas e retiro o cinto, me erguendo e segurando na poltrona.

— Lorena, senta agora! — Theo grita, me puxando pelo braço, mas eu preciso ajudar a menina.

— Ela está sem cinto... — minha voz ecoa estridente sob o barulho de gritos.

Theo olha para a menina e eu uso essa abertura para ir até ela. Coloco-a no banco e passo o cinto por seu corpo enquanto ela chora desesperada. Olho para trás e grito quando sinto uma pancada na minha cabeça. Minha vista escurece e eu caio ao lado da menina.

— Porra! — eu escuto o grito do Theo ao longe, mas a escuridão me engole e eu apenas adormeço.



— Acorde. — Eu abro meus olhos devagar e sinto Theo à minha frente.

Minha pele estremece e sinto algo gelado contra meu corpo. Segundos depois, percebo que estamos na água.

— Está tudo bem, viu? — ele geme e eu tento erguer minha cabeça, mas ela está pesada e dor dispara por ela e pelo meu corpo. — Olhe para mim — ele

pede e eu abro bem os olhos, sentindo seu braço ao redor da minha cintura, me segurando. Seu outro braço está segurando um pedaço de alguma coisa, que está nos fazendo boiar.

Aperto meus olhos, percebendo que tudo está muito escuro, mas ainda é dia, não é? Por que estou enxergando escuro?

— Onde estamos? Cadê a menina...

— O avião caiu no mar. Eu não sei de ninguém, só de você, pois te coloquei de volta na cadeira ao meu lado e te segurei. — Eu escuto sua voz, mas não consigo mais vê-lo. Está tudo escuro.

— Theo...

— Você me perguntou qual o meu maior sonho e eu respondi que era ter um. Realizei o maior sonho, pois agora o que mais quero na vida é que saíamos daqui vivos. — Sua voz me faz sorrir mesmo diante da escuridão.

Tento abraçar seu corpo, mas uma dor alucinante começa e eu caio na escuridão, adormecendo.

Capítulo 02



THEO

— Você está bem. — Eu fecho meus olhos quando minha mãe fala isso novamente. Cheguei a esse hospital ontem à noite e, fora a dor no braço por ter segurado Lorena dentro do mar por quase duas horas, parece que estou bem.

Ela está mal, eu sei disso, pois ninguém quer me dizer nada sobre ela.

— Eu quero vê-la, mãe — digo firme e minha mãe se afasta balançando a cabeça.

— Theo, você precisa se recuperar...

— O que aconteceu com ela? Ela está bem? Só me fala isso — resmungo ficando irritado, e minha mãe suspira balançando a cabeça novamente.

Porra!

Eu me viro quando a porta é aberta e Luca entra com o rosto apavorado. Sinto-me bem ao ver meu melhor amigo.

— Cara... — Ele tem lágrimas nos olhos e anda até mim, me abraçando apertado. — Que susto, irmão.

— Nem me fale. — Balanço a cabeça, limpando meu rosto molhado.

— Estou aliviado por você estar bem, sem nenhum arranhão ou sequela...

— Eu também...

— Vou tomar um café, eu já volto — minha mãe avisa e eu aceno vendo-a ir embora.

— Cara, você precisa me dizer como a Lorena está. — Eu estranho a urgência em minha voz e percebo que Luca também, pois ele se afasta, franzindo as sobrancelhas.

— Eu não sei bem, ouvi apenas a Alícia dizer que ela estava na UTI — ele me diz se aproximando novamente. — Gabrielle acabou de ter bebê, sabe? Ela não podia estar passando por isso agora — Luca lamenta e eu aceno sabendo disso.

— Como Alícia está? E os bebês? — eu me refiro aos gêmeos que ela espera. Luca ficou meio louco quando descobriu que seriam dois. Se um dá trabalho, imaginem dois?!

— Bem, faltam três meses para os nove meses, mas sabemos que eles podem vir antes. — Ele sorri orgulhoso e eu aceno.

Assim que ele vai embora, minha mãe volta. Eu adormeço no momento

em que me dão medicação.

Quando anoitece, e minha mãe dormiu em uma poltrona ao lado da minha cama, eu me ergo. Ando pelos corredores vazios e escuros até chegar ao elevador. Já estive nesse hospital com minha mãe e sei bem onde fica a UTI. Na última vez que fui até lá foi para me despedir do meu avô.

Abro a porta que dá acesso aos quartos da UTI e vou em direção às portas. Abro cada uma delas até achar a mulher por quem eu rezei, dentro do oceano, pedindo que Deus lhe deixasse viver.

Eu me aproximo devagar e sento ao seu lado. Lorena está com ataduras pela cabeça e seu braço está engessado. Olho para a pele do outro braço e vejo as mesmas queimaduras que as minhas. Não sei em que momento que o fogo atingiu nós dois, mas fomos atingidos. O indício disso está em nossa pele.

Eu me viro quando abrem a porta e uma enfermeira entra.

— O senhor não pode ficar aqui — ela me adverte.

— Eu sei, apenas quero saber como ela está — digo firme e ela vacila um pouco na posição de durona.

— Ela está em coma induzido. Sofreu pancadas sérias na cabeça — ela me informa com pesar e eu seguro a mão de Lorena.

Vai ficar tudo bem, Lorena.

Prometo em pensamento e beijo seus dedos, me erguendo.



Duas semanas depois...

— Seus cabelos estão muito bonitos hoje, sabia, Medusa!? — resmungo segurando a mão de Lorena entre meus dedos.

Acaricio as mechas do seu cabelo claro entre meus dedos e sorrio.

— Não que você não estivesse bonita antes, mas agora você parece pacífica. Isso é raro, hein? — Sorrio e elevo meus olhos para seu rosto. As ataduras saíram e agora seus cabelos estão soltos e penteados.

Gabrielle vem aqui todos os dias e faz coisas como pentear o cabelo da irmã e trazer flores. Ela trouxe até um dos seus quadros e colocou na parede.

Seus lábios estão hidratados e eu mordo minha língua quando o

pensamento de encostar os meus sobre os seus suavemente vem à minha mente. *Porra, Theo.*

— Ela chegou — Janaína me avisa da porta e eu sei que ela se refere a Gabrielle. Sempre venho aqui escondido, apenas Janaína sabe disso.

— Okay, estou indo — murmuro sabendo que Gabrielle está subindo pelo elevador. João Guilherme, o cara da segurança, avisa a Jana quando vê Gabby pelas câmeras.

Foi um pouco difícil fazer os dois se tornarem meus aliados, mas eu sou persistente. Sempre fui.

— Estou indo, beleza? — sussurro contra o ouvido de Lorena e beijo o lóbulo sentindo seu perfume suave, que Gabby passa nela todos os dias. — Amanhã estou aqui mais cedo, vou trazer algo que vai gostar — sussurro e fecho os olhos. — Meu maior sonho hoje é ver você acordada. — Eu me afasto pegando minha pasta e corro para fora assim que Gabby entra pelas portas do corredor.

Eu me escondo atrás do balcão de Jana e a escuto saudar Gabby.

— Um dia ela vai te pegar...

— Não enquanto eu tiver os guerreiros Janaína e Gui ao meu lado. — Pisco saindo de baixo do balcão e corro para as portas.

Meia hora depois eu estou na construtora revisando todos os processos e contratos que temos. O contrato que fui assinar em Paris foi um dos mais vantajosos para nossa empresa e foi por isso que eu viajei até lá.

— Bom dia, filho! — Eu ergo minha cabeça e vejo meu pai entrar na minha sala.

— Bom dia! — saúdo e relaxo na minha poltrona, esperando que ele fale o deseje.

— Sua mãe pediu que eu viesse aqui...

— Meu Deus... — Reviro os olhos sabendo bem o que vai me falar. Esfrego meu rosto e lhe dou minha atenção.

— Você saiu novamente de madrugada. Todos os dias, Theo, desde o acidente. — Ele suspira e senta à minha frente. — Você... o que você pretende indo visitar essa menina todos os dias?

— Eu sou maior de idade e não preciso que fiquem vigiando minha vida. O que ela faz para saber que hora eu saio da minha casa? Ela paga algum dos meus vizinhos para avisar a ela? Tipo, um relatório? — questiono furioso. Essa não é a primeira vez que ele vem aqui reclamar das minhas visitas a Lorena.

— Não faça isso, Theo, sua mãe está apenas preocupada. — Ele se inclina colocando seus cotovelos nos joelhos. — Não é saudável ir todo santo dia ver a menina que sofreu o mesmo acidente que você. Ela está em coma, Theo, não sabemos quando ela vai acordar ou se vai mesmo...

— Cale a boca! — grito furioso e me levanto da minha cadeira. — Ela vai acordar e eu vou estar lá para vê-la. Você me entendeu? Eu...

— Tudo bem, filho. Tudo bem. — Meu pai respira fundo e se ergue. Seu rosto está cansado e eu sei que é de preocupação comigo e com minha mãe. — Eu vou indo.

— Pai — chamo quando ele já está na porta. — Eu estou bem, tá? Está tudo bem. Eu só sou protetor com ela e eu não sei explicar isso — lamento.

Ele acena e se vai.

Aperto meus olhos, frustrado. É verdade. Eu não sei o que tem de errado comigo, eu estou obcecado por Lorena e ela nem mesmo está acordada para me ver.

Jogo o porta-canetas na parede e fito o teto por horas enquanto penso no que diabos tem de errado comigo.



— O que eu devo fazer? — Pamela pergunta baixinho enquanto eu guio sua cadeira de rodas até o quarto de Lorena.

— Você faz o que achar melhor. Pode conversar com ela, ou apenas olhar... — Eu sorrio me agachando à sua frente.

Ela olha para minha calça jeans e camiseta preta e acena devagar. Seus olhos castanhos são bem escuros e seus cabelos cacheados estão bem penteados, formando cascatas de cachos.

Abro a porta e ela entra devagar, sorrindo tensa. Pamela sorri triste para Lorena e se aproxima da cama, ficando ao lado.

— Oi. — Eu me aproximo de Lore e beijo o lóbulo da sua orelha. — A surpresa que falei ontem está aqui — digo e pisco para Pamela.

— Olá, Lore. — Sua voz doce e infantil soa no quarto e seus olhos brilham. — Eu sou a menina que você salvou... Theo e meus pais disseram que

— você foi muito corajosa e eu quero ser como você quando eu crescer. — Pam limpa seu rosto molhado e beija a bochecha de Lore. — Ainda estou no hospital, pois quebrei minha perna. Vou vir visitar você outras vezes se seu namorado me trouxer. — Eu aceno, sem desmentir a parte do namorado.

— Trarei sim — afirmo e aperto a mão de Lorena suavemente.

Levo Pamela para seu quarto e volto ao de Lorena para me sentar ao lado de sua cama. Seu rosto está como todos os dias, suave e pacífico. Seus cabelos estão penteados e eu sei que estão assim desde ontem, quando sua irmã veio.

Eu me inclino em sua direção e seguro sua mão contra meu rosto.

— Você precisa voltar, está bem? Sei que eles estão te dando medicação, mas a dosagem está bem menor agora e você pode acordar — digo firme e beijo os seus dedos.

— Theo, com licença — Jana resmunga entrando no quarto e eu sei que é para dar sedativos a Lorena.

— Já diminuíram essa porcaria? — questiono com urgência e ela revira os olhos.

— Você sabe que sim. Ela logo vai acordar, não se preocupe — Janaína responde enquanto faz o seu trabalho. — Ainda é cedo, por que não coloca música para ela como anteontem? — indica parando ao meu lado, quando já está de saída.

— Vou fazer isso, obrigado.

Retiro meu fone de ouvido do bolso e coloco um em seu ouvido e o outro no meu. Aperto play em uma música que me fez lembrar dela e engulo em seco descansando minha cabeça em sua barriga.

Ninguém vê, ninguém sabe

Nós somos um segredo, não podemos ser expostos

É como isso é, é como isso será

Longe dos outros, perto um do outro

Na luz do dia, na luz do dia

Quando o sol está brilhando

Tarde da noite, tarde noite

Quando a lua está cegando

Na vista de todos, à vista de todos

Como estrelas na clandestinidade

Você e eu, queimando

Junte dois mais dois, pra sempre nunca irá mudar

Junte dois mais dois, nunca irá mudar

Ninguém vê, ninguém sabe

Nós somos um segredo, não podemos ser expostos

É como isso é, é como isso será

Longe dos outros, perto um do outro^[1]

Meu corpo está tenso e eu reprimo a mim mesmo. O que estou fazendo? Elevo meu rosto ouvindo os acordes da música e a voz com uma rouquidão suave da cantora. Deslizo os dedos pelo rosto de Lorena quando me pergunto se meus pais estão certos. Será que vir visitá-la e estar ao seu redor está me fazendo mal? Está me consumindo?

Eu aperto meus punhos descartando essa ideia idiota. Lorena precisa de mim e eu estarei ao seu lado quando acordar. Não importa o que ando sentindo dentro de mim ou o que os outros falam. É assim que vai continuar sendo.

Passo mais alguns minutos com ela até que Jana avisa que Gabby chegou. Saio do seu quarto depois deixar um novo beijo em seu lóbulo da orelha e sussurrar, repetindo, o meu novo maior sonho.



Duas semanas e um dia depois...

Escuto meu celular tocar ao longe e me ergo contra minha vontade. Praguejo irritado quando os contratos que estava vendo ontem caem no chão. É isso que dá trabalhar na cama e desabar de sono.

— O quê? — questiono suspirando. Nem mesmo olhei o identificador de chamadas e solto um gemido quando escuto a voz dela.

— Hum, você disse que me levaria para o curso, que era caminho para você... — Tina murmura parecendo tímida e eu arregalo os olhos, correndo pelo quarto.

— Que horas são?

— Quase sete. Você acordou agora, não é? — Ela ri no fundo e eu tiro uma camiseta e uma calça jeans.

— Passo aí em um minuto. Onde está Alícia? — questiono entrando no banheiro.

Deixo o celular no viva-voz e escuto Tina responder que está ao seu lado, peço que dê o celular para ela e a irmã do meu melhor amigo faz o que foi pedido.

— Ligue para Gabrielle e atrase ela hoje, por favor? — peço sem nem mesmo me dar conta do que eu acabei de dizer.

— O quê?! Como assim? — A voz da Ali está confusa e eu solto um gemido fraco.

Porra, ninguém sabe das minhas visitas a Lorena, nem mesmo Luca.

— Eu... — tento responder, mas acabo falhando e respiro fundo. — Estou visitando Lorena e eu não quero que Gabby me pegue lá. Você pode atrasá-la enquanto eu vou ver a irmã dela? — Eu rezo tirando minha roupa que ela não pergunte nada.

— Tu-tudo bem... Theo, você está bem? — Sua voz doce e preocupada me faz retesar.

— Estou, faça apenas esse favor para mim, ok? — Ela desliga em seguida dizendo que vai fazer.

Eu me arrumo depois do banho bem rápido e corro para meu carro. Passo na casa de Alícia e pego Tina. Assim que saio com o carro vejo Gabrielle estacionar, saindo do carro bem apressada.

— Lili disse que o bebê estava nascendo — Valentina me informa.

— Sério? — pergunto retoricamente e Tina acena.

— Você se apaixonou por ela, Theo? — ela questiona sussurrando e eu olho pela janela fingindo não ouvir. — Tudo bem. — Seus ombros caem e ela passa o resto do caminho calada.

Tina abre a porta do carro e eu seguro seu braço.

— Não sei, Tina — respondo com sinceridade e sinto sua mão em meu rosto.

— Você merece ser amado. — Ela beija minha bochecha e sai andando até o prédio.

Ela nem parece mais a menina para quem eu comprava mochilas e brinquedos.

Chego ao hospital quase às oito horas. Janaína suspira aliviada ao me ver

e me segue até o quarto de Lorena.

— Pensei que tinha morrido. Nunca se atrasou tanto. — Ela faz careta e eu a observo apenas arrumar Lorena na cama.

— Dormi demais. Ontem tive que rever trabalhos que ficaram pendentes — digo e me sento ao lado da cama, esperando Jana sair.

Os sedativos foram suspensos da sua medicação e agora estamos apenas à espera do momento em que ela vai acordar.

— Vamos, sua preguiçosa. Estou cansado de esperar — bufo beijando sua orelha, bem no lóbulo. — Acorde, Lore — peço suavemente enquanto deixo meus lábios no canto da sua boca. — Você sabe o quanto desejo te beijar? Você estaria se perguntando por que diabos eu desejaria isso, e eu te diria que não sei. Caramba, eu não sei mesmo. — Coço minha nuca e encaro seus olhos fechados. — A única coisa que eu sei é que você entrou na minha cabeça e não sai.

Solto um gemido e beijo sua testa.

— Você vai me beijar, não vai? Quando você acordar você precisa fazer isso. Não quero ser seu amigo merda nenhuma, e nada dessa baboseira que gostam de enfeitar relacionamentos — falo de uma vez e mordo minha boca frustrado. — Você vai ser minha quando se levantar dessa cama. Eu juro que vai — sentencio me achando um tolo, idiota e estúpido por estar falando essas coisas.

Quando isso começou? Quando eu passei a querer bem mais dessa garota que apenas amizade? Caralho, eu estou fodido.

— Ela chegou — Jana avisa e eu aceno me erguendo.

Eu me aproximo de Lorena e sussurro em seu ouvido:

— Meu maior sonho hoje é ver você acordada.

Saio do seu quarto e encaro Janaína e Gui, que está ao seu lado.

— Qualquer novidade...

— Avisaremos — os dois dizem juntos e eu agradeço.



— Como você furou o pneu? Porra, isso foi um estrago. — A voz do Luca sai abafada enquanto ele troca a porcaria furada pelo estepe.

— Não faço ideia. Só percebi quando cheguei ao trabalho. — Dou de ombros sentado na bancada.

Kieran sai do escritório e para quando me vê.

— Theo. — Sua saudação é fria e eu aceno sem lhe dar atenção.

Não que eu não goste do cara, sério, não tenho nada contra, mas ele me ameaçou tempos atrás pensando que eu estava a fim da Gabby. Idiota.

— Prontinho. — Luca sorri se erguendo e eu tiro o seu dinheiro da carteira.

O celular do Kieran toca assim que eu pulo da bancada. Ele atende e permanece calado por uns segundos enquanto sorri aliviado.

— Estou indo, amor. — Ele se vira para mim e acena devagar. — Lorena vai voltar para você. Eu te falei que iria. — Eu pego as chaves do Luca e começo a sair da oficina.

— Lorena acordou? — Luca pergunta enquanto eu paro de andar e permaneço esperando uma resposta.

— Sim. Ela acordou.

Eu não me despeço, apenas corro para meu carro e vou para o hospital passando todos os sinais vermelhos e infringindo a lei ao andar acima da velocidade permitida. Não me importo. Jana e Gui me ligam assim que estaciono o carro.

— Ela acordou...

— Estou subindo — eu interrompo e desligo o celular.

Capítulo 03



LORENA

“— Seus cabelos estão muito bonitos hoje, sabia, Medusa!?”

“— Você vai ser minha quando se levantar dessa cama. Eu juro que vai.”

“— Eu sou a menina que você salvou...”

“— Meu maior sonho hoje é ver você acordada.”

Frases ecoam na minha cabeça enquanto meus olhos teimam em tremer. Sinto uma lágrima descendo pela minha bochecha ao entender as frases. Theo.

Vejo um pequeno ponto de luz no fundo quando sinto dedos em meu rosto abrindo meus olhos. Aperto as minhas mãos e sinto dedos apertarem de volta.

— Ela está acordando — alguém pronuncia e eu sinto um beijo contra meu rosto.

— Ela está acordando. Ela vai acordar. Respondeu aos estímulos do médico. — Eu sinto novas lágrimas quando escuto a voz da minha irmã.

Minha cabeça volta a pesar e eu sinto a escuridão começar a me engolir novamente, quero ficar acordada, preciso saber do Theo. Ele está bem?

As vozes que escutei... pareciam com a dele...



— Ei! — Eu tento abrir minhas pálpebras quando a voz dele entra em minha cabeça. — Você está quase realizando meu maior sonho, Medusa. Acorde. Vamos, sua preguiçosa. — Eu quero sorrir, mas não sei se devo. Um arrepio sobe pela minha espinha quando seus lábios beijam meu lóbulo da orelha.

Ele está bem. Está conversando comigo. Dentro de mim eu relaxo, Theo sobreviveu. Isso é o que importa.

— Vamos, mana — Gabby fala ao fundo e eu tento novamente mover minhas pálpebras.

Elas tremem e enfim meus olhos abrem. Pisco quando a escuridão ainda é tudo o que vejo. Puxo meu braço com muita dificuldade e toco meus olhos devagar.

— Lorena. — Theo está por perto, sinto seus dedos dentro da minha mão.

Ergo meu rosto tentando enxergá-lo ou até Gabby, mas nada muda. O breu completo está à minha frente. Eu fecho os olhos abrindo-os em seguida tremendo de medo. Quero fugir da escuridão abrindo os olhos, mas é somente ela que me segue. O que está acontecendo?

— Lore? — Gabby está confusa, eu sinto apenas por sua voz.

— Escuro. — Minha voz sai grossa e logo começo a tossir.

— Jana, me dê a água. — Theo pede e sua voz treme um pouco.

— Ela não pode beber água. Acabou de acordar.

— Lorena, o que está escuro? — Uma voz diferente se faz presente e eu sei que é meu cunhado, Kieran.

— Tudo. Eu não enxergo. Gabby? — chamo minha irmã me mexendo na cama, tentando encontrá-la. Assim que sinto sua mão eu a puxo e abraço seu corpo. — Mana, está tudo escuro. Eu tenho medo. Gabby, por favor. Gabby, por favor, por favor, por favor.

Meu lamento se segue e eu sinto o corpo da minha irmã tremer cada vez que eu imploro. Sinto umidade contra meu rosto e eu sei que são as nossas lágrimas juntas.

— Lorena, o médico vai te examinar. Deite, por favor — Theo fala e eu me solto da minha irmã e procuro sua mão. Assim que nossos dedos se tocam eu aperto sua mão.

— Você está bem? — questiono enquanto escaro a escuridão de olhos abertos.

— Sim, Medusa, eu estou. — Eu engulo em seco e sorrio um pouco. Pelo menos ele está bem.

— Onde o médico está? — pergunto ansiosa. Puxo Gabby, que permaneceu segurando minha mão, e me seguro nela. — Não me deixe, Gabby. Eu tenho medo do escuro...

— Está tudo bem. Não sairei daqui. Eu juro. — Relaxo com sua promessa.

E de repente ouvi uma voz rouca e cansada que começou a explicar;

— Lorena, estamos muito felizes que acordou. Você sofreu uma pancada muito forte na cabeça, que ocasionou uma lesão no lóbulo occipital. Falando em palavras que possa entender, esse lóbulo é o sistema que cuida da nossa visão. Precisamos esperar a lesão sarar para que eu possa dizer com exatidão se a sua

cegueira é temporária ou não. — A voz dele é bem suave enquanto escuto o barulho de folhas de papel, talvez os exames que eles fazem. Mesmo aterrorizada, eu aceno respirando fundo.

Não sei quantos minutos passam, mas eu escuto os fungados da Gabby e os círculos que Theo faz na minha mão. O médico abriu meus olhos, um de cada vez, e me perguntou se eu conseguia ver algo.

— Uma luz bem fraca, no final — respondo, escutando o médico rir em seguida e meus amigos suspirarem aliviados.

— Isso é ótimo — o médico fala alegre e eu sinto Theo apertar meus dedos e Gabby beijar minha cabeça.

Ele sai da sala com a Gabby e eu fico receosa pelo que eles estão conversando. Theo se move e eu viro minha cabeça para a direção que ele está.

— Vai ficar tudo bem — ele murmura devagar e eu deito minha cabeça no travesseiro.

— Eu tenho medo de escuro — confesso fechando os olhos. — Sempre tive, mas agora eu estou apavorada. — Engulo em seco e seus dedos sobem pela pele do meu braço. — Não tanto quando aperto os olhos, mas abrindo-os parece que é o meu pior pesadelo. — Minha voz treme.

— Todo mundo tem medos — ele sussurra perto do meu ouvido e eu sinto seu hálito quente beijar minha pele.

— O que está fazendo aqui, Theo? Eu lembro de frases ecoando na minha cabeça e elas eram sussurradas por você — falo rapidamente antes que eu comece a chorar.

— Eu... — Ele para de falar e eu ergo minha mão para tocar seu rosto. Meu corpo parece cansado, erguer a mão para tocar meu rosto e puxar Gabby me exausta de uma maneira que não sei explicar.

Deslizo pela sua bochecha e chego à sua boca. Não entendo minhas atitudes, mas eu quero tocar nele. Recordar mais ainda seu rosto. A curva do arco do cupido dos seus lábios carnudos é acentuada e eu passo meus dedos por ela. Subo para seus olhos e contorno-os, lembrando devagar o seu rosto completo.

— Você é bonito, sabia? — digo, sem perceber, e ele sorri contra meus dedos.

— Você é mais, Medusa.

— Não me chame assim — respondo com uma careta ainda com os olhos bem fechados. Tenho medo de a escuridão me engolir.

— Você gosta. — Ele ri e eu suspiro, sentindo meu coração dar um pulo.

O que é isso? Afasto minha mão da sua pele devagar e me distancio. Sinto a escuridão à espreita, mas não quero fazer Theo achar que eu quero me apoiar nele. Nem mesmo o conheço, não é porque nos acidentamos juntos que eu quero me aproximar. Isso não está acontecendo.

— Ei...

— Onde Gabby está? Pode chamar ela? — mudo de assunto querendo que ele vá embora.

— Lorena...

— Preciso conversar com ela — eu o interrompo e ele pega minha mão novamente, mantendo-a para ele, quando eu tento puxar.

— Eu vou chamá-la — ele avisa e eu aceno, tentando puxar o meu braço. — Pare de puxar o braço...

— Eu estou bem, Theo, é melhor você ir embora — digo firme, mas ele continua segurando meus dedos.

— Eu estava só preocupado com você... Eu pensei que tinha morrido...

— Eu também pensei que você tinha morrido, mas eu.... é melhor você ir — murmuro por fim e ele solta meus dedos.

— Medusa — ele resmunga sob sua respiração e eu viro minha cabeça para o lado oposto ao que ele está, enquanto seguro minhas mãos em meu colo.

Pulo quando sinto seus lábios tocarem minha orelha.

— Volto manhã. — E assim ele some.



— Como Luca é? Ele parece com você? — questiono à minha irmã quando estamos sozinhas.

Faz um tempo que Theo se foi e Kieran voltou para o trabalho, dizendo que se Gabby precisasse de algo voltaria.

— Que nada! É a cara do Kieran, como Nico. — Escuto um sorriso em sua voz e eu aperto sua mão, sentindo felicidade transbordar de mim.

— Quero vê-lo, apenas senti-lo. Será que ele pode vir com você?

— Acho que não. Ele é apenas um recém-nascido. — Ela suspira

desanimada. — Você vai amá-lo quando enfim conhecê-lo. Ele é perfeito...

— Eu já o amo — sussurro de olhos fechados.

— Hum... — Gabby balbucia, mas não finaliza. Escuto seu suspiro. — Theo veio aqui, eu achei estranho como ele se comportou... — Ela passa a mão pelo meu rosto e sua voz se suaviza. — Vocês já ficaram? Digo, ele parecia muito preocupado e...

— Não. Nunca ficamos — respondo firme e ela permanece calada.

— Lore...

— Eu acho que preciso descansar um pouco — eu a interrompo irritada e sinto-a se afastar de mim. — Vá para casa. Eu quero ficar sozinha. — Eu me viro para o lado contrário, dando-lhe as costas.

— Voltarei mais tarde, à noite...

— Não, eu preciso ficar sozinha. Me desculpa.

Eu seguro as lágrimas até que ela diz um *está tudo bem* e vai embora. Abraço meu corpo e deixo meu choro fluir. Não sei quando paro, mas sei que adormeço e é aí que meu verdadeiro pesadelo começa.

Grito quando sinto um solavanco no avião. Theo agarra minha mão assim que eu vejo uma mulher ser atirada quase para o teto do avião.

— Estamos caindo... Theo! — eu grito completamente apavorada e ele puxa meus braços, colocando-os entre as minhas pernas.

— Fique assim. Não se mexa! — Ele me olha com o rosto cheio de medo e eu sinto lágrimas descenderem por meus olhos.

— Mantenha sua cabeça para baixo, abrace para o impacto. Mantenha sua cabeça para baixo, abrace para o impacto. — A voz da aeromoça surge e eu viro minha cabeça quando me lembro da menina ao lado.

Seu rosto está apavorado e ela está no piso, não em seu assento. Eu engulo minhas lágrimas e retiro o cinto, me erguendo e segurando na poltrona.

— Lorena, senta agora! — Theo grita me puxando pelo braço, mas eu preciso ajudar a menina.

— Ela está sem cinto... — grito sob o barulho de gritos.

Theo olha para a menina e eu uso essa abertura para ir até ela. Coloco-a no banco e passo o cinto por seu corpo enquanto ela chora desesperada. Olho para trás e grito quando sinto uma pancada na minha cabeça. Minha vista escurece e eu caio ao lado da menina.

— Porra! — eu escuto o grito do Theo ao longe, mas a escuridão me engole e eu apenas adormeço.

Eu acordo querendo tirar a visão do rosto da criança dos meus pensamentos e a voz do Theo que ressoou longe. Sinto a dor na minha cabeça surgir e abraço meu próprio corpo, me balançando para frente e para trás enquanto conto de olhos fechados.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.

Recomeço a contagem sentindo minha respiração acelerada e meu batimento cardíaco descontrolado. Escuto os gritos do Theo ainda em minha cabeça, se repetindo, porém, bem ao fundo, também escuto um bipe aumentando.

— O que está acontecendo? — a voz da minha irmã surge e eu aperto meus olhos contando novamente.

Passa um tempo com Gabby repetindo a pergunta, os gritos do Theo me mandando sentar, os olhos medrosos da garotinha e os bipes idiotas. Eu paro de contar assim que tudo cessa.

Retiro os braços que abraçavam minha barriga e me deito suavemente, com os olhos fechados. Sinto Gabby segurar minha mão e sussurrar que está tudo bem.

Eu sei que não está nada bem.

Gabrielle mentiu pensando que eu estava fraca demais para suportar que eu estava tendo terrores e flashbacks.

Sabia que eu tinha mudado, mas não sabia que era tanto.



THEO

Horas antes...

Abro a porta do quarto com Jana atrás de mim. Gabby ergue seu olhar e me olha franzindo as sobrancelhas.

— Oi, Theo. É... como está? — ela parece realmente confusa e eu me aproximo de Lorena, sentindo minha garganta coçar.

Ela parece ainda dormir, mas sei que Gabby disse que ela estava acordando.

— Bem, e ela? — pergunto tentando soar calmo.

— Ela está acordando. Estou falando com ela, o médico disse que isso pode estimular o seu despertar. — Ela segura a mão da irmã e eu aceno, puxando uma cadeira e me sentando.

Kieran chega e parece tão confuso quanto Gabby pela minha presença. Esqueço os dois e me inclino para Lorena, sorrindo ao sentir o seu perfume.

— Ei! — sussurro, começando a falar devagar. — Você está quase realizando meu maior sonho, Medusa. Acorde. Vamos, sua preguiçosa. — Eu sorrio e beijo o lóbulo da orelha dela.

Gabrielle se aproxima também, ainda me olhando estranho, com seu quase marido no encalço.

— Vamos, mana — Gabby fala enquanto nós dois observamos as pálpebras dela tremerem e então se abrirem.

— Lorena — falo emocionado e encaro seus olhos castanhos parecendo desnorteados.

Ela fecha os olhos e cobre seu rosto com uma das mãos, tremendo. Eu me ergo me aproximando mais enquanto Gabby me olha alarmada.

— Lore? — Gabby se abaixa e olha diretamente para o rosto da irmã, que continua de olhos fechados.

— Escuro — Lorena responde com a voz grossa e logo começa a tossir repetidamente.

— Jana, me dê a água — peço tremendo dos pés à cabeça.

— Ela não pode beber água. Acabou de acordar.

— Lorena, o que está escuro? — Kieran fala pela primeira vez e eu vejo Lore abrir e fechar os olhos novamente.

— Tudo. Eu não enxergo nada. Gabby? — ela chama a irmã, se sentando, e abraça o corpo da Gabby, parecendo completamente em pânico. — Mana, está escuro, tudo. Eu tenho medo. Gabby, por favor. Gabby, por favor, por favor, por favor.

Lorena chora contra Gabby, que se encolhe a cada vez que a irmã implora. Meus punhos se juntam e eu levo um deles à boca sem saber o que fazer. Eu me viro para Jana e silenciosamente peço que traga o médico da Lorena.

— Lorena, o médico vai te examinar. Deite, por favor — eu peço e a vejo se soltar de Gabby e me dar sua mão delicada. Assim que nossos dedos se tocam ela aperta minha mão.

— Você está bem? — ela questiona me encarando, porém sem foco algum, como se ela não tivesse me enxergando de verdade.

— Sim, Medusa, eu estou. — Consigo respondê-la e respiro aliviado quando ela sorri um pouco.

— Onde o médico está? — pergunta ansiosa. Ela puxa Gabby e se segura nela. — Não me deixe, Gabby. Eu tenho medo do escuro...

— Está tudo bem. Não sairei daqui. Eu juro. — O corpo da Lorena suaviza assim que Gabrielle faz a sua promessa.

A porta se abre e o médico entra. Ele é um senhor de idade e sempre me olha como se eu estivesse cometendo uma loucura.

— Lorena, estamos muito felizes que acordou. Você sofreu uma pancada muito forte na cabeça, que ocasionou uma lesão no lóbulo occipital. Falando em palavras que possa entender, esse lóbulo é o sistema que cuida da nossa visão. Precisamos esperar a lesão sarar para que eu possa dizer com exatidão se a sua cegueira é temporária ou não — ele fala devagar enquanto folheia o exame dela e Lore acena respirando fundo.

Enquanto ele a examina permaneço com sua mão na minha. Sinto-me sufocado, parece que a qualquer momento ele pode nos dar uma notícia ruim.

— Você está vendo algo? — ele questiona enquanto coloca uma lanterna no olho direito e esquerdo dela de cada vez. Nas duas ela responde:

— Uma luz bem fraca, no final.

Ele olha para nós rindo e acena, fazendo com que todos nós relaxemos.

— Isso é ótimo — o médico fala para ela enquanto eu aperto seus dedos.

— Gabby, me siga, por favor.

Ele leva Gabrielle para fora e Kieran os segue, nos deixando a sós. Eu me movo para mais perto de Lorena e ela vira a cabeça para mim.

— Vai ficar tudo bem — digo suavemente enquanto ela relaxa na cama.

— Eu tenho medo do escuro. — Sua voz ainda está rouca, porém não presto atenção nisso, mas, sim, no que acaba de confidenciar. — Sempre tive, mas agora eu estou apavorada. — Ela sorri triste e engulo em seco tocando sua pele. — Não tanto quando aperto os olhos, mas abrindo-os parece que é o meu pior pesadelo. — Sua voz treme e eu aperto meus olhos com raiva.

— Todo mundo tem medos — eu digo me aproximando do seu ouvido.

— O que está fazendo aqui, Theo? Eu lembro de frases ecoando na minha cabeça e elas eram sussurradas por você. — Sua pergunta me pega completamente desprevenido.

— Eu... — eu paro de falar quando ela eleva a mão e toca meu rosto devagar.

— Você é bonito, sabia? — diz e eu sorrio contra sua mão.

— Você é mais, Medusa — brinco com seu apelido e ela faz careta.

— Não me chame assim.

— Você gosta. — Eu rio e a escuto suspirar alto.

Seu rosto se franze e ela afasta a mão e se distancia. Eu franzo o rosto sem entender por que ela parece retroceder depois da brincadeira.

— Ei... — tento falar, porém, ela me interrompe.

— Onde Gabby está? Pode chamar ela?

— Lorena...

— Preciso conversar com ela — ela diz, mas eu quero saber por qual motivo ficou assim. Pego sua mão novamente mantendo-a comigo contra sua vontade.

— Eu vou chamá-la — eu aviso e ela acena, tentando se afastar novamente. — Pare de puxar o braço...

— Eu estou bem, Theo, é melhor você ir embora. — Sua voz é irritada e eu fico ainda mais confuso.

— Eu estava só preocupado com você... Eu pensei que tinha morrido... — falo uma meia verdade, pois não posso lhe contar que estou pensando nela em mais do que apenas amigos.

— Eu também pensei que você tinha morrido, mas eu... é melhor você ir — murmura firme e eu solto sua mão.

— Medusa — praguejo me sentindo irritado.

O que eu fiz? Só estávamos brincando, eu não sabia que ela ficaria assim. Esfrego meu rosto vendo-a se virar para o lado oposto a mim e me inclino, beijando sua orelha mais uma vez.

— Volto manhã — murmuro e saio do seu quarto rapidamente.

Capítulo 04



LORENA

Duas semanas depois...

Estremeço sentindo as escovadas que Gabby passa em meu cabelo. Pego nas pontas e sinto-o mais curto que o normal.

— Meu cabelo foi cortado? — questiono um pouco alto demais.

— Parece que queimou as pontas. Eu cortei apenas um pouco para organizar...

— Meu cabelo era bonito longo — contraponho irritada.

Pego a escova da mão dela e eu mesma penteio meu cabelo.

— O que você tem? Está irritada o tempo todo — Gabrielle fala firme e eu sinto a enorme vontade de revirar os olhos, mas tenho medo da escuridão.

— Nada, eu acho melhor você ir para casa. Vá cuidar dos seus filhos — resmungo me concentrando em me pentear.

— Eles estão bem, Lorena, eu não entendo por que está me tratando assim...

— Gabrielle, nem tudo gira em torno de você, agora vá embora! — eu grito descontrolada e sinto sua respiração entrecortada.

— Eu volto mais tarde...

Permaneço calada até ouvir a porta bater. Meu coração dói e eu quero entender por que estou sendo tão vadia com minha irmã. Ela é a única família que eu tenho.

Se eu conseguir ser sincera, direi que é por meus pais. Onde eles estão? Faz duas semanas que eu acordei e eles ainda não vieram me ver. Meus olhos queimam com lágrimas e procuro o botão ao lado da cama e o aperto, chamando a enfermeira.

— Preciso de um telefone. Quero que ligue para minha irmã, se possível — eu consigo dizer assim que a porta abre.

— Claro. — Passam alguns segundos e então ela me passa o celular. Coloco em meu ouvido e escuto chamar até Gabby atender.

— Janaína, ela está bem? Estou voltando...

— Sou eu — murmuro devagar e me encolho em uma bolha na cama.

— Ah. Oi, Lorena.

— Por que eles não vieram me ver ainda? Estão viajando, não é? —

questiono sussurrando com medo da fragilidade que escuto em minha voz.

— Mana...

— Com certeza devem estar viajando. Papai saiu a negócios, foi isso? — Abafo meu soluço com a mão e escuto Gabby respirar fundo.

— Eles... Sim, estão viajando. Mas já sabem que acordou, então logo virão te visitar, está bem? — ela promete e eu solto a respiração que eu nem sabia que estava prendendo.

— Tá. — Eu desligo e deixo o celular de lado.

— Hum. — Escuto a enfermeira e agradeço pelo celular.

Quando escuto seus passos saindo do quarto eu começo a torcer meus dedos. Onde ele está? Será que ficou magoado por eu tê-lo mandado embora?

— Espere, por favor — peço engolindo em seco e me sentando.

— A senhorita precisa de mais alguma coisa?

— Theo — murmuro e abro meus olhos, ainda escarando a escuridão. — Ele não veio mais aqui? — Esfrego minha orelha e suspiro. — Tipo, eu só estou perguntando, pois ele estava aqui quando acordei...

— Ele estava aqui bem antes de você acordar. Ele chegava a esse hospital às cinco horas da manhã todos os dias desde que ele teve alta. Isso já faz mais de um mês. — Sua voz é carinhosa ao falar dele e eu pisco franzindo a testa.

— Co-como assim?

— Ele te visitou todo dia. Ele conversou com você, colocou músicas para tocar. — Ela ri um pouco e eu coloco uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Eu sei quando alguém gosta de outra pessoa, quando se apaixona... Theo é assim por você.

— Você está louca — afirmo balançando a cabeça. — Não nos conhecemos. Como alguém se apaixona por uma pessoa que nem mesmo conhece? Por alguém que está dormindo?

— Não, querida. A gente se apaixona pelo que as pessoas nos fazem sentir. Ele se sente vivo quando está nesse quarto com você. — Ela suspira e eu pulo assustada quando sua mão desliza na minha. — Acho que você deveria conversar com a psicóloga do hospital, ela vai te fazer enxergar que a paixão não está no conhecer, mas, sim, no que nos faz bem. — Janaína solta minha mão e eu mordo meu lábio sem saber o que dizer. — E ele continua vindo todos os dias. Fica sentado no corredor por uma hora, depois se levanta e vai embora.

Aperto a carne da minha boca até sentir sangue. Como assim ele vem e fica lá fora?

— Todos os dias?

— Todos os dias, querida. Às cinco da manhã — ela fala suavemente e eu aceno, dizendo que entendi. Ela bate a porta logo após.

Quando eu termino de almoçar com a ajuda de outra enfermeira escuto a porta abrir. Ergo meu rosto, abrindo os olhos por um momento, mas volto a fechá-los.

— Eu entendo sua revolta. Entendo mesmo, e eu sinto muito por você estar sem poder enxergar — Kieran começa a falar e eu franzo as sobrancelhas. — Mas, Lorena, se você pensa que pode deixar Gabrielle triste com isso, eu te digo que não. Você não pode. Ela ainda está de resguardo, Luca ainda mama, mas ela continua ficando aqui todas as manhãs e vem à noite antes de você dormir. Isso já faz mais de um mês. E você, o que faz? A trata como se a culpa fosse dela. — Sua voz cresce um pouco e eu respiro fundo, sentindo que pelo menos ele me trata como eu devo ser tratada. — Sua irmã te ama e eu sabia disso desde o momento que nos apaixonamos. Eu sabia que se eu quisesse ela, você viria no pacote. E porra, eu te amo, sim. Você é minha família também, mas não faça mais sua irmã chorar, Lorena. Ela não tem culpa do que te aconteceu...

— Eu sei — resmungo e levo as mãos aos meus olhos enquanto as lágrimas rompem e os soluços começam. — Eu sinto mu-muito... não sei o que está acontecendo comigo, sempre fui idiota e impulsiva, mas agora minha raiva está em um nível maior. — Os braços do meu cunhado me rodeiam e ele me abraça.

— Nós estamos aqui, Lore. Gabby e eu não vamos a lugar nenhum, e se formos você vai conosco, porque é isso que família faz. — Sua afirmação me faz acenar repetidas vezes contra seu peito.

— Ela me disse que nossos pais estão viajando — resmungo devagar enquanto ele se afasta e eu começo a limpar minhas lágrimas. — Ela mentiu, não é? Eles sabem do meu acidente, da sequela e nunca vieram aqui me ver. Me fale a verdade, Kieran. Eu preciso virar essa página...

— Eles não são seus pais, Lorena. Eles nunca foram. E sim, Gabby mentiu, ela não queria te machucar com a verdade. — Ele respira fundo e segura minha mão. — Gabrielle ligou diversas vezes, eles nunca retornaram.

— Eu deveria ter imaginado. — Dou de ombros acenando.

— As atitudes deles não são culpa sua. Eles são dois monstros, Lorena e nós, sua família, queremos que tudo continue como está. Eles longe da gente.

— Eu entendi. Obrigada, Kieran.

— Sempre aqui. Agora deixa eu ir, porque Luca está sozinho na oficina.

— Ele ri falando e eu aceno. — Ah, mais tarde tem visita surpresa para você. — Kieran bate a porta e vai embora.

Visita surpresa?

À tarde eu estou inquieta quando dá o horário de visitas. Eu não faço ideia de quem seja, até porque quem tinha de vir me visitar já veio. Kieran e Gabby, minha família, como ele falou. E Theo.

Fecho meus olhos quando penso nele sentado, ali fora, hoje, pela manhã. Como Gabby não me contava isso? Por que não contou hoje?

— Visita para você, Lorena. — Janaína fala e eu me sento devagar, abrindo meus olhos, mas apenas encontro a escuridão.

Algo dentro de mim me pede para fechar os olhos, mas não vou obedecer aos meus medos. Eles vão crescer e me apavorar.

— Ei! — Eu franzo as sobrancelhas ouvindo a voz do Luca, amigo do Theo e marido da Alícia, melhor amiga da minha irmã.

— Oh, oi. É...

— Como você está? — ele pergunta e eu o sinto se encostar ao lado da minha cama.

— Bem, só está tudo meio escuro. — Sorrio devagar e ele suspira.

— É temporário, não é? Seja forte no escuro e se agarre às vozes ao seu redor. — Ele ri falando. — Alícia está aqui também, mas como vocês meio que se odeiam, ela prefere ficar calada...

Eu arregalo os olhos e escuto os cliques de um salto.

— Luca, pare com isso! — ela fala irritada e eu mordo meu lábio quando sinto vontade de tocar minha orelha. — Tínhamos nossas desavenças...

— Eu queria seu homem. — Eu sorrio e ela fica calada. — É uma desavença e tanto...

— Sim, principalmente quando o que sentimos é amor, não apenas uma aventura. — Eu sinto o rancor em sua voz, mas apenas aceno.

— Nunca seremos amigas, Alícia. Porém, Luca é completamente apaixonado por você, então não tem nenhum perigo por aqui.

— Eu sei. Me desculpe. — Ela suspira e logo depois pega minha mão. — Enfim, viemos saber como estava e trazer flores. Espero que se recupere logo. — Eu sei que seu desejo é sincero, por isso agradeço.

— Obrigada por terem vindo. De verdade.

— Não foi nada. — Luca aperta minha outra mão e eu aperto a dele de volta. — Fique bem, fique firme, Lorena — ele murmura e eu aceno.

Os dois vão embora e eu fico sozinha apenas escutando o barulho do corredor do hospital. Quero ir para casa, mas o médico disse que preciso ficar mais alguns dias aqui, para me monitorar. Eu me encolho e abraço meu corpo.

O sono me vence e mais uma vez, em mais um dia, os pesadelos me seguem.

— *Acorde. — Eu abro meus olhos devagar e sinto Theo à minha frente.*

Minha pele estremece e sinto algo gelado contra meu corpo. Segundos depois percebo que estamos na água.

— *Está tudo bem, viu? — ele geme e eu tento erguer minha cabeça, mas ela está pesada e dor dispara por ela e pelo meu corpo. — Olhe para mim — ele pede e eu abro bem os olhos, sentindo seu braço ao redor da minha cintura, me segurando. Seu outro braço está segurando um pedaço de alguma coisa que está nos fazendo boiar.*

Aperto meus olhos percebendo que tudo está muito escuro, mas ainda é dia. Por que estou enxergando escuro?

— *Onde estamos? Cadê a menina...*

— *O avião caiu no mar. Eu não sei de ninguém, só de você, pois te coloquei de volta no assento ao meu lado e te segurei. — Eu escuto sua voz, mas não consigo mais vê-lo. Está tudo escuro.*

— *Theo...*

— *Você me perguntou qual o meu maior sonho e eu respondi que era ter um. Realizei o maior sonho, pois agora o que mais quero na vida é que saíamos daqui vivos. — Sua voz me faz sorrir mesmo diante da escuridão.*

Acordo de repente e me sento rapidamente. O movimento me faz perder o equilíbrio e caio da cama. Não chego a sentir o chão, pois braços envolvem minha cintura e me mantêm longe da queda. O aroma forte de madeira com um toque cítrico me faz inspirar. Já senti esse cheiro.

— *Quem é? — questiono rápido. O homem me coloca de volta na cama ainda em silêncio e eu engulo em seco, abraçando minhas pernas.*

— *Me responda... — peço, mas quando o silêncio se segue eu aperto o botão ao lado da minha cama, chamando a enfermeira. Paro de me mexer quando lembro porque o cheiro parece ser conhecido. Eu o senti quando estava em coma, eu me lembro disso.*

— *Theo? É você? — Minha voz treme e eu tato a cama tentando me levantar.*

A porta se abre e eu consigo colocar os pés no chão.

— Jana, é você? — pergunto e suspiro um pouco.

— Oi, querida. Você se ergueu, que maravilha. Podemos ir passear, se quiser. Ainda não anoiteceu, podemos ver o pôr do sol...

— Theo estava aqui? — ignoro seu convite. Era ele. O cheiro dele é esse.

— Hum, eu não sei. Quando entrei não tinha ninguém — ela me responde e eu aceno, engolindo em seco.

— Eu gostaria de ir passear, Jana. Por favor — peço cansada e ela parece ficar bem alegre. — Posso vestir alguma coisa que não seja essa roupa? Me sinto constantemente feia nela.

— Claro. Sua irmã trouxe vestidos bonitos para você.

Ela continua falando enquanto eu permaneço apenas calada, ou sorrindo. Assim que pego em seu braço e começamos a caminhar, eu sinto arrepios pelo meu corpo.

— Jana, ele está aqui, agora? Por favor, não minta — peço suavemente quando sinto os raios de sol sobre a minha pele, esquentando-a.

— Não está, eu juro. — Eu acredito nela.

— Preciso que me ajude com algo — murmuro e ela me ajuda a sentar no que parece ser um banco de madeira.

— Em quê? — Sua voz é super empolgada e eu relaxo, sabendo que posso confiar nela. Conto os detalhes do que eu quero e quando finalizo ela promete me ajudar.

Relaxo no banco e abro bem os olhos, olhando para cima. Sorrio quando, lá no fim da escuridão que me rodeia, eu vejo um feixe de luz. Eu me agarro a esse ponto com todas as minhas forças e eu sei que elas são maiores do que penso.

Capítulo 05



THEO

Entro no hospital assim que meu celular toca. Clico em desligar assim que vejo o nome do meu irmão. Não preciso de mais merda vindo de nenhum deles.

“Atenda seu celular e aja como um homem, seu idiota!”

“Vá se foder!”

“É importante, Theo. São apenas dois dias.”

“Eu não irei. Não vou sair dessa cidade.”

“Ela está bem, você sabe disso.”

“Já falei que não vou, Ricardo. Não a coloque no meio disso.”

“Você que coloca! Ela está vindo em primeiro lugar em tudo, merda. Somos sua família, Theo. É Natal, você precisa passar conosco.”

“Pare de me enviar mensagens, além do mais, faltam dias. Vá transar!”

Guardo o aparelho no bolso e sorrio para as recepcionistas que já me conhecem. Abro a porta do corredor e vejo Jana com um sorriso imenso no rosto.

— Ela perguntou por você. — Ela pisca e eu sorrio.

— Sério?

— Sim, perguntou se você não tinha vindo mais. Eu contei que você vem todos os dias, mas fica do lado de fora...

— Você me fez parecer um pobre coitado...

— Você é. — Ela ri me dispensando enquanto começa a preencher algumas planilhas em seu computador.

Entro no quarto de Lorena ao ver que ela está dormindo. Eu me sento ao lado da sua cama e descanso minhas costas doídas na poltrona confortável. Seu corpo começa a se mexer e seus olhos se apertam. Eu me forço a ficar parado, porém, quando ela acorda de repente e perde o equilíbrio, tentando se sentar, eu a seguro antes que caia no chão.

Lorena se agarra a mim e respiro fundo tentando ficar calado.

— Quem é? — ela pergunta, mas me mantenho em silêncio e coloco-a de volta na cama. Lorena abraça suas coxas grossas e volta a falar. — Me responda... — ela pede, porém continuo calado e me afasto um pouco da sua cama. Vejo quando aperta o botão chamando Janaína e também quando seu rosto suaviza de repente.

— Theo? É você? — sua voz treme e ela tateia a cama tentando se levantar.

Fico por perto, com medo de que ela caia, porém, assim que a porta do seu quarto é aberta, ela consegue colocar os pés no chão.

— Jana, é você? — Lore suspira e eu me afasto um pouco, ficando perto de Janaína. Coloco meus dedos sobre meus lábios lhe dizendo que não é para falar que estou aqui.

— Oi, querida. Você se ergueu, que maravilha. Podemos ir passear, se quiser. Ainda não anoiteceu, podemos ver o pôr do sol...

— Theo estava aqui? — eu arregalo os olhos quando ela pergunta direta.

Seus olhos estão abertos e ainda confusos pela escuridão. Eles são como um soco no meu estômago. Por que não fui eu a ficar assim? Lorena não merece passar por isso.

Eu me viro para Janaína e balanço a cabeça.

— Hum, eu não sei. Quando entrei não tinha ninguém — Jana mente me fuzilando com o olhar, e Lore lhe dá um pequeno aceno enquanto engole em seco.

— Eu gostaria de ir passear, Jana. Por favor. — Sua voz é suave e eu vislumbro uma Lorena que eu não conheço em seus olhos. Uma menina gentil e que precisa, sim, de alguém. — Posso vestir alguma coisa que não seja essa roupa? Me sinto constantemente feia nela.

Eu coloco a mão sobre minha boca, querendo rir. Feia? Caralho, nem em um milhão de anos ela ficaria feia aos meus olhos.

— Claro. Sua irmã trouxe vestidos bonitos para você.

Eu me movo para a porta e espero as duas do lado de fora. Assim que Jana e ela saem do quarto eu as sigo em silêncio. Quando atingimos o jardim do hospital eu me encosto na parede e deixo as duas conversarem sentadas, longe de mim.

As mechas douradas do seu cabelo brilham contra a luz do sol enquanto eu vejo sua boca se mexer, ainda falando com a Jana. A conversa parece cessar e Lorena inclina sua cabeça e abre os olhos em direção ao sol entre as nuvens.

Meu peito aperta e eu faço careta para mim mesmo quando sinto minha barriga esfriar. *Porra, Theo, pare com isso.*

Dou as costas para as duas mulheres ao longe e vou embora.



Retiro a camisa e jogo-a no cesto de roupa sujas enquanto vou para o banheiro. Assim que eu ligo o chuveiro, escuto apertarem a campainha. Se for o Ricardo, vou matá-lo.

Abro a porta apenas de toalha e Luca faz careta, empurrando a porta e entrando.

— Péssima hora, mano — resmungo voltando para o corredor. — Vou terminar meu banho. Sinta-se em casa...

— Eu estou, idiota. — Ele me manda o dedo do meio e se joga em meu sofá enquanto fecha os olhos por um instante.

Permaneço parado, o encarando. Ele tira a mão do rosto e eleva a sobrancelha.

— O que aconteceu? — questiono preocupado.

— Não vou conversar com você enquanto está nu, Theo. Vá se vestir. — Ele franze o cenho e eu reviro os olhos, indo terminar meu banho.

Volto para a sala vinte minutos depois, vestido com apenas uma calça de moletom.

— Vai, fala — peço me sentando enquanto ele ainda está na mesma posição que chegou.

— Nada, só estou cansado. Alícia está arrumando as coisas dos bebês para levar para a maternidade. — Ele suspira e se senta, colocando os cotovelos nos joelhos.

— E por que não está fazendo isso com ela? — questiono segurando minhas mãos atrás da cabeça.

— Porque eu quero conversar com você. — Ele dá de ombros me encarando.

— O que quer falar? Eu estou morto e quero deitar. — Faço careta, pois é verdade.

As bolsas pretas embaixo dos meus olhos não deixam muito espaço para dúvidas. Eu não consigo dormir bem, fora que acordo muito cedo, então... Na verdade, eu estou exausto.

— É sobre isso — ele murmura e eu elevo minha sobrancelha. —

Ricardo me ligou. Nem sabia que ele tinha meu número... — Ele ri enquanto eu sinto meu corpo retesar. — É Natal, mano. É sua família e eles querem passar com você...

— Luca.

— Eu te diria para ficar comigo lá em casa, pois também somos sua família, mas os seus pais e seu irmão estão saindo da cidade. Theo... — Ele coça a cabeça. — Você nunca passou datas comemorativas longe deles, mesmo que fosse ver a mim e a minha família. Você sempre ficava com eles um pouco...

— Luca, eu não sei por que diabos Ricardo te ligou. Quem aquele idiota pensa que é? E ainda te meteu nessa porra... — Eu me ergo, andando pela sala. — Eu já decidi que não vou. Não sei por que eles não entendem essa merda de vez....

— É por ela, cara? — A pergunta do Luca, meu melhor amigo, me faz parar abruptamente e ficar de costas para ele. — É pela Lorena?

— Eu só não quero ir...

— Theo, ela está bem — ele afirma tão certo, mas o que ele ou qualquer um não entende é que não é por medo de ela ficar doente. Não é, eu só quero estar com ela no Natal... Por que não podem me deixar em paz?

— Eu sei que ela está bem.

— O que vai fazer no Natal? Vai lá em casa, ceia conosco e depois vai para o hospital ver ela dormir? — Eu me viro transtornado para Luca e aperto meus punhos.

— Eu não posso? — grito vendo meu amigo se erguer. — Por que eu não posso fazer isso? É simples, caralho! Eu quero ficar com ela! Eu não sei por que ou o que me fez desejar ver ela todos os dias, mas eu faço. É isso que quer ouvir? Que eu estou obcecado por ela?

— Theo... — ele começa a falar, mas eu continuo a gritar, interrompendo-o.

— Ela não me quer lá, está legal? Lorena me mandou embora e depois desse dia eu tentei ficar em casa e esquecer dela, mas adivinha? Saí com o carro e quando vi estava na porra do estacionamento do hospital. — Eu sorrio descontrolado e ele me olha com pesar. — Tem dias que eu apenas fico sentado no corredor do seu quarto. Só isso. Você entende? Eu quero mantê-la perto de mim... Eu acho que ela me odeia ou odeia o fato de que eu a lembro constantemente do acidente, mas eu sou o contrário, eu a quero perto de mim — confesso baixando meus ombros.

— Theo, você é meu irmão, eu te amo, cara. Essa sua vontade de estar

perto dela está te consumindo. Eu acho que chegou a hora de sentar com algum psicólogo. Não estou dizendo que está doente, claro que não, mas às vezes esse desejo de tê-la está relacionado apenas ao acidente, ao modo como você cuidou dela na água...

— É mais que isso, Luca — contraponho, fazendo-o suspirar.

— Tudo bem, pode ser, mas você não acha que é melhor ouvir isso da boca de um profissional? — Os olhos dele estão firmes e ele, como sempre, quer me ajudar.

— Eu vou pensar nisso — decido, por fim, e ele me abraça dando tapas nas minhas costas.

— Vai ficar tudo bem, beleza? Agora eu preciso ir, Alícia está meio louca com a chegada dos meninos. — Ele sorri orgulhoso e eu aceno.

— Boa sorte — murmuro, levando-o até a porta.

— E Theo?

— O quê?

— No Natal, venha participar da ceia na minha casa.

Eu aceno e o vejo ir embora. Respiro fundo, fechando a porta, e vou para a cama adormecendo em seguida.

— Sabia que essa bunda empinada e sorriso matador pertenciam a você... — eu murmuro ao ver o rosto da mulher que caminhava à minha frente. Lorena se vira com as sobrancelhas franzidas e eu lhe dou meu melhor sorriso.

— Eu sabia que o dia estava bom demais para ser verdade... — fala rabugenta como sempre enquanto tira uma máscara de dormir da bolsa.

Ignoro seu comentário e me enfito na sua frente passando para meu assento.

— Adoro olhar as nuvens — eu digo sincero enquanto aponto para a janela.

— Aproveite.

Também ignoro esse comentário e me mexo tentando encontrar uma posição boa para dormir.

— O que diabos você tem? — a voz irritada dela surge e ela tira a máscara para me olhar.

— Nada. Apenas me mexendo para encontrar uma posição confortável...

— Ai, meu Deus, estamos num avião, não tem posição mais confortável do que sentado.

— Eu sei. — Eu suspiro e relaxo na poltrona. — Como vai sua irmã? E Nico? Ah, fiquei sabendo que ela engravidou novamente, não foi?

— Você é sempre tão xereta? — Tenho vontade de apertar seu pescoço quando escuto a irritação em sua voz. Que menina besta.

— Eu sabia que era uma megera, mas, por Deus, dá para ser um pouco mais amigável? — perco a paciência e falo completamente sério. Lorena, no entanto, apenas eleva a sobrancelha me olhando com ironia. — Medusa — resmungo, adorando o apelido para ela. Combinou direitinho, só falta seus cabelos se transformarem em cobras.

— Sinto muito, meu amor, mas se estou te incomodando, desça desse avião. Ou melhor, pule. — Seu sorriso venenoso aparece e ela joga as cobras, quero dizer, seus cabelos em meu rosto.

— Passei a admirar sua irmã mais ainda nesses pequenos minutos ao seu lado — debocho vendo-a colocar a máscara idiota novamente.

Fico calado olhando a janela e suspiro quando me lembro da última vez que fiquei tão próximo de Lorena.

— Você lembra daquela noite, não é? — Seu rosto se contrai e eu sorrio. Ela lembra.

— Eu lembro bem. Você estava bem bêbado para lembrar, não?

— Não, baby. Eu estava passando mal, mas não estava tão bêbado.

Estávamos numa mesma festa, eu fiquei muito bêbado e ela me levou para casa. Vomitei o banheiro inteiro com ela me xingando de tudo quanto era nome.

— Hum

— Obrigada, beleza? — peço sendo gentil e ela acena dando de ombros.

O avião decola e eu sinto a mão dela agarrar a minha com força, não deixando nem o meu sangue circular entre meus dedos. Tudo no avião treme e eu percebo que ela tem medo de aviões. Que bela surpresa.

Acordo ouvindo as batidas irregulares do meu coração e me sento de repente. Quando percebo com o que sonhei eu caio na cama, apertando meus olhos juntos. Porra.

Capítulo 06



LORENA

— O quadro ficou lindo no quarto do Luca. É perfeito — Gabby fala suavemente assim que se senta ao chegar e eu sorrio.

— Fico feliz.

— Você não sente falta?

— De quê? — pergunto.

— Pintar... se quiser posso trazer uma tela, seus pincéis e as tintas — ela oferece me fazendo ficar completamente parada.

— Gabby...

— Você consegue — ela afirma e eu engulo em seco acenando devagar.

— Traga, mas não prometo nada...

Ela diz um sonoro tudo bem e Kieran a chama para ir embora, pois a babá dos meninos precisa ir para casa.

— Vá. Ficarei bem — digo apertando sua mão e ela beija minha bochecha. — E, Gabby?

— Oi?

— Me desculpe por explodir com você, eu sou uma idiota na maioria das vezes — murmuro envergonhada e Kieran segura minha outra mão.

— Está tudo bem. — Ela me abraça e eu beijo seu rosto.

— Boa noite, família.

— Boa noite, Lore — os dois falam juntos e eu escuto a porta bater fechada.

Desde pequena senti que por causa dos sentimentos escassos dos meus pais em relação a mim meu coração foi criando rachaduras profundas e, agora, eu sei que o acidente fez apenas com que os cacos se estilhaçassem.

Adormeço sentindo que meu coração está se curando.



THEO

Talvez eles estejam certos.

Aperto o volante enquanto penso nisso. Desligo o carro e abro a porta indo para fora. Meus passos são firmes e eu vou para o elevador, apertando meus punhos.

Só hoje e depois paro de vir. Afirmo em pensamento e aceno certo de que está tudo bem. Vou fazer isso.

Assim que as portas do corredor se abrem eu caminho de cabeça baixa para a minha cadeira de sempre. Eu me sento, esperando Janaína começar a tagarelar, mas paro quando vejo que tem alguém sentado ao meu lado.

Lorena está com os cabelos sobre os ombros e com um vestido de verão. Suas mãos estão retorcidas no colo e seu cheiro invade meu nariz só de me virar para vê-la.

— Me contaram que vem até aqui e fica sentado no corredor — sua voz começa suave e ela inclina a cabeça. — Você é um pouco impertinente...

— Não, eu sou perseverante — resmungo levando meus dedos para seu rosto. Sua pele é macia e eu sorrio quando seus olhos se fecham.

— Eu senti sua falta. — Suas bochechas coram quando ela confessa.

— Eu também senti a sua.

Eu me inclino, beijando seu pescoço, e subo com meus lábios até sua orelha. Diferente das outras vezes, não apenas deixo um beijo no lóbulo, como também o mordisco devagar.

— Theo, o que está fa-fazendo?

— Me despedindo. — Suspiro devagar, vendo sua pele se arrepiar, e pego sua mão, fazendo-a se erguer.

Levo-a para seu quarto e tranco a porta. Lorena se encosta à cama e eu fico à sua frente, colocando seu cabelo atrás da orelha.

— O que disse lá fora?

— Eu senti sua falta...

— A última coisa que falou — ela pede engolindo em seco.

— Estou me despedindo?

— Por quê? Você vai embora? — Sua voz treme e eu inclino sua cabeça para poder olhar dentro dos seus olhos escuros e confusos.

— Vou te dar espaço. Sabe, minha família e meus amigos pensam que eu estou obcecado por você — digo suavemente e ela arregala os olhos. — Estou vindo aqui todos os dias, Lorena...

— Eu sei, Janaína me contou...

— Eles dizem que não é saudável. — Deslizo meu polegar pelos seus lábios e eles estremecem. — Que só estou assim por ter me conectado com você por causa do acidente. — Suspiro e sinto suas mãos se erguerem e ela começa a tocar meu rosto.

— É piada, não é?

— O que é piada?

— Essa baboseira de obcecado...

— Não sei. Eu só sinto que quero estar perto de você...

— Não pare de vir me ver. Eu me sinto só, e eu já falei, tenho medo do escuro.

— Você me mandou embora dias atrás.

— Eu estava assustada — ela responde rapidamente e encosta sua cabeça em meu peito.

— Com o quê?

— Com as batidas aceleradas do meu coração quando você se aproxima, com o frio na barriga quando me toca e os arrepios que seus beijos em minha orelha causam. — Eu seguro sua cabeça, inclinando-a para mim. — Theo?

— O que, Lorena?

— Por favor, me beije.

Ela não precisou repetir. Nossas bocas se tocam com calma e carinho. Entreabro seus lábios e deixo minha língua vagar, provando o gosto viciante que descubro que Lorena possui. Seus braços envolvem meus ombros e enquanto eu beijo seu pescoço ela deixa pequenos gemidos de contentamento escaparem. Minha língua desliza pelo seu lábio inferior e seu corpo estremece, me fazendo sorrir.

— Theo...

— Lorena...

— Acho que também estou obcecada por você.

Pela primeira vez eu vejo seu sorriso reluzir. Porra, e como ele era lindo.



— Você está com sono? — questiono quando Lorena, que antes estava sentada na cama, desliza por ela se deitando.

— Um pouco. Não é todo mundo que acorda às quatro e meia da manhã e fica sem sono — ela responde atrevida e eu aperto sua mão.

— Não precisava ter acordado cedo...

— Eu queria te surpreender. Janaína me ajudou. Ela veio aqui, me acordou e me ajudou a me arrumar...

— Você se arrumou para mim, Lorena? — Eu sorrio brincalhão e ela revira os olhos escuros.

— Bobão. — Ela boceja e seus olhos pesam, fechando-se. — Venha, deite comigo. — Ela puxa minha mão e eu suspiro olhando para a porta.

— Não posso. Você sabe disso.

— Luca deitou...

— O quê?! — Minha voz eleva um grau e Lorena arregala os olhos e depois começa a rir.

— Meu sobrinho, seu bobo. E eu estou brincando. A entrada dele não é permitida aqui, você sabe...

— Ah.

— Até parece que seu amigo deitaria na minha cama. — Ela franze as sobrancelhas falando e eu engulo em seco.

— Ele já deitou. Eu sei.

Ela fica calada ouvindo minhas palavras e eu afasto minha mão da dela. Lorena senta na cama mais ereta e suspira.

— Você tem ciúmes por isso? Quero dizer...

— O pensamento não me agrada. — Respiro fundo e me levanto indo para a janela do seu quarto.

Desfaço as abotoaduras da minha camisa e subo as mangas, deixando-as acima dos cotovelos. Eu me viro olhando o cômodo. Aqui tudo é aconchegante. A cama dela é bem diferente das camas tradicionais dos hospitais, quero dizer, o hospital é um dos melhores do Rio de Janeiro. Gabrielle deve estar gastando muito com isso. Depois conversarei com ela sobre os custos.

— Aprenda a conviver com isso — ela fala depois de um tempo e eu volto a me aproximar, apertando sua mão. — Ele é seu melhor amigo, é casado e eu não sinto nada por ele.

— Eu sei, sinto muito. — Coço minha nuca e retiro os fios do seu cabelo que estão em seu rosto.

— Deite comigo, eu quero dormir.

Eu tiro meus sapatos e subo em sua cama. Abraço Lorena enquanto ela coloca sua cabeça em meu peito. Os raios do sol das seis entram pela janela e eu respiro seu perfume, me sentindo relaxar contra a cama.

— Você não deveria estar deitado na cama dela. Isso é proibido — Janaína fala entrando no quarto e Lorena fica tensa ao meu lado.

— Eu não deveria vir todos os dias aqui, mas eu venho e você que me permitiu, então agora que estou bem com essa menina, nos deixe em paz — respondo sorrindo e ela me dá um beliscão.

— Cale a boca, seu malcriado! — ela vocifera e vai para perto de Lorena. — Só verificando. — Jana deixa um beijo na testa dela e sai pela porta.

— Um amor de pessoa — resmungo e sinto Lorena rir contra mim.

Ficamos em silêncio, e quando olho para Lorena percebo que adormeceu. Meus olhos pesam, e me surpreendo com o quão rápido eu começo a dormir também.



— Mas... — eu escuto alguém falar ao longe e desperto esfregando o rosto. Solto um gemido quando sinto um beliscão em meu braço. Que diabos?

Foco minha atenção ao meu lado e vejo Gabrielle com os cabelos presos, me olhando com completa perplexidade.

— Theo, o que está fazendo aqui? — ela pergunta e me faz levantar. Tento não acordar Lorena e suspiro quando saio da cama e ela permanece dormindo.

Levo meu dedo aos lábios, mandando Gabby ficar quieta. Calço meus sapatos e saio do quarto com ela engolindo em seco.

— O que está acontecendo? Você e ela...

— Eu só estava com ela na cama...

— Theo, o que você está fazendo? Vocês nem mesmo se conheciam antes do acidente. A não ser pelas vezes no racha, mas isso faz muito tempo...

— Gabby, eu gosto dela. É simples. — Eu suspiro devagar e Gabby acena, mordendo o lábio.

— Só não quero que a magoe. Ela está fragilizada... — Ele ri um pouco e me olha com lágrimas não derramadas. — Nunca pensei que falaria Lorena e fragilizada na mesma frase. Ela é forte, sempre foi. — Eu aceno relaxando e abraço seu corpo trêmulo. Gabby começa a chorar e eu engulo em seco.

— Está tudo bem. Ela está bem — eu afirmo e ela acena suspirando.

— É melhor se afastar da minha mulher — Kieran fala assim que passa pelas portas do corredor com café nas mãos.

— Kieran, pare com isso. — Gabby revira os olhos e eu me afasto, entrando no quarto sem responder. Não estou com disposição para discutir.

Lorena está sentada quando eu entro no quarto. Seu rosto se ergue ao escutar a porta e eu me sento à sua frente.

— Theo — ela afirma e eu me inclino, beijando o canto da sua boca.

— Como sabe que era eu? Poderia ser outra pessoa...

— Outra pessoa não tem seu cheiro. — Ela sorri de lado e rio.

— Isso é bom...

A porta abre novamente e Gabby entra com Kieran em seu encalço. Lorena segura minha mão e se aproxima mais.

— Ei! — Assim que ela escuta a voz da irmã seus lábios formam um sorriso e ela se afasta de mim.

— Oi, Gabby. Kieran veio também? — ela questiona devagar e seu cunhado vai para seu lado beijando sua cabeça.

— Claro que eu vim. Vou ficar pouco tempo, pois preciso ir para a oficina. Luca me disse que veio te visitar — Kieran fala se sentando na cadeira e puxando Gabby para seu colo.

— Hum, sim. Foi gentil eles virem.

Eu estranho Luca não ter me contado que veio aqui. Porém, deixo isso de lado. Porra, ele ama Alícia, ela é seu mundo. Não tenho por que estar incomodado com isso.

— Verdade — Gabby concorda e eu aceno.

— Eu preciso ir. Tenho que ir para o escritório — digo quando olho para o relógio. Olho para minha roupa de trabalho e suspiro, vendo que amarrotou toda.

— Gabby, vocês podem pegar café para mim? Estou com fome — Lorena pede rápido e segura minha mão, me mantendo perto dela.

Gabby olha para nossas mãos e olha para mim apreensiva. Kieran percebe e franze as sobrancelhas, apertando o ombro da mulher.

— Gabby? — Lore chama a atenção da irmã e Gabby acorda do transe.

— Claro. Logo voltaremos. — Ela se ergue e sai do quarto com Kieran.

Eu me sento na cama novamente e Lorena se aproxima de mim.

— Você vem aqui novamente, não é?

— Sim, hoje à noite. — Eu me inclino querendo beijá-la, mas paro antes de atingir sua boca e mudo para sua bochecha.

— Não escute eles. Não é nada relacionado ao acidente. Só... — Ela suspira se afastando um pouco. — Só estamos atraídos, e isso pode acontecer com qualquer pessoa. — Suas palavras me fazem sorrir.

— Sim, isso é verdade. — Beijo sua testa e me levanto. — Bom dia, Lorena.

— Bom dia, Theo...

Antes que eu abra a porta eu me viro, vendo-a olhar para o quarto com os olhos ainda confusos, sem enxergar.

— E, Theo? — Eu me assusto quando ela murmura.

— Oi? — respondo e seus olhos mudam de direção vindo para onde estou.

— Meu maior sonho hoje é poder te enxergar.

Capítulo 07



LORENA

Uma semana depois...

— Meu cabelo está arrumado? — questiono sentada na cama. Ainda são quatro e meia da manhã, mas eu criei uma rotina. Acordo cedo, me arrumo e espero Theo.

Seu horário de me ver não mudou, ele disse que precisa ir para o trabalho às sete e meia, mas que precisa de um tempo comigo pela manhã, então eu estou me adaptando.

Faltam poucos dias para o Natal e o médico disse que amanhã eu poderei ir para casa. Estou me sentindo dividida sobre querer sair daqui. Não quero incomodar Gabrielle na sua casa. Porém, desde que o médico falou sobre alta, ela está arrumando o quarto e levando todos os meus pertences do apart para sua casa.

— Lindo como todos os dias — Janaína fala rindo e eu aceno.

Tomo café da manhã com a ajuda dela e espero o barulho da porta me avisando que Theo chegou.

— Bom dia! — uma voz diferente surge assim que escuto o barulho. Franzo as sobrancelhas e me sento mais ereta. — Oh, Theo não me falou que você estava cega. — A mulher soa genuinamente envergonhada.

— Onde ele está? — questiono firme. Mesmo ela estando envergonhada, a dor não diminui ao ouvir alguém afirmar que estou sem enxergar. Dói.

— Foi comprar café para mim. — Sua voz é suave e eu imagino que ela deva ser jovem. — Oh, me desculpe, eu sou Laíssa. Sou amiga do Theo. — O modo como ela fala dele me faz lembrar de mim quando eu falava do Luca com Alícia.

Ela é o meu eu de anos atrás, na minha história?

— Ah, eu sou Lorena. Namorada dele — informo sentindo uma pitada da antiga Lorena surgir. Não somos namorados, nunca falamos nada sobre relacionamento. O nosso jogo é simples, ele vem me ver todos os dias, me beija e me faz suspirar. E ponto final.

— Namorada? Hum... ele não mencionou isso, na verdade, ele não falou muito ontem à noite. Estou ficando na casa dele, vim fazer faculdade aqui. Finalizei o ensino médio esse ano — ela sussurra e eu trinco meus dentes. Porra, uma adolescente?

A porta abre novamente e o cheiro dele invade meu quarto.

— Eu mandei esperar do lado de fora, Laíssa. — Eu franzo as sobrancelhas novamente, mas para o tom ríspido com que ele fala.

— Eu só queria conhecer a mulher que faz você deixar de passar o Natal com sua família...

— E eu só queria que você entendesse que não tem nada a ver com as minhas decisões. Tome o seu café e vá embora — Theo resmunga e eu escuto a porta fechar.

Ficamos calados por um bom tempo enquanto eu escuto apenas sua respiração acelerada. Ele não vai passar o Natal com a família por minha causa? Como assim?

— Desculpe — ele sussurra e se senta à minha frente. Seus dedos deslizam por meu rosto e eu me afasto antes que ele possa beijar meus lábios.

— Por que não vai passar o Natal com seus pais? — questiono quando suas mãos seguram as minhas. — Não entendi o que a pentelha falou...

— Eles vão viajar, eu decidi não ir. — Sinto seus ombros subirem e eu mordo meu lábio.

— Mas por quê?

— Não quero ir. Quero ficar com você. Só isso.

— Vou ter alta amanhã — aviso e ele encosta nossas testas.

— Isso é maravilhoso — fala baixinho e beija minha bochecha.

— Eu ficarei na casa da Gabby enquanto... — Aponto para meus olhos. — Enfim, você deve ir com sua família...

— Eu não quero...

— Essa menina é o que sua? — eu indago, pois quero saber. — Ela falou que está ficando na sua casa.

— Louca. Ela é filha de uma amiga da minha mãe, e ela não está na minha casa. Está na casa dos meus pais...

— E ela te encontrou aqui?

Ele fica em silêncio por alguns segundos e eu reviro os olhos, encostando minhas costas na cama.

— Não sou criança, Theo. Sei muito bem o que acontece quando um homem e uma mulher, que obviamente quer algo com ele, fazem quando estão sozinhos em uma casa. — Eu rio e esfrego meu rosto. — Cara, eu acho legal, sabe? Tirando o fato de ela ser uma idiota novinha, eu posso colocar fé em vocês...

— Por que está rindo? Você está falando de mim com outra mulher e está rindo. Por quê?

— Como assim? — questiono colocando minha máscara de bem resolvida.

— Eu estaria socando algo se eu falasse de você com outro cara, mas você está rindo, Lorena.

— Não me apego fácil, Theo. De verdade, está tudo bem. A Larissa é legal...

— Laíssa. E foda-se que ela é legal... — Ele se ergue e eu me deito bocejando. — Não tenho nada com ela, e sim, ela dormiu ontem na minha casa, mas foi isso. Nada mais.

— Ok — resmungo sentindo que ele está falando a verdade.

— Você é a mesma de antes, Lorena? — Engulo em seco enquanto ele pergunta isso.

A mesma de antes.

Quem eu era antes? Uma menina mimada, imatura e superficial? Uma garota estúpida que gostava de magoar as pessoas? Ou talvez, uma menina amargurada e egoísta que tinha prazer em falar coisas dolorosas na cara das pessoas?

A terceira opção é a verdadeira, no entanto, eu não sei se eu ainda sou ela. Às vezes, sinto que não mudei, em outras, eu quero mudar. Mas, na maioria, quero permanecer a mesma. Eu gosto dela. Ela sempre me protegeu, protegeu meu coração.

— Você se incomoda por eu ser a de antes? — questiono piscando.

— Sim — ele afirma rápido e eu aceno suspirando. — A de antes me magoaria em um piscar de olhos. A de antes faria eu me odiar por gostar dela...

— Então esse é o momento...

— Qual momento?

— Que você percebe que eu não vou mudar. Posso ter parado de fazer coisas estúpidas, mas a de antes era quem eu sou.

— Você pode mudar...

— Se eu mudar, não serei mais eu. Você gosta de mim, Theo, não de quem eu me tornaria.

— De onde você tirou isso?

— Eu tirei de tudo. Da nossa relação. — Sinto ele andando e fecho meus

olhos. — Somos opostos. Você ajuda a todos, eu os ataco. Você é gentil e eu sou egoísta. É por isso que somos atraídos um pelo outro...

— Você está falando besteira. Você não é egoísta. Eu lembro de você ajudando sua irmã...

— É por isso que ajudei. Ela é minha irmã, ela é o meu alicerce, me mantém em pé. Ela é minha família e eu nunca vou virar as costas para ela...

— Então, você não é egoísta. Quando somos egoístas não diferenciamos. Ninguém é importante o suficiente para ser ajudado pelo egoísta. — Ele suspira. — Minha medusa, você só cresceu achando que era má, mas você não é. Foi um rótulo que colocaram sobre você e que você acha merecer, mas não é.

— Sua frase ficou sem sentido a partir do momento que me chamou de Medusa. — Eu sorrio de verdade e me surpreendo quando ele cobre meus lábios.

Sua boca é macia e sua língua explora a minha enquanto a garganta dele faz sons emocionantes. Tento me movimentar em direção ao seu colo, e ele me ajuda a subir. Chupo seus lábios e solto um gemido quando ele desce a boca pelo meu pescoço e chega aos meus seios. As mãos dele descem a alça do meu vestido e eu sinto seus lábios mordiscarem o meu mamilo.

— Theo...

— Porra, como você acha que eu vou acreditar nessa pose de malvada? Você é um anjo, Medusa. — Sinto um assopro em meu seio e suspiro gemendo. Theo me deita na cama vindo para cima de mim. Tomo seus lábios novamente e comtemplo o prazer que é tê-lo sobre mim, desejando meu corpo e minha alma.

Ele está enganado, mas não quero mais falar. Preciso saciar minha vontade por seus lábios.

— Merda!

Theo coloca a cabeça ao lado da minha quando escuto a voz de Gabby praguejar. Arrumo meu vestido na base dos seios, cobrindo meus mamilos. Minhas bochechas esquentam e eu quero me bater. Meu Deus, minha irmã.

— Eu vou comprar café. Volto em um segundo, então é melhor você sair de cima da minha irmã, Theo. — Eu sorrio contra o peito dele e escuto a porta bater.

Ele se afasta e eu me sento.

— Gabby vai me matar. — Ele ri e eu bato em seu peito. — Amanhã não poderei vir muito cedo, mas já falei com Janaína e ela vai me cobrir para eu entrar aqui e dormir com você...

— O quê? Não precisa. Podemos nos ver à noite, na casa da Gabby.

— Você não quer dormir comigo? Droga, eu estou falando só dormir mesmo, Lorena. Meu Deus, você é uma pervertida. — Ele gargalha quando eu abro minha boca e a fecho novamente, completamente horrorizada.

— É claro que não! Ah, seu idiota. — Ele segura minha cabeça e beija meus lábios devagar. — Só não quero que fiquem comentando. Amanhã você dorme comigo na casa da Gabby. Kieran e ela não irão se incomodar — digo sorrindo e ele me dá mais um beijo.

— Sim, pode ser. — Ele deita ao meu lado e ficamos juntos até Gabby chegar dizendo que é melhor Theo ir para o trabalho.

Assim que ele vai embora eu e minha irmã ficamos caladas.

— Você também acha, não é? — questiono de olhos abertos encarando meu medo, a escuridão.

— Acho o quê?

— Que não é saudável, que eu e ele estamos conectados apenas por causa do acidente...

— Quem falou uma coisa dessas? É claro que não! — ela ruge completamente assustada. — Como não é saudável? Eu vejo sua melhora todos os dias e é por ele vir aqui te ver. Ele te faz sorrir e isso é a coisa mais saudável do mundo. Eu já o adorava antes do acidente, agora eu o admiro mais por te fazer feliz. Você é meu mundo, Lore, tudo que te faça sorrir vai ser saudável para mim.

Eu tento segurar a umidade em meus olhos e viro minha cabeça para o lado enquanto limpo meus olhos.

— Você me ama — murmuro devagar e sinto os dedos dela se esgueirarem entre os meus.

— Você não imagina o quanto.



Depois do jantar eu me sento na cama, tentando não dormir. Janaína disse que Theo viria, mesmo depois de eu ter falado que poderíamos dormir juntos amanhã. Então, eu me arrumei e estou esperando-o.

Tento me erguer depois que passa algum tempo. Devagar eu dou passos lentos para a janela do quarto. Jana me ensinou outro dia onde tudo ficava e

como eu poderia me locomover. Sinto a brisa fria da noite soprar contra meus cabelos e abraço meu corpo.

Passam-se alguns minutos e eu tento voltar para a cama. Praguejo quando meu braço bate na mesa. Fico parada por alguns segundos e volto a andar.

Talvez ele tenha desistido, penso deitando na cama. Vai ficar em casa e sei lá. *Talvez ficar com Laíssa.* Meus pensamentos são tão ou mais venenosos que eu. *Ele pode estar dormindo com ela agora mesmo.* Aperto minhas têmporas e mordo meu lábio.

Escuto a porta abrir e sorrio aliviada. Me sento, porém, em seguida percebo pelo cheiro que não é ele.

— Boa noite. Trouxe sua medicação — a enfermeira que fica à noite fala e eu aceno, recebendo o comprimido e a água.

Assim que ela sai, eu volto a deitar na cama e tento dormir. Ele não vem. Não sei por que sinto meu coração doído. É só o Theo. Não temos nada.

Eu adormeço minutos depois. Porém, no lugar dos pesadelos recorrentes, eu sonho com outro momento.

— *Abre isso aqui — resmungo impaciente. Esse idiota que não sabe beber. Onde Luca está? Deveria estar cuidando do amigo dele, não eu.*

— *Lorena, Lorena — ele canta sorrindo enquanto me dá as chaves do seu carro.*

Abro o carro e o ajudo a entrar. Passo o cinto de segurança pelo seu corpo e travo-o no lugar. Entro no lado do motorista e saio do estacionamento dirigindo pelas ruas sem saber para onde ir.

— *Onde fica sua casa? — questiono encostando o carro no acostamento. Eu me viro para vê-lo e Theo está me encarando.*

— *Centro — ele murmura e pega o GPS, apertando no seu endereço.*

Assim que entramos em seu apartamento eu o coloco no sofá. Vou para a cozinha e bebo água. Quando volto eu faço careta ao vê-lo todo vomitado. Que nojo!

Penso em deixá-lo assim mesmo e ir embora. Pego minha bolsa e ando para a porta, porém quando toco na maçaneta algo me diz para não a virar. Eu mordo meu lábio e grunho frustrada. Você vai se arrepender disso, sua idiota.

— *Ei, seu porco! Levanta, vamos. — Puxo seu braço e o levo para o banheiro prendendo a respiração. O cheiro é insuportável.*

Coloco-o sentado no vaso sanitário e o ajudo a tirar a blusa e a calça jeans. Meu corpo se arrepia vendo seu peito largo e sua cueca boxer cheia. Sua

perversa, pare com isso! Suspiro e puxo seus braços levando-o até o box. Theo não se aguenta em pé por muito tempo, então logo se senta no chão.

Eu ligo o chuveiro e o observo enquanto a água molha seus cabelos e seu rosto. Devagar, as gotas descem por seu peito e eu desvio os olhos. Jesus Cristo, o que tem de errado comigo?

Eu o ajudo a se ensaboar rápido e logo fecho o chuveiro. Pego em seus braços e o forço a levantar. Visto um roupão branco e felpudo que já estava no banheiro.

— Preciso escovar os dentes. — Ele me faz parar quando eu começo a andar para o quarto, querendo levá-lo até sua cama.

Assim que ele se deita na cama com a boca limpa eu me ergo para sair.

— Você é gostosa, sabia? Muito bonita — ele murmura sorrindo enquanto seus olhos se fecham. — Eu ficava olhando para você nessas festas... cara, você é mais do que quer passar para os outros...

— Do que está falando? — questiono cruzando meus braços.

— Você não é a vadia que quer que os outros pensem. Quando você pensa que não tem ninguém olhando, você limpa os lábios que foram beijados por um idiota qualquer, faz caretas para as meninas dançando, por mais que você mesma, minutos antes, também estivesse. — Ele ri e eu engulo em seco.

— Você não me conhece...

— Isso é verdade. — Ele boceja e se aconchega em seu travesseiro. — Mas eu sei quando alguém é uma farsa...

— Cale a boca. Você nem sabe do que está falando. Você... está bêbado...

— Quero te beijar — ele murmura me cortando e eu abro e fecho a boca me afastando. — Venha, Lorena. Eu sou o cara mais limpo daquela festa...

— De jeito nenhum... — Paro de falar quando percebo que meus movimentos são contrários às minhas palavras. Eu me aproximo dele e logo seus braços me envolvem, me fazendo deitar sobre seu corpo, e acabo com a distância beijando seus lábios.

Eu acordo do sonho assim que sinto tocarem em meu corpo.

Capítulo 08



THEO

Seus olhos estão arregalados e eu sorrio tentando acalmá-la.

— Sou eu, Medusa — murmuro e a vejo relaxar sorrindo preguiçosamente.

Antes de abrir os olhos parece que ela estava rezando. Sua boca estava tensa e seus olhos bem apertados. Não comento nada sobre isso e me aproximo.

Sento na sua cama e me inclino beijando suavemente sua bochecha. Lorena segura meu rosto e procura meus lábios com desespero. Assim que minha boca atinge a dela, Lorena me beija faminta. Eu me surpreendo com isso, mas apenas seguro sua cintura e a ajudo a sentar em meu colo.

— Você demorou... — ela resmunga tentando tirar minha blusa e deslizando as mãos pelo meu peito.

— Precisei deixar Laíssa na casa dos meus pais. Mandeí-a ir hoje de manhã, mas ela parece que é surda, então eu mesmo a levei até lá — explico irritado.

Laíssa pensa que eu tenho alguma responsabilidade com ela. Meus pais ainda dão força à idiotice da garota, mas hoje deixei claro que eu não a quero em minha casa, nem mesmo para visita.

Lorena me daria um murro se soubesse o que Laíssa fez ontem. Porra, como uma adolescente fica nua na cama de um homem? Só de lembrar eu tenho pesadelos. Essa menina é maluca.

— Hum. — Lorena não parece dar muita atenção e logo começa a me beijar novamente. Suas mãos tateiam minha calça, procurando meu zíper e eu as pego, parando-a. — O que foi? — ela questiona com os olhos completamente confusos.

— Não vamos transar, Lorena — aviso sério e ela sorri beijando meu queixo.

— Não quer, Theo? Porque eu quero. Sempre quis. — Eu franzo as sobrancelhas para sua resposta. Como assim, sempre quis?

— O quê?

— Você acha que eu nunca quis ir para sua cama? Você, o cara certinho da turma, tão lindo quanto precioso? — Lore sorri sensualmente e eu aperto meu pênis que está ficando duro.

— Caralho...

— Vamos lá, Theo, não me faça implorar...

— Você não pode fazer essa merda comigo...

— Sempre peguei os caras maus, porém, meu fetiche sempre esteve sobre você. Tão lindo, bem-vestido e astuto na frente daqueles idiotas no racha...

— Não fale dos outros quando estiver comigo, Lorena. — Eu me levanto deixando-a sobre a cama. Aperto meus punhos e esfrego meu rosto, irritado.

É completamente estúpido ter ciúmes do passado dela? Sim, inferno, é! Mas eu sinto. É louco. Talvez seja porque conheço todos os caras que já tocaram em seu corpo, que beijaram sua boca. Eu quero matar alguns só de pensar.

— Deixe de ser bobo...

— É besteira? Beleza. — Fico exasperado e olho para seu rosto. — Então eu posso te dizer que Laíssa estava na minha cama completamente nua ontem, quando cheguei do trabalho. Mas é besteira...

— Theo! — Ela abre e a fecha a boca sem saber o que falar. Seus olhos escuros se enchem de lágrimas e eu aperto meu punho contra meus lábios.

— Eu sinto isso, quando escuto você falar dos caras com quem ficou...

— Nunca, nenhum deles me faz temer o que sinto. Você faz. — Seu queixo treme e ela limpa as lágrimas, respirando fundo. — Espero que você tenha tido o melhor sexo do mundo com ela.

— Deixe de ser boba. Nunca transaria com ela — resmungo com nojo. Ela é apenas uma garota. Não tenho desejos por meninas tolas.

Eu me aproximo da sua cama e pego sua mão, porém ela se afasta em seguida. Suspirando, pego novamente e a faço se erguer. Deixo-a sentada na cama e fico entre suas coxas grossas.

— Porém, eu sei que vou ter o melhor sexo do mundo com você — sussurro beijando o lóbulo da sua orelha macia. Lorena solta um gemido quase inaudível e eu deslizo minhas mãos por seus seios e desço para seu vestido, tirando-o e deixando-a nua. Estremeço, vendo a sua calcinha de renda preta.

Deslizo um dedo entre suas dobras escorregadias e Lorena se arqueia deixando seus seios fartos à minha frente. Seguro um mamilo entre meus lábios e chupo a carne quente na minha boca. Ela geme enquanto eu coloco meu dedo dentro dela.

Dou atenção ao outro seio e ela começa a gemer mais alto. Olho para a porta e agradeço por ela estar trancada. Coloco outro dedo dentro dela e sinto os espasmos do seu clímax contra eles.

— Você é barulhenta — resmungo tirando meus dedos de dentro dela. Lorena cora e eu me apaixono por ela mais um pouco diante dessa cena.

Nós nos deitamos na cama e Lorena vem em minha direção para sentar em meu colo, a ajuda. Seguro suas mãos que viam em direção da minha calça, mas ela se solta.

— Eu preciso. Por favor, Theo. — Ela morde seu lábio inferior e eu sinto minhas calças ficarem mais apertadas. Caralho. O que essa menina está fazendo comigo?

Lorena percebe meu desejo e como já encontrou minha calça, apenas desce, tirando-a completamente. Seus olhos cintilam prazer e ela procura a minha cueca, me deixando nu. Sua mão pequena encontra meu membro e se fecha em torno de mim. Quase gozo quando ela se ergue um pouco, colocando meu membro na sua entrada.

Resmungo quando sinto o aperto de morte ao entrar nela. Lorena senta sobre mim, deixando meu pênis completamente enterrado dentro dela. Ela sobe e desce diversas vezes enquanto seus seios pulam em meu rosto. Chupo um deles e a sinto gozar novamente. Seguro seus quadris e a faço sentar com mais força. Tiro-a de cima de mim e me liberto em cima da sua barriga.

Ela sorri de olhos fechados e eu beijo seus lábios. Eu me ergo cansado e a levo para o banheiro.

Enquanto a observo tomar banho eu me pego pensando se isso entre nós é algum feitiço. Como começamos a gostar um do outro tão depressa? De forma tão avassaladora?

Nós nos deitamos colados ao outro e Lorena beija meu peito. Fecho os olhos querendo guardar esse momento para sempre. Não sei o que está acontecendo comigo, mas essa mulher está virando meu mundo de cabeça para baixo.

Que diabos? Eu nunca faria sexo em uma cama de hospital, mas cá estou eu. Observo os traços do seu rosto e beijo sua têmpora.

— Eu estava sonhando com você. — Sua voz se eleva no quarto e eu me viro para ver melhor seu rosto bonito.

— Sério? — Sorrio devagar e ela lambe seus lábios vermelhos e inchados dos nossos beijos.

— Sim. Era o dia em que te deixei em casa, você estava bêbado, lembra? — Lorena se ergue um pouco e descansa seu queixo sobre meu peito.

— Claro, lembro sim...

— A gente se beijou aquele dia, Theo. Você lembrava disso? — Eu franzo as sobrancelhas confuso. Ela se senta devagar e eu imito seus movimentos.

— Não, disso eu não lembro. Você está falando sério?

— Sim, você me pediu um beijo e eu dei. Depois fui embora. — Ela dá de ombros falando como se isso fosse algo banal.

— Eu não lembro. Pensei que nosso primeiro beijo tivesse sido aqui, nesse quarto, tempos atrás. — Sorrio colocando o seu cabelo atrás da orelha.

— Sei disso, e na verdade foi, não é? — Ela ri e se aproxima beijando meu queixo.

Lorena e eu permanecemos calados por um tempo e quando eu penso que ela dormiu, sua voz surge.

— Eu não sou assim — as palavras saem sussurradas, mas eu entendo.

— O que quer dizer? — questiono levantando seu queixo para que eu possa olhar diretamente para os seus olhos. A confusão de não poder me enxergar está neles, mas eu gosto de observá-los.

— Carinhosa. Eu não sou assim.

Deslizo meu dedo anelar pelo seu lábio inferior e me inclino beijando sua boca macia.

— Se quer saber, eu gosto que está sendo — brinco cutucando suas costelas e ela sorri se afastando.

— Sim, eu sei...

Lorena deita na cama novamente e eu a sigo. Puxo seu corpo junto ao meu e adormecemos de conchinha. Quando acordo na manhã seguinte, tomando cuidado para não acordar Lorena, eu saio do seu quarto. Vou à lanchonete do hospital e pego alguns pães, suco e um pedaço de bolo.

Levo tudo numa bandeja e Jana sorri do balcão.

— A noite foi boa, hein, bonitão? — Ela ri com Gui e eu reviro os olhos para os dois. Pego duas flores amarelas do vaso em cima do balcão da minha amiga e pisco para sua cara de poucos amigos.

Abro a porta do quarto e coloco a bandeja na mesinha ao lado da cama de Lorena. Abro as cortinas e me aproximo da mulher que tem meus pensamentos e coração nas mãos. Deposito beijos pelo seu rosto e aos poucos vejo-a despertar. Novamente, Lorena permanece como se estivesse clamando por algo para só depois abrir os olhos.

— Bom dia, dorminhoca!

— Theo, bom dia! — Ela beija meu rosto de volta e sorrio, me afastando para pegar a bandeja, colocando-a em seu colo, em seguida. Eu a ajudo a tocar na comida e por último pego as flores.

— Olha o que eu trouxe para você... — Coloco perto dela e a ajudo a pegar as flores. Ela as cheira e seus olhos brilham com umidade.

— Theo... — Ela respira fundo e sorri de lado, ainda agarrada às flores. — Obrigada. Nunca recebi flores. — Ela engole em seco enquanto eu me inclino, beijando suavemente seu rosto.

— Acostume-se, isso vai acontecer com frequência — eu brinco, mas nós dois sabemos que é verdade.

— Obrigada. — Ela beija meu rosto, mas eu volto a agarrá-la e beijo seus lábios. — Nem escovei os dentes, Theo!

— Não importa. Preciso ir. À noite eu vou na sua casa, tudo bem? — pergunto enquanto faço círculos em sua mão.

Nós nos despedimos e eu vou para o meu trabalho. Não demora muito para alguém entrar na minha sala para comentar o episódio de ontem. E hoje, é ninguém mais e ninguém menos que minha mãe.

— Você nos envergonhou — ela sibila depois de se sentar na cadeira à minha frente.

— Oi? Não entendi...

— Não se faça de tonto, Theo! Laíssa é filha de amigos de longa data. Você carregou a menina até nossa casa pelo braço...

— Laíssa é uma doida que estava nua na minha cama quando eu cheguei do trabalho — respondo tecando em meu notebook. Olho enviesado para minha mãe e vejo o olhar de choque em seu rosto. — Ela ainda não tem nem dezoito anos. Quer que eu seja preso? E eu só a puxei pelo braço porque ela não queria sair do carro. Birrenta. — Esfrego meu rosto e volto a teclar, fazendo correções em um dos contratos do escritório.

— Eu não sabia disso. Sinto muito. — Eu me viro para olhar minha mãe e deixo o trabalho de lado. — Vou conversar com os pais dela. — Ela suspira e eu aceno agradecido. — E o Natal? Já decidiu se irá conosco? — Ela cutuca a unha sempre bem-feita e eu sei que isso é seu tique nervoso.

Minha mãe é uma mulher linda. Ninguém diz que tem dois filhos já grandes. Seus cabelos loiros são impecáveis, as unhas, como falei, estão sempre feitas. Suas roupas estão sempre alinhadas. Ela é maravilhosa, meu pai baba por ela até hoje.

— Mãe, eu amo nossa família. Você sabe disso, mas eu estou me apaixonando. A Lorena está ganhando espaço em meu coração, e sim, mãe, eu vou ficar com ela no Natal. — Eu suspiro e a vejo encarar as unhas por um momento.

— Tudo bem. Fico feliz por você e por ela. — Ela engole em seco e eleva seus olhos para mim. — Só estou estranha por não poder ficar com minha família toda no Natal. — Seus ombros sobem e eu me ergo, indo para seu lado.

— Vai ficar tudo bem. Eu juro. — Beijo sua têmpora e ela me abraça apertado.

— Eu ainda estou assustada, Theo. Eu quase perdi você...

— Eu sei, mãe. Mas está tudo bem. — Abraço-a de volta e, em seguida, ela sorri se afastando.

— Tudo bem. Agora eu preciso ir. — Ela sorri e se aproxima da porta. — Se cuide, filho.

— Eu vou, mãe.

Passo a manhã no escritório e na hora do almoço eu ligo para Luca, perguntando se quer almoçar comigo. Ele diz que me encontrará no restaurante perto da oficina. É uma viagem chegar lá, mas como vou visitar cliente à tarde, fica melhor para mim.

— E aí? — Ele já está sentando em uma das mesas quando eu chego. Eu lhe dou um abraço e nos sentamos.

— E Alícia? Pensei que ela viria. Ouvi a voz dela quando falei contigo — digo enquanto olho o cardápio. Peço bife à parmegiana e Luca pede macarronada.

— Ela saiu para fazer mais compras para os gêmeos. De verdade, eu acho que naquele quarto não vai caber tudo que ela compra — ele resmunga, mas seu olhar é sonhador. Porra, eu quero isso também.

— Depois vou dar uma passada lá. Como Tina e Felipe estão? Esse fim de semana irei pegá-los para saírem comigo. Cinema talvez...

— Eles estão bem. Valentina está meio estranha, não conversa mais tanto conosco e eu estou estranhando isso pra caralho. — Luca bebe seu refrigerante e eu franzo as sobrancelhas.

— Ela ainda anda com seus amigos normais? — questiono preocupado. Valentina é calma, claro, na medida do possível, mas nunca preocupou Luca ou a mim.

— Sim, anda — ele suspira e eu aceno.

— Vou conversar com ela — decido e ele suspira agradecendo.

O garçom volta e nos entrega nossos pratos. Comemos apenas falando sobre o futebol e em como a oficina dele e do Kieran está crescendo.

— E a Lorena? Como está?

— Bem, vai ter alta hoje. — Sorrio e me inclino. — Acredita que a gente já ficou e eu não lembrava? Estava bêbado como um porco...

— Caralho, sério? — Ele ri segurando a barriga e eu lhe dou o dedo do meio.

— Sério. Ela me contou hoje. Porra, que vergonha. — Ele ri mais ainda e eu dou um soco em seu braço.

Vamos embora e eu ligo para o celular de Gabrielle, pois Lorena ainda está sem, mas ela não atende. Mudo a direção de onde estou indo e passo no shopping. Sorrio saindo e tento ligar novamente para ela.

— Ei! E aí, tudo certo? — questiono quando ela atende.

— Sim, ela já está aqui. Parece ótima, então obrigada por cuidar dela ontem — Gabby fala baixinho e eu sei que ela deve estar morrendo de vergonha.

— Foi um imenso prazer...

— Seu porco! Tchau!

Eu rio guardando o celular, mas o meu sorriso morre quando vejo meu passado bem à minha frente.

— Precisamos conversar...

— Pensei que tinha morrido. Não quero conversar com você, então some.

Mas ela não some, pelo contrário, fica parada com os olhos cheios de olheiras, corpo magro e suja.

— Theo, por favor.

— Não, Beatrice.

Capítulo 09



LORENA

Eu me sento no sofá da casa da minha irmã e seguro Luca em meus braços. Deslizo meus dedos pelo seu rosto e suspiro, imaginando como seu rosto deve ser.

— *Nuca* — escuto a voz do Nico e sorrio. Ele se aproxima e eu pego sua mãozinha.

— Isso, o nome dele é Luca. — Sorrio e beijo sua cabeça.

— *Titia Nore*. — Eu rio e engulo em seco com medo de chorar.

— Sim. Te amo, sabia? Titia Nore te ama. — Beijo sua mãozinha e beijo também a de Luca.

Nico dá uma gargalhada supergostosa e eu sorrio querendo poder enxergá-lo. Querendo ver essa alegria. Reprimo a tristeza que quer se apossar de mim. Vai ficar tudo bem.

— Nico, deixe sua tia — Gabby fala se aproximando e eu sorrio.

— Deixe o menino. Pegue Luca aqui. — Estendo meus braços e ela pega o filho mais novo.

Puxo Nico para meu colo e abraço seu corpo. Ele não fica por muito tempo, mas os segundos abraçando-o é o suficiente para fazer meus olhos brilharem.

— Ele gosta muito de você — Gabrielle fala e eu aceno, esfregando minhas mãos na minha calça jeans. — Theo ligou ainda agora. Perguntou como você estava. Disse que viria à noite te ver.

Meu coração acelera e minha barriga fica gelada. Faço careta para essas coisas. Não gostei disso.

— Posso ligar para ele? — questiono estendendo minha mão. Gabby murmura um sim e me passa o celular depois de discar seu número. Toca algumas vezes até que ele atende.

— Gabby? Ela está bem? — sua voz está preocupada e eu mordo meu lábio querendo sorrir.

— Estou ótima, obrigada. — Sorrio quando ele dá um suspiro aliviado.

— Ei! Posso ligar daqui a pouco? — Sua voz está estranha e eu franzo as sobrancelhas.

— Onde você está? — questiono me erguendo. Gabby está por perto, pois sinto seu cheiro e também sua presença.

— Indo encontrar um cliente.

— Não, Theo, agora. Onde você está agora? — Minha pele arrepia e eu engulo o gosto amargo da desconfiança. Mas de quê? Eu não consigo entender.

— Estou na saída de um shopping. Lorena, está tudo bem. Eu prometo.
— Sua voz diminui e eu escuto uma outra ao fundo. — *Theo, é sério. Precisamos conversar.* — É de uma mulher.

— Quando chegar conversaremos. — Eu desligo o celular e caio no sofá. O silêncio preenche a sala e eu escuto os passos da minha irmã.

— Você acha que o Theo tem alguém? — pergunto cruzando meus braços. — Tinha uma mulher com ele agora — explico querendo não parecer uma idiota ciumenta sem necessidade.

— Eu acho que ele deve ter encontrado uma amiga, sei lá. Theo não faz o tipo duas mulheres, Lorena. Você sabe, ele é certinho demais para isso — ela ri falando e eu aceno, querendo que ela não se preocupe com a minha loucura.

Ela me ajuda a ir para o quarto que preparou para mim e eu me sento na cama, querendo dormir.

Deixo Theo de lado e respiro fundo, lembrando que ainda não contei a Gabby sobre nossos pais biológicos.

— Gabby...

— Oi?

— Senta aqui — peço batendo no colchão. Sinto quando o peso do seu corpo cai sobre a cama. — Sabe, enquanto eu estava em Paris...

— O que é que tem?

— Eu procurei por nossos pais biológicos...

— Co-como assim? — sua fala sai incerta e eu procuro suas mãos, apertando-as em seguida.

— Eu procurei. Não sei de fato o que eu queria encontrar, mas eu só tinha esse desejo, sabe? Contratei um detetive particular e ele me enviava tudo por email. A gente nasceu aqui mesmo, no Rio. Nossos pais eram pobres, bastante — murmuro enquanto minha mente viaja até as fotos que o homem me mandou da casa que eles moravam antes de morrer.

— Lorena, por que não me contou?

— Eu não sei. — Pisco para afugentar as lágrimas. Esse ainda é um ponto tão dolorido para nós duas.

— E onde eles estão?

— Eles faleceram alguns anos atrás. — Escuto sua respiração longa e aperto mais seus dedos. — Sinto muito.

— Eu só estou em choque. — Ela aperta meus braços e me puxa para que possa envolver meu corpo. — Ponto final. É isso que queríamos, né? Ainda bem que estamos cientes da nossa história.

— É isso. Obrigada por entender.

— Não tem de quê. Preciso ir arrumar algumas coisas.

— Claro, vai lá.

— Seus materiais estão aqui. Descansa, depois, se você quiser... — sua fala morre e eu aceno.

— Obrigada. Vou descansar agora.

Escuto a porta bater e suspiro. Estou aliviada por ela saber o que descobri, mas sei que, como está doendo em mim saber que eles estão mortos, também dói nela. Ambas tínhamos o desejo de sermos amadas por pais, o que nunca vai acontecer.

Minha cabeça volta para Theo e eu tento engolir a desconfiança. Mas é como minha irmã falou, Theo não é assim. Fora a preocupação óbvia comigo. Pego meu travesseiro e grito contra a maciez dele. Quando paro e minhas garganta começa a doer, sinto que estou mais calma.

Depois de me revirar na cama, eu me ergo com cuidado e me sento no chão, procurando a tela que Gabby me indicou hoje pela manhã. Minhas tintas estão do lado e logo consigo encontrá-las, então devagar pego um pouco de tinta, não sei distinguir as cores, pois não as vejo, mas não quero nada certo. Só desejo extravasar.

A textura do tecido contra meu dedo me faz suspirar. Devagar e sem nada certo na cabeça, eu começo a pintar. Quando estou retocando um olho pela segunda vez eu percebo que desenhei uma pessoa, a minha pessoa. Theo.

Minha boca seca e eu sorrio ao perceber que seu rosto ainda é vivo em meus pensamentos. Eu me lembro dele me atanzando no avião, seu sorriso, seu cabelo besta impecável. Eu estou me apaixonando por ele. Eu nunca me apaixonei. Sentir o que ando sentindo está me dando nos nervos, não por ser chato ou me irritar. É porque quando se ama alguém, você fica refém dela. Sua felicidade se torna refém.

Eu me afasto da tela e suspiro. Assusto-me quando a voz dele ecoa em meu quarto.

— Ei!. — Sua fala é calma, mas eu sei que ele está sorrindo. — Deixa-

me ver... — Ele se senta ao meu lado e eu inspiro seu cheiro. Sua mão desliza pela minha coxa e ele a aperta devagar.

— Theo, é você...

— Você é muito talentosa. Eu sei que sou muito bonito, mas você me deixou mais ainda — ele afirma sério e eu empurro seu ombro. Theo me puxa para seu peito e eu tento deixar meus dedos longe dele.

— Você vai se sujar de tinta! — grito quando ele envolve meu corpo e deita no chão, me colocando sobre ele.

— Não ligo. Irei tomar banho com você. Sabia que está suja, não é? Olha isso aqui. — Ele toca em meu rosto e sinto seu dedo tocar um pingote de tinta. Em vez de limpar, Theo começa a espalhar pela minha bochecha.

— Theo!

— Me beije, Lorena. — Sua voz se torna rouca e eu paro de sorrir.

Devagar eu me inclino em sua direção e tomo posse dos seus lábios. A urgência com que nos beijamos poderia confundir alguém que nos visse, talvez, pensassem que não nos víamos há tempos, que estamos saudosos um do outro. Porém, esse beijo desesperado só deixa mais concreta a nossa paixão. E eu estou com medo disso.

Eu me afasto devagar e sorrio quando Theo continua beijando meu pescoço, colo e meu rosto.

— Senti saudades, Medusa. — O apelido não mais me desagrada. É engraçado que mesmo ele me achando uma Medusa, queira ficar comigo.

— Também senti, Starboy. — Eu engasgo rindo quando ele se levanta rapidamente me colocando à sua frente.

— O quê!? Como... — ele balbucia incoerentemente e eu me inclino, sentindo-o ainda sentado à minha frente.

— O que, Starboy?

— Não me chame assim. Que nome é esse? — ele pergunta e eu o escuto teclando no celular. Theo mexe por alguns segundos e depois escuto sua voz. — Não tem tradução no Google tradutor. O que é? — Sua pergunta me faz rir mais ainda

— The Weeknd? — questiono e escuto um gemido de desagrado.

— Não acredito nisso. — Ele gargalha e me puxa novamente para seu colo.

— Você me deu um apelido, encontrei um para você. — Dou de ombros e beijo seu pescoço. — Starboy...

— É estranho — ele resmunga gemendo e eu sorrio contra seu pescoço.

É esse momento que me faz começar a sentir medo. Medo de perder isso, nossas risadas, brincadeiras e a segurança de estarmos perto um do outro. Eu não quero perder o Theo.

— Então, não quero dar uma de ciumenta, mas quem era a mulher falando com você no shopping? — mudo de assunto ainda abraçada a ele. Seu perfume invade minhas narinas e eu sorrio, apreciando o cheiro de Artemísia.

— Era uma velha amiga — ele responde enquanto beija meu ombro.

Nada de nomes? Tudo bem. Esqueço isso e foco minha atenção nele. Suas mãos acariciam minhas costas e ele dá pequenas mordidas em minha pele.

— Starboy, o que quer fazer hoje? — questiono engolindo em seco.

Desde que acordei naquele hospital eu desejei poder ir a um lugar especial para mim. Nunca levei ninguém lá, mas acho que Theo ganhou o direito de ir quando eu comecei a gostar dele mais do que eu deveria.

— Nada. E você? — Ele se afasta um pouco e eu queria ver seu rosto nesse momento. Eu vou dar um pedaço de mim a ele, e nem mesmo poderei ver seus olhos.

— Quero te apresentar o meu lugar favorito no mundo — murmuro deslizando minha mão pelo seu rosto. Sinto seu sorriso contra meus dedos e relaxo.

— Que bom. O meu lugar favorito você já sabe qual é...

— Não. Você nunca me contou, pode me levar até lá? — minhas palavras saem frenéticas e eu escuto seu suspiro contra meu rosto enquanto ele se inclina em direção ao meu ouvido.

— É aqui, Medusa. É onde você estiver. Você é meu lugar favorito no mundo, Lorena.

Eu encaro a escuridão sem conseguir falar nada. As palavras sumiram e os batimentos do meu coração aceleraram de maneira extraordinária. Sinto dedos em meu rosto e desperto do transe em que ele me colocou.

— Theo... — eu murmuro, mas ele não me deixa falar. Sua boca cobre a minha e nos beijamos sem pressa nenhuma, apenas provando o sabor um do outro.

Quando nos afastamos ele me ajuda a levantar e me leva até o banheiro. Ele me ajuda a limpar a tinta de mim e eu troco de roupa para irmos ao lugar que quero.

— Vamos lá!

Sua voz risonha envia calafrios para minha barriga. Eu suspiro esquecendo isso e aceno. Saímos do quarto e eu escuto risadas. Quando chegamos à sala o barulho cessa e eu me aproximo mais de Theo, sem saber quem além da minha família está aqui.

— Ei! — Theo fala alegre e eu escuto cadeiras sendo arrastadas.

— Oi, Theo. Lorena, como vai? — escuto a voz de Alícia e em seguida a do Luca, seu marido. Sorrio e digo que estou bem.

— Vou dar uma saída com a Lorena. A trarei para casa sã e salva, Gabby e Kieran. Não se preocupem — Theo responde rapidamente e eu imagino Gabby pronta para falar algo.

— Ela precisa descansar. Você estava cansada, Lorena — minha irmã contrapõe e eu engulo em seco.

— Descansei um pouco. Não se preocupe — minto devagar e escuto seu suspiro. Eu pinteí por horas e depois Theo chegou. Não deu tempo de descansar.

— Tudo bem. Se cuidem.

Nós saímos da casa deles rapidamente e logo estamos no carro do Theo. Ele ri saindo com o carro e eu fecho meus olhos enquanto ele segura minha mão.

— Para onde, Medusa?

— Pista de corrida, Starboy.

O silêncio se faz presente assim que as palavras saem da minha boca.

— Tem certeza? — Sua voz está incerta e eu aceno.

Ele não fala mais nada. Assim que saio do seu carro, quando chegamos à pista, sorrio ouvindo os carros correndo.

— Ainda tem corridas aqui? — ele pergunta confuso e eu aceno.

— Sim. Porém, é a nova geração, sabe? São os garotos mais novos dos bairros — explico. Sei disso porque eu vinha aqui algumas vezes antes do acidente.

— Entendo. Então, para onde quer ir?

— Precisamos atravessar a pista e andar um pouco.

Theo me ajuda a andar sem que eu tropece ou caia. Quando sinto a grama mudar para terra eu paro e dou passos para a esquerda. Sinto algo roçar na minha perna e sei o que é. Me abaixo e pego um dente de leão. Não preciso vê-lo para saber que suas pétalas são brancas.

Seguro a pequena flor com firmeza e assopro tentando formar a imagem das pétalas voando. Peço a Deus que devolva a mim a visão. Suspiro e afasto a emoção.

— Tome aqui. — Pego a mão de Theo e o faço segurar uma flor também.

— Um dente de leão. — Escuto o sorriso em sua voz e aceno.

— Assopre e faça um pedido.

— Um pedido?

— Isso! Vamos, faça um. O que você mais quiser que aconteça na sua vida — explico excitada por ele estar comigo. Participando de um ritual só meu.

— Ok. — Ele respira fundo e eu escuto seu assopro forte. — Pedi...

— Não me conte! Vai que perde o efeito e não se realiza? — resmungo rindo e ele ri. — Vamos lá.

Respiro profundamente e dou alguns passos para a direita, voltando para a passagem de terra. Tateio à minha frente e sorrio quando sinto a árvore. Procuro a pedra que me dá auxílio para subir e sinto Theo segurar meu braço.

— Ei! Você vai se machucar...

— Não vou. Juro. Espere um pouco — peço e mesmo contra sua vontade ele me solta.

Subo na árvore, que já decorei de tanto que venho aqui, e me sento sobre o galho grosso como o tronco da árvore. Ela deve ser centenária, pois nunca vi uma árvore tão forte. Eu me afasto um pouco e olho para baixo.

— Vem! — grito para o Theo e não escuto nada até que o sinto sentar ao meu lado.



THEO

Faça Lorena enxergar novamente. Esse foi o meu pedido.

Subo na árvore completamente assustado. Lorena subiu na árvore enorme sem dificuldade alguma. Eu me sento ao seu lado e apoio minhas costas no tronco. Seguro sua cintura e a puxo em minha direção. Ela sorri e relaxa em meu peito.

— Amo sentir a brisa da noite daqui de cima. Olha para frente, lá no final tem o mar. Antes dele tem um prédio grande, é o maior deles. Sempre que venho aqui as luzes de lá se acendem e em alguns minutos se apagam. Eu gosto de imaginar que são os pais de alguma garotinha que estão colocando ela na cama.

Segundos depois eu sorrio ao ver que o que ela fala acontece. A luz de uma janela do último andar do prédio se acende. Com alguns minutos depois ela se apaga. Olho para Lorena e beijo seu pescoço.

— Aconteceu do jeito que disse — murmuro suavemente e seus olhos brilham encantados.

— Gostava de vir aqui para ver isso. Esse amor de pais para filhos. — Sua garganta sobe e desce e eu vejo o lampejo de dor em seus olhos.

— Me fala sobre seus pais. Sei que é algo que dói, mas eu quero te conhecer mais — eu peço, porém a sua resposta é um longo silêncio.

Faço círculos em sua mão e tiro os seus cabelos, que escaparam do rabo de cavalo que fez, da frente do rosto.

— Meus pais não são os meus pais biológicos. Nem mesmo sei quem são. Eles adotaram a mim e Gabrielle em troca de algum dinheiro, pelo que minha mãe falou. — Lorena sobe os ombros e sorri triste. — Eles sempre nos trataram com descaso, nunca foram atenciosos ou preocupados. Eles só nos deixavam viver na casa. Descobrimos apenas meses atrás que fomos adotadas. Eu esperei que eles fossem ao hospital me visitar, mas eles nunca nem ligaram para saber como eu estava.

Seus olhos se enchem de lágrimas e eu tento limpá-las, mas Lorena empurra minha mão devagar e as limpa sozinha.

— Eu não deveria chorar. Sou estúpida! Eles nunca gostaram de mim, talvez um pouquinho da Gabby, mas de mim nunca. Os odeio com todo o meu coração, principalmente por terem feito Gabby sofrer tanto, privando-a de ter o filho como seu.

— Imagino que sim. Não sei o que falar, mas obrigado por contar — digo sinceramente e beijo seus cabelos.

— Obrigada por estar aqui. — Sua voz diminui e eu a abraço novamente, deixando-a relaxar contra meu peito.

E é assim; agarrado a ela enquanto estamos em cima de uma árvore enorme, que eu sei que essa menina me estragou para qualquer outra.

Capítulo 10



LORENA

Dias depois...

Por favor, por favor, por favor...

Rezo baixinho quando acordo na tarde da véspera de Natal. Desde que saí daquele hospital me vejo rezando e pedindo a Deus que me devolva a visão. Ontem fui ao médico com Gabby e ele disse mais uma vez que é questão de tempo, então minha irmã está bem otimista.

— Com licença. — Gabby bate na porta e eu resmungo, mandando-a entrar. — Bom dia! Vamos acordar?!

— É claro — resmungo mal-humorada ao abrir os olhos e encontrar, mais uma vez, a tenebrosa escuridão.

Gabby fica calada por alguns instantes e eu me ergo da cama. Começo a andar em direção ao banheiro, mas acabo trombando com o meu abajur e grito enfurecida.

— Lore...

— Estou bem — novamente elevo a voz antes que ela me alcance. Sinto picadas em meus olhos e tento respirar profundamente para afastar as lágrimas fujonas.

— Irmã... — Gabby desliza os braços por meu corpo e me abraça apertado. Encosto minha cabeça em seu ombro e soluço, descontrolada. — Shiu. Não precisa chorar, está tudo bem, eu estou aqui...

— Estou cansada... Quero poder te ver de novo, quero enxergar o rostinho do meu sobrinho pela primeira vez. Eu preciso olhar para o Theo e ver o que ele sente por mim refletido em seus olhos... — minha voz estrangulada ecoa pelo quarto enquanto soluço contra minha irmã mais nova. — Eu quero fugir da escuridão que me rodeia, Gabby... eu preciso fugir...

Gabrielle continua abraçada a mim e eu sinto os tremores do seu corpo. Ela está chorando. Eu me afasto devagar e elevo as mãos, tateando seu rosto em busca das lágrimas. Assim que sinto suas bochechas molhadas eu as limpo devagar.

— Eu sempre fui tão forte, né? Olha no que eu me transformei. Numa reclamona, numa irmã chorona...

— Você tem todo o direito do mundo de chorar, Lorena. E eu estou aqui para te segurar e limpar suas lágrimas, não importa o momento. Eu estou aqui e

não irei sair do seu lado. Nunca. — Suas palavras enviam ondas de amor e carinho para meu coração ferido e desolado.

— Obrigada. Juro que irei melhorar. — Beijo seu rosto e me afasto por completo dela.

Volto a fazer o meu caminho para o banheiro e chego lá prendendo um enorme suspiro de alívio. Faço minha higiene da melhor forma possível e depois saio do quarto.

Passo o dia com meus sobrinhos e irmã. Kieran precisou ir para a oficina, pois ainda tinham serviço para entregar. Gabrielle brigou com ele e Luca por isso, ela está empenhada em fazer o nosso Natal o mais maravilhoso possível. *Vai ser épico*, ela falou.

No final da tarde eu me sento na varanda e fecho os olhos sentindo as rajadas de vento açoitando meus cabelos. O dia está muito bom, o calor deu uma trégua e está mais fresco. Relaxo na poltrona macia e deito minha cabeça.

Sinto algo ser colocado em meus dedos e abro os olhos devagar.

— Ele, de novo — Gabby resmunga e eu sorrio levando o celular à minha orelha.

— Gabrielle está de saco cheio das suas ligações — aviso baixinho enquanto abraço minhas pernas.

— Diga que pedi desculpas — ele balbucia nervoso e eu sorrio querendo ver seu rosto nesse momento. Certamente ele está vermelho como um pimentão. — Só liguei para avisar que talvez eu chegue um pouco tarde hoje. Estou indo deixar minha mãe no aeroporto, ela ficou para trás depois de pensar que eu iria com ela... enfim, só liguei para avisar. Beijo, Medusa. — Ele desliga sem esperar por resposta.

No instinto eu disco seu número e ligo de volta para ele.

— Como se atreve a desligar na minha cara? — faço pouco esforço para minha voz sair chateada.

— Meu Deus, desculpe. Minha mãe me enlouquece — ele resmunga e eu escuto uma voz suave lhe dizer que ele estará bem encrencado quando desligar o telefone.

— Você é um filho mau, Theo... — sussurro devagar, instigando-o, e escuto algo cair do outro lado da linha.

— Pelo amor de Deus... — ele sibila e eu sorrio sabendo que o fiz corar na frente da mãe novamente. — Não faça essa voz e nem diga essas coisas...

— Estou com saudades — mudo de assunto, mas minha voz ainda é suave e sussurrada.

— Também estou. Não se esqueça, passou de meia-noite, a gente vai para a minha casa, okay? — ele murmura e eu escuto sua voz ficar mais abafada, mudou de ambiente.

— Ok. Agora preciso ir.

Desligamos o celular depois de nos despedir e eu sorrio contra minhas mãos.

— Hummm... estou com saudades... — Gabby imita minha voz e eu abro e fecho a boca completamente embasbacada.

— Gabrielle! — grito repreendendo-a e escuto sua gargalhada estrondosa reverberar pelo ambiente.

Eu me ergo e entro, deixando-a sozinha. Vou para sua cozinha a passos lentos e incertos enquanto meus braços estão estendidos. Assim que alcanço o balcão eu respiro fundo e me sento devagar. Já estou decorando onde ficam todos os cômodos da casa.



— Ele deve ter se atrasado... — Gabby murmura ao se aproximar de mim. Estou na varanda há algum tempo, esperando o Theo chegar.

— Onde está o Theo? — uma mulher pergunta e eu reconheço a voz da irmã do Luca. Gaby resolveu que deveríamos comemorar todos juntos. O resultado foi a família do Luca e a nossa na mesma casa.

— Deve ter pegado trânsito, Tina — Gabrielle responde enquanto eu me sento na poltrona. Minha irmã me ajudou a comprar a roupa que eu iria usar hoje. Decidi que seria melhor comprarmos pela internet. Ela detalhou o vestido inteiro para mim, enquanto eu ficava olhando para a janela do quarto, sentindo o vento contra meu corpo.

O vestido é vermelho, longo e tem um decote pouco generoso. Meus peitos quase estão cobertos por completo. As alças da peça são finas, e uma fenda profunda deixa minha perna esquerda à mostra. O vestido na parte de trás é um pouco baixo e deixa minhas costas nuas. Gabby também fez minha maquiagem, ela falou que não foi nada além de um batom também vermelho,

rímel e base com contorno básico.

Mesmo sem conseguir me ver, sinto que estou bonita. Bato o meu pé incontáveis vezes no chão enquanto minha paciência de esperar por Theo começa a se esvaír. Toco em meu brinco suspirando. Quero que ele me veja, quero saber o que acha da minha roupa, se estou bonita.

Meu Deus, em que eu me transformei? Arg!

— Eu estou com fome — uma voz mais baixa pronuncia.

— Estamos esperando o Theo, Lipe — escuto a voz de Luca a responder seu irmão mais novo.

Eu me ergo novamente assim que a porta da frente é atacada por batidas. Meu coração parece que vai entrar em colapso. Suas batidas são mais rápidas que as batidas na porta e isso, ao mesmo tempo que me anima, me assusta completamente.

Como minhas emoções se reduzem a esperar alguém? *Não é qualquer alguém, é o seu alguém.* Minha consciência grita raivosa para mim e eu suspiro sabendo que certamente ela deve estar correta. Ele é o meu alguém.

— Ei! Pensei que não chegaria mais! — Luca grita na sala e eu olho em direção à porta. Mesmo sem enxergar, eu sinto sua presença. Mordo meu lábio querendo parar o sorriso que quer crescer.

— Levei mais tempo que o esperado. — Meus pelos do corpo se eriçam com sua voz baixa e controlada.

Leva alguns segundos para que seu cheiro invada minhas narinas. Todos, à nossa volta, retomam a conversa no exato momento em que sinto Theo bem na minha frente. Espero que ele fale algo, mas os segundos se transformam em minutos e ele não diz nada.

— Você não vai falar comigo? — minha voz sai trêmula e incerta.

— Meu Deus, Medusa, se eu te tocar agora... merda — ele pragueja e eu molho meus lábios com a ponta da língua sentindo minhas bochechas corarem. — Você está linda. Um espetáculo. — Ele faz a distância entre nós sumir enquanto me puxa para seus braços.

Seus lábios tocam os meus por um segundo e logo se afastam. Faço careta por isso e escuto sua risada baixa.

— Preciso ir ao banheiro — ele diz colocando a cabeça em meu pescoço. Sorrio e aceno, seguindo-o para o meu quarto.

Assim que escuto a porta bater Theo avança em mim. Seus lábios são famintos e sua língua explora minha boca com desespero. Seguro seus ombros

enquanto ele me levanta e me coloca sobre uma cômoda do quarto. A fenda do vestido me deixa abrir as pernas e o acomodar entre elas.

Suas mãos seguram meus cabelos escovados e puxa-os para o lado, deixando meu pescoço à sua mercê. Meu *Starboy* beija e morde minha pele enquanto eu deixo gemidos baixinhos saírem por meus lábios.

— Theo... — lamento quando suas mãos avançam para os meus seios.

— Eu imaginei que estaria linda, mas, porra, Lorena, não assim. Você me deixa louco — ele fala com tanta firmeza que eu engulo em seco. Mesmo sem poder ver, eu sinto o desejo intenso que ele sente por mim.

— Mas...

— Theo! Eu quero comer! O Luca disse que estamos esperando só por você. — Eu gargalho quando Theo se assusta com a voz do garoto, pulando em cima de mim.

— Caralho! — ele sussurra contra meu pescoço enquanto eu continuo rindo. — Felipe, seu esfomeado, eu estou ocupado! — ele grita em direção à porta e eu belisco seu braço. — Ei! Tá bom. Já estamos indo, Lipe! — ele torna a gritar e me ajuda a descer da cômoda. — Vamos comer e saímos, ok? Não sei como diabos vou conseguir sentar à mesa com meu pau assim — ele resmunga e eu começo a rir mais ainda.

— Chame Gabby para mim. Preciso que ela arrume a bagunça que você fez — peço e ele vai em seguida.

Fico parada esperando minha irmã e sorrio contra meus dedos. Ele ficou louco. Eu o deixei louco.

— Estou vendo que aqui ferveu...

— Nada disso. Só nos beijamos...

— Humrum, sei. Vamos, deixa eu retocar seu batom. Seu namorado estava todo sujo de batom, ainda bem que eu já estava vindo aqui e entreguei a ele um lenço — ela ri falando e eu sinto minhas bochechas queimarem mais.

Saímos depois de alguns minutos. Theo me ajuda a sentar à mesa e comemos em silêncio, digo, eu comi em silêncio. Theo é ovacionado pela Tina e Felipe. Os dois o amam e querem sua atenção para tudo.

— Theo — Tina o chama assim que terminamos de jantar. — Domingo eu preciso ir ao shopping, você se incomoda de me levar? — Sua voz é suave e eu reconheço o toque de mentira nela.

Já menti o bastante para saber quando alguém mente. Tina quer ir para outro lugar, o shopping é só o ponto de partida.

— Claro. Te busco que horas? — Theo parece alheio e todos também, já que nunca mentiram tanto quanto eu.

— À noite. Umas sete horas.

Os dois marcaram e logo a gente saiu da casa da Gabby. Entro no carro do Theo com sua ajuda e o espero se despedir dos outros. Escuto-o abrir sua porta e relaxo no assento.

— Você pegou trânsito? — questiono quando ele sai do estacionamento e pega minha mão.

— Bastante. Acho que muita gente se atrasou para a ceia de Natal — ele brinca e eu escuto o sorriso em sua voz.

— Entendi — sussurro e acaricio sua mão. Passam apenas alguns minutos e logo estamos em sua casa.

Lembro-me da vez que conheci o lugar. Era arrumado e aconchegante. Hoje eu não sei, e acho que não irei descobrir. O pensamento me traz agonia. Será que nunca ficarei boa? Sei que o médico me disse para ter paciência, mas eu perco um pouco de fé cada dia que acordo.

— Ei... — Theo segura meu queixo entre seus dedos assim que se senta ao meu lado em seu sofá. — O que passa em sua *cabecita*? — sua pergunta descontraída me faz me aproximar do seu peito.

Seus braços rodeiam meu corpo e eu me seguro neles querendo fundir-nos em um só.

— Desesperança. É isso que se passa — explico suspirando ao mesmo tempo que ele acaricia meus braços nus.

— Esperança é renovável. Sempre podemos moldá-la. Ela é um sentimento. Por mais que às vezes eles nos dominem, a gente também pode controlá-los. — Sua voz é decidida e eu coloco meu queixo em seu peito, querendo olhar pra seu rosto.

Eu só queria ver. Ver sua expressão nesse momento. Isso me angustia, me dá raiva e eu sinto que já tenho raiva demais dentro de mim.

— Obrigada — sussurro devagar e avanço para cima do seu corpo.

Beijo os seus lábios com leveza e sinto as mãos do Theo deslizarem pelas minhas costas em direção à minha bunda. Seu aperto me faz suspirar. Sua língua entra por meus lábios e sem pressa alguma ele prova o sabor da minha boca.

Ele se afasta de repente e eu respiro fundo, sem saber por que ele fez isso.

— Levante-se. — Sua voz está rouca e eu faço o que pediu sem

questionar.

Seguro minhas mãos juntas e espero que ele diga algo, mas nada sai por alguns segundos.

— Vire. — Eu me arrepio com seu comando e logo faço o que foi me pedido.

Pulo quando sinto seus dedos no zíper do meu vestido. Theo desce de maneira vagarosa, abrindo o meu vestido. Suas mãos sobem para os meus ombros e ele desce as alças, fazendo com que o vestido caia.

Meus seios ficam livres e estou apenas com a calcinha minúscula que escolhi. Não minto ao dizer que a escolhi sem pensar nesse momento. É claro que fiz.

— Jesus Cristo. Eu mereço você? — ele questiona quando eu me viro.

— Honestamente, eu acho que não — brinco suavemente enquanto dou um passo em sua direção.

Theo senta no sofá mais uma vez e eu me sento sobre seu colo. Seus dedos passam sobre meu mamilo intumescido e eu arqueio as costas.

— Como consegue? — escuto sua voz fazer uma pergunta e suspiro.

— Hummm? — tento falar algo, mas solto um gemido alto quando sua boca toma meu seio.

— Como você consegue me enlouquecer? — Theo pergunta e começa a lambe o vale entre meus seios. Sua língua desliza pelo meu pescoço e eu suspiro, mordiscando sua orelha.

— Não faço nada. — Sorrio enquanto seus dedos descem para minha calcinha.

Theo brinca com meu sexo fazendo com que eu consiga atingir o clímax apenas com alguns toques. Ele afasta minha calcinha e me penetra com rapidez. Grito por um instante, mas logo ele toma meus lábios inchados e engole minhas lamúrias.

Theo segura meus cabelos com força e puxa para trás, deixando meus seios e colo totalmente livres para ele. Sua outra mão aperta minha cintura e ele me ajuda a começar a cavalgar seu colo. Nossos gemidos ecoam pela sua casa de maneira tão desavergonhada que eu sinto meu sexo molhar mais. Theo está encostado ao sofá e eu aproveito essa brecha para me inclinar sobre seu corpo, beijando seu peito e lambendo seu mamilo.

Ele agarra meus quadris no momento em que começo a contrair meu ventre em busca do orgasmo iminente. Theo goza e eu caio sobre seu peito

querendo poder ver seu olhar nesse momento.

Capítulo 11



THEO

Lorena adormece em minha cama e eu fico parado olhando para seu rosto. Quem pudesse ver não imaginaria o quão diaba essa mulher pode ser. Sei que estou apaixonado por ela, porém já senti e presenciei sua maldade. Lorena era perversa.

Mesmo ela não acreditando, eu sei que essa personalidade foi coisa de momento, ela não é daquele jeito. É só ver seu olhar perdido que eu sei que a bondade mora dentro dela.

Deslizo meus dedos pelo seu rosto e ela se aconchega mais em meu peito. Seus cabelos claros estão espalhados pelo travesseiro e eu vejo os fios com luzes brilharem ao receberem a luz do abajur.

Beijo sua testa suavemente e suspiro, fechando meus olhos. Será que sou louco por querer ficar com ela para sempre? Se eu contasse isso a ela, será que surtaria? Lorena é como uma gata arisca, que cada vez que recebe carinho te ataca, ou foge. Não quero imaginar que um dia essa mulher me faria sofrer, tampouco desejo que ela fuja de mim.

Aos poucos Lorena, minha *Medusa*, está tomando controle sobre meu coração e isso é perigoso.

Acordo ao escutar um grito longo e doloroso. Pulo da cama olhando para o quarto, mas saio correndo ao ver que Lorena não está aqui. Meu peito aperta quando a vejo no chão da minha cozinha. Eu me aproximo depressa e a pego em meus braços.

— Jesus Cristo, o que aconteceu, Lore? — questiono aflito enquanto a carrego até o sofá da sala.

— Ah, meu Deus! — ela grita quando sente meus dedos em sua cintura. Elevo minha camisa que ela pegou para dormir e faço careta ao ver o vermelho na sua pele.

— Merda. O que aconteceu, baby? Fale comigo — peço encarando seus olhos perdidos. Ela olha para mim, mas não há reconhecimento.

— Eu só queria água. Eu... bati no balcão enquanto tentava chegar à geladeira. — Ela tem dificuldade para formular as frases e eu me aproximo, beijando sua testa.

— Quando quiser algo, você precisa me pedir, tá? É perigoso, já que você não decorou os cômodos daqui — murmuro preocupado. Arrumo seus

cabelos atrás da orelha enquanto vejo seus olhos encherem de lágrimas.

— Entendi. — Ela acena e enxuga seu rosto com as mãos.

— Agora vamos cuidar desse machucado. — Puxo seu braço e a mantenho junto a mim até chegarmos ao quarto.

Lorena se contraiu diversas vezes enquanto eu passava gelo e pomada. Encaro-a deitada na cama quando escolho músicas para tocar durante o café da manhã.

— Coma. — Entrego um pote de frutas a ela e recebo um sorriso de agradecimento.

Tomamos café em silêncio absoluto. Lorena se perde em pensamentos enquanto está comendo. Eu suspiro, me aproximando mais, e pego o pacote que deixei aqui do lado da cama ontem.

— Theo.

— Oi?

— Desculpa. Eu fui imprudente. — Ela cutuca suas unhas e eu me inclino, deixando um beijo sobre seus lábios vermelhos.

— Não se preocupe com isso — eu a tranquilizo e pego suas mãos. Coloco a caixinha pequena entre seus dedos e sorrio para seu olhar arregalado. — Feliz Natal, Medusa.

A boca dela abre e fecha algumas vezes e eu sorrio apreensivo, enquanto coço minha cabeça. E se ela não gostar?

— Theo, eu... não comprei nada. Sinto muito — sua voz sai baixa e suas bochechas estão coradas. Jesus Cristo, quem diria que Lorena poderia corar?

— Não tem problema. Espero que goste.

Ela começa a abrir o embrulho e sorri quando sente o aparelho celular.

— Da mesma marca do seu antigo, porém um que foi lançado recentemente — explico enquanto retiro os cabelos que caíram em sua testa.

— Ah, Theo, obrigada...

— Já está configurado para que você possa usar normalmente. Quando você toca na tela o aparelho começará a dizer o que está escrito. Vai ficar bem mais fácil, já que você já possuiu um e sabe como mexer — explico enquanto ela liga o celular.

Lorena se entretém, mexendo no celular, e eu me deito ao seu lado. Ficamos na cama até a hora do almoço, quando eu propus que fôssemos almoçar fora. Tomamos banho juntos e Lorena pegou uma mochila que tinha trazido consigo ontem. Eu a observei vestir uma saia cinza de cintura alta que ia até seu

joelho. A blusa parecia um top, pois ficava um dedo acima da parte superior da saia. Nos pés, ela calçou um tênis branco e pegou uma jaqueta preta.

Eu a admirei por alguns minutos e só me levantei quando ela chamou por mim.

— Você está linda — afirmo sério enquanto ela passa algo nos lábios que os faz ficar mais vermelhos e brilhosos.

— Obrigada.

Saímos de casa minutos depois. Seguro sua mão na minha e a ajudo a descer as escadas do prédio. Sorrio para o porteiro e vejo seu olhar de aprovação para Lorena. Sua mão se ergue e ele faz positivo. Reviro os olhos e sigo em direção ao meu carro.

— Lorena? — Viro quando escuto alguém a chamar. FRANZO as sobrancelhas para o cara. Ele tem tatuagens como as de Luca, e eu poderia até dizer que talvez frequentasse o racha.

— Hum, oi. — Lorena olha para onde a voz veio e os olhos do cara se arregalam quando ele percebe que ela não o enxerga.

— Quanto tempo. Eu. Hum... sou o Camilo. Lembra? — Ele está sem graça e eu só não arrasto Lorena para longe porque ela se solta de mim e dá um passo na direção dele.

— Oh, mas é claro. Como está? — Ela sorri para ele e eu quero matá-lo. Não sei por que, mas seu sorriso em outra direção me enfurece. Eles já dormiram juntos? A pergunta ecoa na minha cabeça de repente.

— Estou bem. A Paula estava procurando você esses dias, mas seus pais disseram que tinha viajado — ele explica e se inclina, beijando a bochecha dela.

— Eu viajei sim, mas estou de volta. Estou com o número antigo, peça para que ela me ligue. Por favor. — Ela sorri novamente e eu cruzo meus braços.

— Claro. Você está linda, como sempre — ele murmura com malícia, os olhos presos nos seios dela. Eu dou um passo em sua direção, querendo arrancar seus olhos. O filho da puta sorri para mim e dá de ombros, como se não tivesse culpa por sua atitude.

— Obrigada. É... Theo? — ela chama olhando para os lados e eu me aproximo. — Esse é Camilo, irmão de uma amiga. Camilo, esse é o meu Theo. — Suas bochechas coram novamente e eu beijo sua testa suavemente.

— Seu? Ah, cara, felicidades — o idiota murmura e eu respiro fundo apertando a cintura da Lorena. Tenho cuidado para não machucar o lado ferido.

Ela se despede do cara e eu a guio até o carro. Ajudo-a entrar e saio do

estacionamento segundos depois.

— Por que está tão calado? — sua voz chega a mim e eu me viro, vendo-a sorrindo.

— Nada — respondo curto enquanto estamos quase chegando ao restaurante.

— Camilo é irmão de uma amiga. Ele é legal...

— Você já falou isso — corto-a rapidamente e ela morde o lábio, ficando calada.

— Você está irritado. Por quê? Porque eu falei com um cara? Por ele ser alguém que era meu amigo quando eu era apenas uma vadia estúpida?

— Cala a boca! — mando, de repente, surpreendendo a nós dois pela minha irritação. Aperto o volante com força quando ela empurra meu braço.

— Não, Theo, eu não calo. Meu passado está bem ali, você precisa se acostumar...

— Quer que eu me acostume com os caras, seus amigos ou que diabos tenham sido, olhando para a porra dos seus peitos na minha frente? Ou que eles te chamem de linda na minha cara? — eu grito enfurecido e ela fecha a boca, mantendo seus lábios em uma linha fina.

— Estou cega, Theo, se acha que alguém além de você vai se interessar por mim...

— Meu Deus, você não sabe o que fala, sabia? Você é linda. A garota mais linda que já vi, não importa se não consegue enxergar, ainda é você...

— Você fala isso porque estamos apaixonados...

— Se mesmo apaixonada você não acredita no que eu digo, então temos um problema.

— O problema não é Camilo ter olhado para meus peitos, o problema é você! Seu ciúme. De coisas que nunca aconteceram...

— Eu não sei se aconteceram ou não. Você fodeu com o meu juízo, Lorena — lamento enquanto estaciono o carro. Eu me inclino sobre o volante e respiro fundo. — Não precisamos brigar. Eu não quero brigar. Fiquei puto por causa daquele idiota, mas passou.

— Isso nunca vai passar. Se tiver alguém que eu conheço lá dentro? Com quem eu transei? Você vai enlouquecer de novo?

Suas palavras retumbam na minha mente e eu suspiro querendo socar alguma coisa. Não é possível que eu precise passar por essa merda.

— Não enlouqueci até agora vendo Luca e você no mesmo lugar, então

acho que estou bem. — Abro a porta do carro e saio do veículo.



LORENA

Cansada.

É isso aí. Estou exausta de tentar controlar o ciúme do Theo com meu passado.

Ele sai do carro e eu fico ouvindo sua frase mais e mais. Ainda nisso? Ele ainda se martiriza com o fato de que eu já sai com seu amigo? Meu peito aperta e eu me obrigo a deter a vontade idiota de chorar que quer se apossar de mim.

Escuto minha porta abrir e saio do carro. Theo segura meus dedos nos seus e eu seguro sua mão com força. Não quero que ele se machuque por causa das coisas que fiz. Theo é o melhor cara que conheço e eu sei que se um dia ele me deixar, iremos sofrer.

Juro a mim mesma que irei ajudá-lo a superar isso. Precisamos disso, se queremos ficar juntos.

Assim que entramos somos levados à mesa que ele reservou. Theo me ajuda a sentar e se senta ao meu lado. Quando o garçom vem ele coloca água em nossos copos e pergunta se já sabemos o que vamos pedir.

— O que quer comer? — Sua voz envia calafrios pelo meu corpo. Theo aperta minha mão e eu volto a mim e o respondo.

— Pode ser qualquer coisa. Peça — digo suavemente enquanto escuto o tintilar de talheres pelo espaço, a conversa alta e uma música ambiente.

Theo pede por nós dois e logo estamos envolvidos em nossa refeição. Como o macarrão com molho devagar. Evito elevar a cabeça e conversar com ele. Sei que precisamos de espaço.

— Theo! Cara, que bom que te encontrei — uma voz masculina ecoa e eu engulo em seco. Limpo meus lábios e tento pegar a taça com água, mas esbarro nela e escuto o som do vidro se quebrando ao cair no chão.

Meu peito queima de vergonha, porém, assim que sinto os braços dele em minha volta começo a respirar com mais calma.

— Você está cega? — pulo na cadeira quando escuto uma voz feminina

gritar.

— Jéssica, cala a boca — a voz que falou com Theo manda autoritária e eu sinto meu coração acelerar de maneira assustadora.

— Desculpe...

— Ela me molhou inteira. Que diabos? Para que tem dois olhos na cara? — ela continua a falar e Theo se ergue.

— Cale-se! — ele ruge furioso e eu me levanto segurando em seu braço.

— Eu sinto muito por tê-la molhado, mas respondendo à sua pergunta, sim, eu estou cega. — Minha mão treme com a vontade de estapear seu rosto.

Eu me afasto da cadeira e peço a Theo para ir para casa. Ele se despede do rapaz que se chama Eduardo e vamos embora.

— Eu quero torcer o pescoço dessa vadia! Quem ela pensa que é? — Theo abre a porta do carro para mim e a fecha em um baque barulhento.

— Está tudo bem — murmuro querendo acalmá-lo. Também estou com raiva e, sim, eu gostaria muito de dar alguns tapas na idiota, porém, eu não quero confusão.

— Não está tudo bem — ele me corta rapidamente e eu procuro sua mão ao meu lado. Em alguns segundos nossas palmas estão juntas.

— Theo, de verdade, acho que eu me vi nela. Entende? Eu faria algo daquele tipo, claro, eu ficaria mal depois ao saber que a pessoa está mesmo cega, mas eu falaria aquelas palavras.

— Pare...

— Confesso, hoje eu não faria nada daquilo. Aceitaria as desculpas e pronto, mas eu era daquele jeito. E, Theo, eu estou envergonhada, irritada e com ódio da pessoa que eu era, não da mulher lá dentro. — Uma lágrima solitária desce por meu rosto e alcança meus lábios. Eu odeio quem eu fui. Ouvir suas palavras e me enxergar nela me fez ter nojo.

Theo captura a lágrima ao beijar meus lábios suavemente.

— Isso é bom. Se arrepender e se envergonhar pelos erros é algo bom. Eu me orgulho de você, Lorena — ele sussurra contra meus lábios devagar.

Meu corpo implora para que seus lábios possam capturar os meus, mas ele tem outra escolha. Um arrepio longo ultrapassa meu corpo quando sinto o beijo molhado em minha orelha. Sorrio me lembrando dos beijos no lóbulo que ganhei assim que acordei naquele hospital. Meu coração aprova o gesto e arrisco dizer que ele consolou meu coração mais que um beijo em meus lábios consolaria.

— Você é preciosa, Medusa. — Ele continua dando beijos em meu corpo. Da orelha ele segue para meu pescoço e de lá para o vale entre meus seios.

Por último nossas bocas se encontram e minha barriga dá cambalhotas exageradas enquanto minhas palmas suadas vão para seus ombros. Sinto que a sua camisa social está com as mangas arregaçadas e os botões abertos, deixando um pouco do seu peito à mostra.

Sua língua invade minha boca e eu solto gemidos, apreciando a fúria com que sua boca prova a minha. Theo é impiedoso ao me beijar.

— Você adora isso... — ele murmura ainda com os lábios encostados nos meus.

— O que eu adoro?

— Me deixar louco.

Eu sorrio e ele perde o juízo novamente. Depois de mais beijos de tirar o fôlego, eu o faço me soltar e dirigimos para sua casa.

Capítulo 12



LORENA

A respiração dele é contínua e eu me forço a escutar mais e mais enquanto encosto meu ouvido em seu peito. Theo se mexe e abraça minha cintura, me prendendo em seus braços.

Passo a mão pelos meus cabelos, tentando arrumá-los. Aposto que eles estão completamente assanhados pelo cochilo que ambos tiramos depois de chegarmos do almoço.

Recordo nossa briga depois de ver Camilo e engulo em seco. Será que isso vai se tornar corriqueiro? Nunca estive em um relacionamento, nenhum dos caras com quem eu fiquei me levou a sério até esse ponto. Acho que por isso estou tão abalada com esse ciúme dele com o meu passado. Tento me colocar em seu lugar, se fosse ele que tivesse ficado com alguma amiga minha? Ou tivesse ficado com várias garotas que frequentavam o mesmo local que eu?

Eu acho que não seria tão diferente dele.

Deslizo meus dedos pelo seu peito e suspiro longamente. Queria poder ter certeza de que vamos conseguir passar por isso, mas não tenho, então só posso continuar aqui, esperando.

Escuto o celular do Theo começar a tocar e cutuco suas costelas. Ele resmunga e esconde sua cabeça em meu pescoço enquanto me puxa mais para seu peito.

— Theo — chamo tentando afastá-lo, porém ele nem se mexe. Meu Deus.

O toque estridente para, mas logo volta a ecoar. Tateio o lado da cama e acho o criado-mudo. Toco em seu celular e pego. Volto para a posição anterior e volto a cutucar suas costelas.

— O quê!? — Sua voz grogue me faz rir.

— Estão ligando. Atenda, por favor. — Entrego o celular em sua mão e me sento na cama. Sinto quando seu corpo retesa e o toque do celular continua. — Theo? Acorda e atende. Pode ser importante — explico empurrando seu ombro.

— É... alô? — sua voz sai incerta e eu volto a deitar e fechar os olhos para lhe dar privacidade. — Não. — Ele adquire um tom agressivo e eu estranho isso. Quem ligou? — Não se atreva, porra. — Coloco a mão em suas costas quando ele grita.

— Theo — chamo quando ele se ergue da cama. — Está tudo bem?

— Não ligue mais. — Sinto quando seu celular aterrissa no colchão.

Ficamos em silêncio enquanto eu fico sentada na cama, sem saber se ele ainda está aqui ou se saiu do quarto.

— Eu vou precisar sair agora. Te levarei em casa, tudo bem? — Sua voz está controlada e baixa. Sinto sua indecisão só de ouvir suas palavras.

— Aconteceu alguma coisa? — questiono me erguendo. Eu me apoio no criado-mudo até firmar meus pés no chão e o sinto se aproximar.

— Sim, mas não quero falar sobre isso. Vamos lá. — Ele segura minha mão e me ajuda a vestir minha roupa. Arrumo minha camiseta e saia, e ele se abaixa, colocando meu tênis.

— Não precisa fazer isso...

— Eu sei. Só quero ajudar...

— Você está com pressa para que eu dê o fora? — questiono apertando minhas mãos. E se ele estiver esperando alguém? — Alguém está vindo aqui? É isso?

— Lorena, pelo amor de Deus, é lógico que...

— Olha... — Engulo em seco e suspiro. — Tudo bem. Deixa para lá. Me leva para casa, Gabrielle deve estar preocupada...

— Lore...

— Por favor — eu o interrompo e me afasto dele.

Theo suspira e me guia para a saída depois que se veste. Fico calada o caminho inteiro até o carro. Coloco o cinto de segurança e escuto sua porta bater fechada.

— Mais cedo eu avisei sua irmã que está bem e que está comigo, ela não está preocupada.

— Ok. Obrigada.

Fecho meus olhos enquanto relaxo no banco. Theo parece compartilhar comigo a vontade mínima de conversar sobre quem ligou para ele. Não quero parecer a louca ciumenta, ou como ele próprio mais cedo. A questão não é nos deixar quites, isso é até estúpido de pensar. Só quero entender o que está acontecendo com ele para deixá-lo tão tenso e chateado.

Seu carro estaciona e eu sei que cheguei à casa de Gabby. Abro a porta, não esperando por ele. Ando reto, sentindo as pedrinhas que fazem caminho até a varanda da minha irmã. Antes que eu vá mais que um metro sinto sua mão entrelaçar à minha, porém me solto.

— Apressada? — Sua tentativa falha de me fazer rir me dá nos nervos,

mas permaneço calada. Abro a porta e entro, deixando-o parado. — Medusa...

— Lorena... — Gabby murmura atrás de mim e inclino minha cabeça para baixo.

— Depois nos falamos — digo a Theo e fecho a porta.

Ando para meu quarto, ouvindo os passos de Gabrielle ao meu redor. Eu me sento na cama e tiro o tênis, jogando-o pelo quarto, em seguida me sento no chão, onde sei que tem uma tela limpa, pronta para receber pinceladas ou deslizes de dedos, no meu caso. Minha irmã faz a mudança todos os dias, claro, depois que me pergunta se elas estão finalizadas ou não. Falando nisso...

— Não tenho costume de voltar para a mesma tela. Quando eu paro de pintar, ela está pronta. Isso é estranho? — minhas palavras saem emboladas e eu percebo o grande caroço em minha garganta.

Deus, Lorena, você é tão patética! Quem é você? Você não chora por nada, além da sua irmã. O que ele fez contigo? Minha consciência me inferniza e eu engulo em seco, tendo conhecimento de que ela está certa. Quem diabos eu sou? No que eu me transformei? Eu choro por tudo, me torno uma bagunça em segundos quando Theo faz algo.

— Claro que não. Acho que isso faz parte da gente, sabe? Não esse seu ritual, mas ter um. Você entende? A arte pode ser bem simplória para alguns, mas para a gente, que a faz, ela é estranha, intensa... Sei lá, viajei um pouco. — Eu sorrio para suas palavras. Gabby senta ao meu lado e sinto sua mão acariciar meus cabelos.

— Gabby...

— Seus cabelos estão enormes. Não quer cortar? É só uma pergunta, pois eu acho que estão lindos.

Suas palavras fazem flashes de ontem piscarem em minha memória. Sinto Theo pegando em meus cabelos, colocando-os atrás da minha orelha. Engulo em seco e balanço a cabeça.

— Não. Eu gosto deles assim também.

Ela fica calada por alguns segundos e eu já sei o que vai falar.

— É, eu sei que não quis me contar...

— Hoje não, Gabby. Só preciso pintar e depois desço para jantar — corto sua fala. Não porque eu esteja sendo chata, mas porque não quero parecer novamente a mulher de segundos atrás. A chorona.

— Tudo bem.

Ela sai e eu escuto a porta fechar. Abro algumas tintas e coloco um pouco

de cada na paleta. Toco na tinta com a ponta dos meus dedos e devagar começo uma nova pintura. Essa eu sei quem é desde o primeiro deslize. Sou eu.

De olhos fechados eu me vejo em frente ao meu espelho, na minha casa, na casa que eu cresci. Eu estava arrumada, pronta para sair de casa. Meus seios estavam quase pulando para fora, meus cabelos em ondulações grossas estavam escuros e meus lábios vermelhos. Tudo parece ser normal ao ver de qualquer pessoa, até eu mesma, se não fosse o meu sorriso. Cruel. Essa é a definição e eu tenho certeza de que, na tela à minha frente, esse é o mesmo sorriso.



Cinco dias depois...

— Você deveria ver sua cara agora. Sério — Gabby resmunga enquanto eu tento entrar em uma das minhas saias antigas. Não entra. — Você parece em pânico...

— É porque eu estou! Não acredito, eu engordei. — Minhas palavras são gemidos desconexos. Eu engordei quantos quilos, por Deus? A saia não passa da minha bunda. Como assim... — Meu rosto está redondo? Gabby, por que não me disse que eu estava gorda como uma porca?

— Você é tão dramática. É normal engordar, você ficou um tempo em coma e emagreceu muito, você está repondo o que perdeu...

— Estou ganhando extras e eu odeio extras — eu a interrompo, saindo da saia e jogando-a em cima da cama atrás de mim. — O que eu vou vestir? — pergunto cansada.

Theo viajou depois do Natal. Ele está chegando hoje e eu nem mesmo estou arrumada para recebê-lo. Tudo bem, a gente brigou, mas faz uma semana que não o vejo... o sinto, me corrijo. Não posso alimentar a raiva para sempre, não é?

Olha a *Lorena Nutella* aí. Reviro os olhos para meus pensamentos. Agora sou classificada em Nutella e Raiz, como esses posts idiotas do Facebook.

— Olha, eu acho que ficará linda vestindo shorts e blusa normal. Ele só quer te ver, não importa o que estará vestindo...

— Eu não ligo para o que ele quer, eu queria vestir a saia, pois gostava

dela. — Minha frase sai tão raivosa e minha consciência sorri, vendo a *Lorena raiz*.

— Lorena, o que houve entre vocês...

— Ele recebeu um telefonema, ficou puto e me mandou embora. Foi isso que aconteceu. Ele não me disse quem tinha ligado ou o que o deixou com tanta raiva. Ele só me disse que teria que sair e veio me deixar. Está bom para você ou quer mais?

Minha irmã permanece calada e eu percebo o motivo no segundo que o cheiro dele me envolve.

— Hum, eu... hum, mana...

— Eu sei. Nos deixe sozinhos, por favor — murmuro para Gabby, que sai do quarto sem falar nada. Eu me viro, apanhando minha saia do chão e indo para o meu guarda-roupa. Deslizo a mão pelos shorts e encontro um jeans com bordados na frente e o pego, jogando na minha cama.

— Você vai ficar só de calcinha? — Sua voz rouca me faz morder o lábio. Felizmente estou de costas para ele, pois logo coloco minha máscara de frieza.

— Minhas roupas não estão mais cabendo. Acho que esse será meu visual daqui para frente — respondo séria e me sento na cama. — Como foi de viagem?

— Bem. — Ele arranha sua garganta e eu franzo as sobrancelhas. — Se cobre, pelo menos. Estou longe de você há uma semana, não é como se te ver seminua não vá me fazer ficar duro.

— Ah, você está de sacanagem... — resmungo balançando a cabeça.

— Não, eu não estou. Sou homem, Lorena. Uma semana é tempo demais...

— Tudo bem. — Pego o short e deslizo pelas minhas pernas, agradeço por ele ser um número maior que o que eu vestia antes. Assim que o tecido cobre minha bunda eu suspiro. Obrigada, Deus.

— Vem aqui — ele pede suavemente e eu fico parada no meu lugar, sentada na cama.

— Venha você — mando cruzando os braços.

Em questão de segundos ele está na minha frente, com as mãos em minhas coxas, talvez de joelhos, pois está na minha altura sentada.

— Estava com saudades, Medusa. — Sinto o atrito da minha pele com o tecido do seu terno e suspiro. Ele veio direto do aeroporto.

— Quero mais que isso, você sabe...

— Eu sei, mas aquilo era trabalho. Nada de mais...

— Tem certeza? Não parecia. — Sou irônica ao falar e ele percebe isso.

— Você pensa que tenho outra? — A surpresa em sua voz me faz revirar os olhos. Sério isso?

— Não era ela te ligando? — Seu silêncio prolongado me faz engolir em seco e empurrar seu peito. — Acho melhor você ir, Theo...

— Porra, Lorena, o que pensa que eu sou? — ele questiona pegando meus pulsos e os prendendo nas minhas costas. — Eu estou aqui cansado de um voo de quatro horas, mas meu primeiro pensamento desde que entrei naquele avião era te ver, baby. Te ver.

Eu me calo, porque o que eu falaria? Outra ironia? Estou cansada disso, e se eu for sincera direi que estava com tanta saudade quanto ele.

— Acho melhor calar a boca e me beijar, Theo.

Não preciso repetir. Suas mãos soltam meus pulsos e uma delas agarra meu rosto enquanto a outra prende meus cabelos. Deito na cama com seu corpo sobre o meu quando sua boca se choca com a minha. Abro meus lábios, abrigando sua língua doce e gemidos de nós dois ecoam pelo quarto. Seguro sua cabeça, querendo nos aproximar mais ainda, e deslizo meus dedos pelo seu pescoço e ombro. Theo puxa meus cabelos e meu pescoço fica à sua mercê. Beijos molhados e pequenas mordidas são espalhadas pelo meu corpo, me fazendo gemer descaradamente. Por que ele tem que ser tão gostoso? Por qual motivo ele precisa ter tanto controle sobre meu corpo?

— Porra — Theo geme enquanto eu nos viro e fico em cima do seu corpo. Esfrego meu ponto dolorido e sedento de atenção em seu membro duro, arrancando mais gemidos de nós dois.

Suspiro em seus lábios enquanto mais beijos esfomeados são protagonizados pela gente. Ao me inclinar para um novo beijo, escuto o seu celular começar a tocar. Não sei por que me irrita tanto, mas dentro de mim cresce uma vontade de jogar esse aparelho longe.

— Atende — mando irritada e saio de cima dele.

— Inferno! — ele pragueja e logo atende. — Tina? Onde diabos você está? — Sua voz cresce furiosa e eu franzo as sobrancelhas, mas, em seguida, o entendimento me cai.

A irmã do Luca. E não é que a pequena encenqueira precisava ser salva?



— O que ela está fazendo aqui? — Essa é a primeira coisa que Valentina fala ao me ver com Theo.

O que não me surpreende em nada, porém, o fato de ela estar no racha em que conheci Theo e toda sua turma, sim.

— Ela é minha namorada e, no momento, estou mais preocupado com o que você está fazendo aqui. — A voz de Theo é irritada, mas tanto eu quanto Tina sentimos a apreensão nela. Ele está preocupado.

— Precisamos conversar, eu posso explicar, eu juro. — Suas palavras se tornam mais flexíveis e eu pude notar o toque de medo nela.

Eu me assusto quando sinto uma mão em meu ombro e esbarro em Theo. Sua mão enlaça minha cintura e eu encaro a escuridão, mas sabendo que tem alguém ali.

— Lorena? — a voz familiar me faz franzir a testa. — Meu Deus, você está cega?

Minha respiração trava e um sentimento envolve meu corpo inteiro.

Nostalgia.

Bea.

Capítulo 13



LORENA

— Meu Deus, Bea, quanto tempo. — Eu sorrio puxando-a para meus braços.

Conheci Bea aqui mesmo, nesse racha. Ela faz parte do passado que eu tento apagar desde que Gabrielle ficou grávida. Bea me ajudou a infernizar a vida de tanta gente. Ela é tão malvada quanto a antiga Lorena, porém eu sempre gostei dela. Ainda gosto.

— Eu sinto muito. — Eu sei ao que ela se refere então apenas assinto e dou de ombros. Minha cegueira não é motivo de vergonha, estou assim, e quanto mais tempo passa, mais começo a aceitar minha condição.

— Não tem problema. Como você está? — questiono segurando sua mão.

— Estou... estou... Você ainda está com o número antigo? — Sua voz quebra entre as palavras e eu franzo as sobrancelhas.

— Sim, é o mesmo. Você está bem? — pergunto estranhando seu nervosismo.

— Sinceramente? Não tanto, mas gostaria de conversar. — Ela suspira e eu aperto sua mão suavemente.

— Claro. Me liga e saímos. — Dou um passo em sua direção, mas a mão do Theo aperta minha cintura, me mantendo em seu peito.

— Hum, vocês... — a frase dela morre e eu sorrio.

— Estamos namorando — digo suavemente. — Eu sei! Maluco, não? Depois te conto tudo. — Eu abraço Theo e beijo seu queixo enquanto ele me abraça de volta.

— Bea — ele a cumprimenta enquanto sua mão acaricia a minha.

— Theo. Como vai?

— Bem, obrigado. Precisamos ir, Lore — ele me avisa e eu aceno. Eu me despeço da Bea com um beijo na bochecha e vamos embora com Tina, que ficou silenciosa de repente.

— Amanhã vou na sua casa e vamos conversar — Theo avisa assim que chegamos à casa da irmã do Luca.

— Tudo bem.

Escuto a porta bater e sei que Valentina desceu do carro. Theo me leva para jantar em um restaurante e eu o sigo de mãos dadas para dentro do local.

— Você deve estar cansado, não é? — Pegó sua mão e apertó. Vir direto do aeroporto, lidar com uma Lorena insegura e raivosa e ainda salvar a protegida dele deve ser cansativo ao extremo.

— Um pouco. Você vai me fazer massagem quando chegarmos em casa.

— Theo, não vou dormir na sua casa — aviso mordendo meu lábio. Não quero me enfiar na vida dele assim. Vamos devagar.

— Olha, eu sei o que está fazendo e em outro dia eu ficaria puto e aceitaria, mas não hoje. Hoje eu vou ficar muito puto e não concordarei. Passei dias longe e eu quero você comigo. Quero te ter perto. Isso não tem nada a ver com sexo. E se quiser, não fazemos nada. Eu só preciso ficar com você. Acordar no meio da noite e poder te puxar para o meu peito. Te encontrar ali, entende? Hoje eu não aceito distância, Lorena. Então, por favor, não insista.

Eu não percebo o quanto suas palavras mexem comigo até meus lábios estarem contra os seus. Não sei como encontrei sua cabeça, mas foi instinto. Eu sabia que ele estaria ali do lado, com a boca ali, a centímetros de distância.

— Eu não mereço você. Nunca irei. Quem escreveu nossa história estava louco por escolher justo a mim para ser seu par. Sou uma bagunça, enquanto você é a mais perfeita arrumação. Você é gentil e atencioso, eu sou arrogante e despreocupada. Somos opostos...

— Já dizia alguém que não conheço, os opostos se atraem. — Sua voz soa risonha e eu balanço a cabeça, não acreditando nesse homem. — E, porra, eu sou atraído pra caralho por você.

Jantamos rindo e brincando. Theo me levou para seu apartamento e, sim, nós só dormimos. Porque, às vezes, não é sobre sexo. É sobre estar lá. Acessível para o outro.



THEO

“— Hum, vocês... — Beatrice questiona baixo para Lorena e eu tenho vontade de apertar seu pescoço. Ela ficou louca? Que diabos veio falar com Lorena vendo que estávamos juntos?”

— Estamos namorando. — Medusa sorri e eu engulo em seco. — Eu sei! Maluco, não? Depois te conto tudo. — Ela se agarra a mim e sinto seu beijo em

meu queixo. Sob os olhares de Bea eu abraço Lorena e a vejo desviar o olhar.

— Bea — cumprimento vendo seu olhar seguir minha mão pela pele da Lorena. Por que ela parece estar tão doente?

— Theo. Como vai? — sua voz tem uma pitada de sarcasmo, mas apenas eu pego isso. Valentina está ocupada demais olhando para seus pés e Lorena... bem, não pode ver.

— Bem, obrigado. Precisamos ir, Lore — digo firme e seguro sua mão. Lorena se solta e abraça Beatrice, se despedindo. Esta apenas me encara. Antes que se afastem o sorriso em seu rosto faz minha barriga se contorcer.

Beatrice engana a todos, menos a mim, por isso a máscara caiu.”

Aperto meus olhos tentando em vão dormir. Encaro o rosto pacífico de Lorena e suspiro, beijando sua têmpora. Trago-a para meu peito e fecho os olhos, enfim, encontrando o sono.



LORENA

No dia seguinte Theo fez questão de me deixar, mesmo Gabby dizendo que poderia vir até aqui. O burburinho por isso é que os pais dele querem que o filho vá passar o dia na casa deles. Segundo eles, se Theo quiser me levar para lá mais tarde, poderia sem problema. Não acho que o convite tenha sido de boa-fé. Eles querem mesmo é o filho junto deles e eu não os culpo. Theo está ao meu redor desde o acidente. Os pais quase o perderam, o querem por perto e foi por isso que aceitei ir para lá.

Assim que acordei pedi para vir para casa, amanhã já é Ano Novo e eu preciso me arrumar para a virada. Não que eu precise de um dia inteiro, longe disso, mas Gabrielle quer ir ao salão enquanto sua cunhada, o avô dos seus filhos e Kieran ficam com os meninos.

— Lorena!

— Estou indo — resmungo ao ouvi-la me chamar novamente. Escuto os pingos de chuva cair no telhado e me pergunto como minha irmã quer sair numa chuva dessas.

Tateio o lado das minhas bolsas no guarda-roupa e acho uma pequena com franjas. Saio do quarto devagar e sorrio quando sinto Nico em minhas

pernas.

— Ei, meu príncipe! Para onde vai com tanta pressa? — pergunto pegando-o em meus braços.

Abro meus olhos e pisco diversas vezes quando uma imagem desfocada surge à minha frente. Cabelos escuros, corpo pequeno, mas gorducho, e olhos grandes... Eu me ajoelho com Nico em meus braços e me sento no chão.

— Não sou *píncipe*, Tia Nore. Sou um *sodado*. — Vejo sua boca se mexer, mas não com nitidez. Como isso aconteceu de repente?

— Gabby! — grito puxando meu sobrinho para meus braços. Nico ri, porém logo se espedaça, querendo fugir.

Solto seu corpo ainda de olhos arregalados e soluço quando Gabrielle surge ali no meio da sala. Seu corpo curvilíneo, seus cabelos, novamente cor-de-rosa, tudo na minha frente, porém como se eu estivesse dentro de um carro no meio de uma chuva torrencial com nuvens cinzentas. As janelas embaçadas, borrando tudo que vejo.

— O que... Oh, meu Deus! Kieran! — ela grita se ajoelhando na minha frente e eu abro mais meus olhos, tentando fazer o foco surgir, mas não aparece.

— Ai, meu Deus. Gabby, eu estou te vendo. — Deslizo as mãos por seus cabelos e abraço seu corpo sem conseguir fechar os olhos. — Estou com medo. Estou sonhando, não é? — soluço em seus braços enquanto vejo a sala dela à minha frente ainda desfocada.

O sofá bege está logo à frente, a mesa de centro com um jarro de flor artificial e os tapetes felpudos. Brinquedos do Nico e Luca espalhados pelo chão e Luca bem ali no seu carrinho.

— Não está. Não está, mana. — Ela me puxa, me erguendo, e eu ando até Luca no carrinho enquanto olho para os lados da casa. É tão grande, tão acolhedora.

— Luca — murmuro levando a mão aos meus lábios. Seu rosto é alongado como o do seu pai e eu olho para Gabby, que faz careta olhando para mim. — Nenhum vai se parecer com você? — pergunto rindo e me viro para seu filho mais novo novamente. — Sou eu, Titia Nore — eu me apresento suavemente enquanto toco sua bochecha gorda.

— O que aconteceu? — Kieran fala atrás de mim e eu me viro, vendo-o de pé, vestido todo de preto.

— Algumas coisas não mudam, não é mesmo? — digo rindo e sua boca se abre quando ele percebe que estou olhando sem nenhuma confusão. O desfoque ainda está aqui, mas só de ver isso, as formas deles, basta para fazer

tudo ser melhor. Basta para que eu sorria com mais facilidade e felicidade.

— Lorena. — Ele ri emocionado e me abraça. Meu queixo treme e eu sinto lágrimas grossas encherem meus olhos.

— Eu estou enxergando. Eu estou — afirmo diversas vezes enquanto eles dois me abraçam.

Solução nos braços de Gabby olhando pela janela enquanto meu mundo preto, escuro e sem cor se desvanece e em seguida me apresenta todas as cores do arco-íris que aparecem pela janela.

— Precisamos levá-la ao hospital — Kieran lembra a Gabby e ela acena se afastando no mesmo momento em que a porta é aberta, e eu vejo a irmã e o pai do meu cunhado.

Espero os dois no carro, sorrindo enquanto vejo o painel à minha frente. Vejo os brinquedos e as cadeirinhas dos meninos ao meu lado e suspiro. Pego o celular em meu bolso e engulo em seco, pensando em Theo. Fico indecisa sobre contar ou não a ele, mas opto por esperar até estar no hospital. Quero fazer surpresa. Sei que ele vai gostar.

— Ligou para o Theo? — Kieran pergunta ao lado da Gabby quando já estamos perto do hospital.

— Não, eu quero fazer surpresa mais tarde — explico eufórica e ele olha para minha irmã, ficando sério. — O que foi?

— Sua ideia é ótima. Ele ficará muito feliz — Gabrielle responde, porém Kieran vira o rosto. Ele, com certeza, não compartilha dessa opinião.

— Kieran?

— Se eu fosse ele e você, Gabby, eu gostaria de saber logo. Gostaria de estar com você no hospital — ele resmunga, mas minha irmã balança a mão em desdém.

— Ela está bem, a visão está voltando. O médico disse que essa mudança era parte do processo de cura. Se quer fazer surpresa, não vejo problema. Ele ficará feliz do mesmo modo. O importante é que está bem.

As palavras dos dois retumbam em minha mente e eu engulo em seco. Será mesmo? Não tenho tempo de optar pelo plano do Kieran, pois chegamos ao hospital. Sou levada até meu médico e ele sorri animado quando lhe conto que o estou vendo um pouco embaçado.

— Vamos fazer alguns procedimentos e exames. Esse é um passo importante e foi maravilhoso, Lorena — ele me informa baixo enquanto me sento em seu consultório. — Você é sortuda, pois eu perdi meu voo para passar a

virada com meus familiares. Então, sem ter o que fazer, eu vim trabalhar — ele ri falando e eu suspiro.

— Sinto muito por isso, mas em algum lugar aqui dentro, eu também estou grata. Desculpe.

Eles riem e o doutor me manda para a sala de exames. Depois de me trocar e passarem algumas horas, finalmente estou em meu quarto.

— Bom, Lorena, cá estamos nós — doutor Flávio brinca sentando em uma cadeira ao lado da minha cama. — Quando se acidentou, eu já até expliquei isso, mas faço questão de frisar novamente, você sofreu uma pancada forte que acarretou em uma pequena lesão no seu lóbulo occipital. Esse é a parte do nosso cérebro que coordena nossa visão. Por causa da lesão você ficou sem enxergar durante esse período. Também te falei que seria algo temporário, mas que eu não poderia dar um prazo. Felizmente, o seu prazo se encerrou. E esse prazo era necessário para que essa lesão curasse, realmente.

Doutor Flávio ajusta seus óculos sobre o nariz e sorri.

— Você está vendo embaçado, borrado ou o que quiser chamar, pois ficou bastante tempo sem ter domínio sobre a visão, então eu estou indicando que tenha mais um pouco de calma. Vamos nos ver semana que vem.

Flávio continua sua fala dizendo o quanto a volta súbita de visão é maravilhosa e que eu deveria ir festejar o Ano Novo com minha família.

Saio do hospital e vou com Gabrielle diretamente para o salão. Sorrio ao ver a árvore de Natal que ainda não foi retirada da praça de alimentação. Minha irmã pega minha mão e nos guia até o salão. Como marcamos horário para manhã, estávamos atrasadas, porém Gabrielle conversou com o dono e puderam nos encaixar.

Depois de uma hora Gabby e eu estamos em casa. Meu celular começa a tocar assim que eu saio do banho. Meus dedos tremem quando percebo o formato do nome de Theo na tela.

— Oi...

— Liguei várias vezes durante o dia e você não me atendeu. Quero dizer, ninguém me atendeu. Gabrielle, Kieran... — Suas palavras saem emboladas e eu percebo sua preocupação. Não fiquei com meu celular, Gabby e Kieran com certeza não atenderam para não ter que mentir para que eu não falasse com ele.

— Desculpe. Deixei o celular em casa — explico incerta enquanto arrumo meu vestido em cima da cama. Seu comprimento não é lá tão curto, porém também não é longo como o do Natal. O tecido branco é macio e se encaixa em meu corpo perfeitamente. A renda branca por cima do forro macio o

deixa com ar sofisticado e eu apreciei bastante. O decote é um pouco grande, mas as mangas até os pulsos o deixam mais comportado.

— Tudo bem. — Ele suspira e eu escuto barulhos ao fundo. — Posso te buscar que horas? — ele muda de assunto.

— Estou me arrumando. Que tal daqui uma hora? — indico enquanto ainda seguro o vestido em meus dedos.

— Ótimo. — Sua voz morre e eu estranho seu silêncio prolongado. — Tem certeza que quer fazer isso? — Mordo meu lábio ao escutar suas palavras.

— Sim, mas você tem? — inquirio olhando para minhas unhas pintadas com um esmalte claro.

— Só não quero que faça algo que não quer. Não quero que faça isso porque quer agradar minha mãe. Podemos sair, só nós dois...

— É isso que você não entende. Não é sobre querer ou não. Isso é sobre sua família ter quase te perdido, Theo. Saber do seu acidente criou pensamentos de que você poderia não estar com eles nas festividades. E isso é desolador. — Suspiro e fecho meus olhos, tentando me acalmar. — Eles pensaram que não te teriam hoje, mas você está aqui, então podemos sim, ir ficar com eles e mostrar que nada mudou. Você sempre estará com eles.

Seu silêncio permanece por vários segundos e, quando penso que a chamada caiu, escuto sua respiração.

— Eu... não tinha pensado nisso — confessa baixinho e eu me pego desejando estar com ele nesse momento. Theo parece mesmo confuso, e até angustiado.

— Estarei te esperando daqui uma hora completamente deslumbrante. — *E enxergando*. Quase completo, mas isso estragaria a surpresa, então apenas brinco.

— Você sempre está, Medusa.

Desligo assim que nos despedimos e corro para me arrumar.

Capítulo 14



THEO

Guardo o celular no bolso e me viro, vendo minha mãe parada ali. Seu sorriso é pequeno e eu suspiro, indo até ela e a abraçando. Ela parece surpresa, porém logo envolve meu corpo também.

— Ei! Não me diga que sua namorada não quer vir para cá. — Ela se afasta fazendo uma careta de desagrado óbvio.

— Não. Ela me disse que, palavras dela, no dia do acidente vocês tiveram pensamentos sobre eu não poder estar aqui hoje, e o quanto minha presença apaziguaria esse medo.

Minha mãe arregala os olhos e coloca a mão sobre seus lábios. Suas unhas estão pintadas, seus cabelos, impecáveis, e suas roupas são as mais belas e elegantes. Ela é linda.

— Oh, querido, desculpe — ela murmura enquanto seus olhos se enchem de lágrimas. — É completamente verdadeiro o que ela falou.

— Eu sei. Me desculpe — peço e beijo sua testa.

— Que bonito. — Meu pai ri entrando na sala e eu rio da sua roupa de hoje.

— Você é o único bonito hoje, querido — mamãe brinca enquanto passa por ele. Sua bermuda é simples e sua camisa branca está suja de carvão. Ele resolveu fazer churrasco. — Vá tomar banho. A namorada do Theo vem nos conhecer hoje. — Ela sai da sala e eu vejo a careta dele.

— Ela pensa que manda em mim. — Ele ri dando de ombros enquanto bebe mais cerveja do seu copo.

— Agora, Carlos! — ela grita fazendo-o pular e ir em direção às escadas.

— Estou indo, caramba! — reclama e eu arqueio a sobrancelha em ironia. — Não tem muito o que fazer, logo saberá disso. Elas mandam em tudo.

Eu gargalho da sua cara e ele logo termina de subir as escadas. Ando até a varanda da casa enorme e vejo Ricardo em frente a uma loira alta. Deve ser sua namorada.

Volto para o meu antigo quarto e me arrumo. A bermuda e a blusa de botões são brancas, meu chinelo é marrom e parece ser de couro. Subo as mangas da blusa e fecho apenas três botões no meio. Arrumo meu cabelo e sorrio. Isso deve bastar.

— Estou indo buscar minha mulher! — grito quando estou na sala,

pegando as chaves do meu carro de cima da mesa de centro.

— Já vai tarde! — Ricardo grita colocando a mulher em seu colo quando passo por ele.

— Morrendo de rir. Para de beber ou não vai nem ver o ano entrar — brinco elevando as sobrancelhas e ele me manda dar a bunda.

Assim que chego à casa da Lorena, Gabrielle abre a porta. Ela está arrumada e os meninos também. Kieran aparece logo atrás e me dá tapinhas nas costas, saindo da casa com Luca, o filho mais novo, em seus braços.

— Ela está no quarto. Estamos atrasados, por isso entre. — Gabby sai também, mas ela segura a mão de Nico, que está bem maior que da última vez que o vi.

— Claro, obrigado. Boa virada para vocês. — Sorrio e fecho a porta.

Caminho para o quarto de Lorena e suspiro quando a porta dele se abre e ela aparece. Suas pernas estão nuas, e seu vestido tem um decote um pouco revelador. Seus cabelos estão lisos e alinhados.

— Deslumbrante é pouco — falo suavemente quando ela escuta meus passos.

— Obrigada. — Seus olhos vão para o chão e em um segundo se elevam. O ar é completamente roubado de mim quando percebo, pelo olhar certo e brilhante, que ela me vê, me enxerga.

— Lorena? — seu nome é sussurrado tão baixo por mim e ela sorri, colocando o cabelo atrás da orelha. As pontas batem logo acima da sua cintura e eu engulo em seco.

— Você também está deslumbrante — ela diz e seus olhos deslizam pela minha roupa. Caralho.

— Você está me vendo, bebê? — questiono puxando sua cintura. Sua boca se abre um pouco e eu tenho vontade de retirar o batom escuro dos seus lábios.

— Sim. — Seu queixo treme e eu olho diretamente para seus olhos atentos, vivos. — E eu posso dizer, com certeza, que você é a melhor visão que já tive — ela afirma enquanto eu levo minha mão para seu pescoço e prendo seus cabelos sedosos.

— Jesus Cristo — resmungo segundos antes de me inclinar e beijar seus lábios com desespero. Sua língua desliza por minha boca e ambos gememos enquanto provamos o gosto um do outro. — Não acredito nisso — murmuro rindo, quando me afasto.

Seus lábios estão um pouco borrados, mas muito menos do que imaginei que estariam. Ela sorri e se coloca nas pontas dos saltos para me dar um selinho.

— Foi tão de repente, Theo. Passei o dia fazendo exames e não conseguia parar de pensar nesse momento. Em poder te ver de novo. Você é tão lindo, tão elegante e metido. Eu tenho sorte — ela diz tão rápido que eu me surpreendo por entender.

— Você que é linda. Porra, não quero sair daqui. Minto, quero sim, quero ir para o meu apartamento e ficar lá apenas olhando para você. Tirar esse vestido e te sentir.

— Eu também, mas precisamos ir para sua casa, lembra? — Suas mãos tocam meu rosto e eu suspiro acenando.

— Tudo bem.



Ajudo Lorena a descer do carro e seguro sua mão enquanto ela encara a casa dos meus pais. A mansão que meu pai deu de presente à minha mãe quando se casaram é intimidante, mas eu fui feliz aqui. Meus pais se amam, e esse amor refletiu na criação dos filhos. Ricardo e eu somos sortudos.

— Eu sei — resmungo vendo Lorena engolir em seco.

— Minha casa era grande, mas essa é o dobro. — Ela ri e eu abraço seus ombros, enquanto cheiro seu cabelo.

— Um mimo do meu pai para minha mãe — respondo irônico e ela beija meu queixo.

— Um mimo, não é?

Andamos para a casa e sorrio ao ver outros familiares. Procuro minha mãe pelo emaranhado de gente e a encontro com a mãe de Laíssa, Soraia.

— Mãe — chamo e paro longe das duas. Não quero que elas se conheçam na frente dos outros.

Ela olha em minha direção e sorri iluminada ao ver Lorena. Soraia também vira e seus olhos percorrem Lorena, como se estivesse a inspecionando. Eu não gosto disso.

Vários dos rostos da festa nos olham também e eu pego o olhar de todos para minha Medusa.

Entrelaço meus dedos nos de Lorena e seus lábios se estendem em um sorriso. Ficar ao seu lado, dentre todas essas pessoas, me acalma. Conheço todos os rostos que olham para ela com curiosidade, mas nenhuma delas faz com que eu relaxe por completo.

— Lorena, é um prazer finalmente conhecê-la. Sou Dafne, mãe do Theo.
— Mamãe sorri e os olhos da Lore se arregalam quando ela é envolvida em um abraço.

— Dafne, o prazer é meu. Obrigada pelo convite — ela murmura voltando para meu lado e apertando meus dedos.

— Você é namorada do meu filho. Já é quase da família. — Minha mãe sorri e eu me inclino, beijando seus cabelos.

— Relaxe e curta a noite. Depois voltarei para conversarmos mais.

Vejo Lorena acenar e minha mãe sumir entre os convidados. Abraço a cintura da Lore e me inclino para beijar seus lábios. Tento aprofundar o beijo, mas Lorena se afasta.

— Não aqui. — Ela suspira e eu encaro seu rosto. — Quero conhecer seu quarto, seu antigo quarto, quero dizer...

— Lorena, você quer transar sob o teto dos meus pais? — questiono brincando enquanto mordo sua orelha.

— Aham — sua resposta com um gemido me faz ficar duro instantaneamente. — Não sou uma puritana. A ideia de transar aqui me agrada.

Sua voz sexy me faz gemer. Seguro sua mão e a puxo em direção à entrada da casa dos meus pais. Escuto sua risada e apresso mais ainda seus passos.

— Ei, Starboy! Calma aí! Estou de salto — ela ri falando, e eu suspiro assim que começamos a subir os degraus que dão acesso aos quartos da casa.

Assim que fecho a minha porta, Lorena está em cima de mim. Suas mãos trabalham nos botões da minha camisa, enquanto eu deslizo o zíper do seu vestido. O tecido desliza pelo seu corpo, a deixando nua. Abro e fecho minha boca incontáveis vezes quando vejo que ela está completamente nua. Nenhuma calcinha.

— Jesus Cristo. — Encaro seus olhos determinados e ela sai do vestido ao chão, ainda com seus saltos. — Você estava sem calcinha esse tempo todo — murmuro engolindo em seco.

— O vestido pedia. — Ela sorri se aproximando e desabotoa o último botão da minha blusa, tirando-a de mim em seguida.

Lorena se afasta até a parte de trás dos seus joelhos baterem na cama. Ela se senta e eu aperto minhas calças. Lorena consegue ser sensual até sorrindo, mas agora... porra, ela parece uma deusa.

Eu aproximo já tirando a bermuda e a cueca. Inclino-me sobre seu corpo e, faminto, beijo seus lábios. Ela geme quando eu deslizo pela sua pele em direção aos seus seios. São naturais, mas tão grandes. Suas aréolas são rosadas e os bicos, endurecidos. Deslizo um deles por meus lábios e sorrio, ouvindo seus gemidos e sentindo suas unhas arranharem meus ombros.

— Theo... — ela grita quando eu mordo seu seio.

— São tão grandes — murmuro parecendo a porra de um adolescente.

— Pare de me torturar — ela sibila se afastando e me empurrando para o colchão. Ela senta em cima de mim com as pernas de cada lado do meu corpo e sua mão pequena guia meu membro até sua entrada.

LORENA

Eu me inclino beijando seu peito e o sinto me invadir rápido e forte. Seus olhos se fixam em meu rosto enquanto eu desço e subo me apoiando em seu peito largo e forte. Lágrimas grossas começam a se formar em meus olhos enquanto sinto a intensidade do seu olhar. Paixão, cuidado, amor... tudo misturado.

Suas mãos que guiavam minha cintura vêm para meu rosto e gentilmente ele limpa as lágrimas fujonas.

— Você é minha, Lorena — ele sentencia me encarando e eu aceno, certa de que essa é a coisa mais verdadeira que escutei hoje. Sou dele. Acho que sempre fui, só não estava enxergando isso.

— Você é meu, Theo — resmungo enquanto sinto espasmos se alastrarem pelo meu corpo.

Encontro libertação e tremo sobre o peito dele enquanto gemidos de nós dois soam pelo quarto. Theo me acompanha e logo caio sobre seu peito. Suas mãos erguem minha cabeça e quando nossos olhos se encontram ele se inclina e beija minha boca com fome. Choro novamente enquanto sinto nossas línguas provarem uma à outra sem pressa.

— Você me salvou — murmuro enquanto ainda estamos conectados, comigo ainda sobre seu peito. — Você me salvou, Theo.

— Nós nos salvamos, Lorena.



— Você é mais bonito do que merece — falo enquanto o observo pegar suas roupas do chão e começar a se vestir.

— É mesmo? — Ele sorri facilmente e eu suspiro ao ver que acabo de me apaixonar mais um pouco. — Você é a melhor visão que já tive, sabia? Meu maior sonho. — Suas palavras me fazem sorrir. Seguro o lençol, pronta para me levantar e me vestir para que possamos sair do quarto e voltar à festa, porém Theo se aproxima e puxa o pano, me deixando nua novamente.

— Você faz ideia do quanto é linda? — ele questiona ficando sobre meu corpo. Sua boca pega um dos meus mamilos e ele começa a chupar.

— T-Theo — gaguejo e ele sorri.

— Quinze minutos e pronto.

Engulo em seco, mas acabo acenando.

E ele mentiu, passamos mais meia hora no quarto.

Capítulo 15



LORENA

Três semanas depois

Coloco a última caixa dentro do carro e me viro vendo Gabriele de braços cruzados moendo seu lábio inferior entre os dentes. Eu me aproximo sorrindo e abro meus braços. Gabby corre até mim como uma garotinha indefesa e eu engulo em seco vendo flashes dela pequena brincando comigo.

— Você não precisa fazer isso — ela diz contra meu pescoço e nos afastamos.

— Eu sei. Porém, você está casada, tem seus filhos... Eu não acho legal ficar atrapalhando vocês. Por favor, entenda. — Sorrio devagar e ela acena enquanto enxuga seu rosto.

— Me ligue quando chegar, ok?

— Com certeza — afirmo andando de costas até meu carro.

— Eu te amo — ela fala piscando, querendo impedir que mais lágrimas se formem.

— Eu também te amo...

— Nico, Luca e Kieran também. Todos amamos você! — ela se apressa em falar e eu me lembro do dia em que eu falei que apenas ela me amava. Pego as lágrimas quase derramadas e enxugo, não querendo começar a chorar.

— Eu sei e eu sou sortuda por isso. — Pisco e solto um beijo para ela antes de entrar em meu carro e dar partida.

Olho pelo retrovisor e a vejo ainda parada. Meu coração acelera e eu sinto um medo desconhecido se propagar pela minha barriga. Não quero ficar sozinha.



Assim que chego ao meu antigo apartamento eu ligo para Gabby e aviso que cheguei em casa. Trago todas as minhas coisas para cima e suspiro me afundando no sofá quando vejo as caixas se amontoarem pela sala minúscula.

Meu celular toca e eu imagino Gabby ligando novamente, porém me surpreendo ao ver que não é ela, mas, sim, um número desconhecido.

— Hum... oi. — Atendo a chamada enquanto me levanto e sigo para a cozinha.

— Oi, sou eu, a Bea. — A voz dela treme e eu sorrio.

— Ei! Tudo bem? Demorou para ligar — constato sabendo que passaram vários dias desde que a vi.

— Realmente... — Ela deixa a frase no ar por alguns segundos. Olho para a tela e vejo que a ligação ainda está durando. — Só não queria te incomodar — Bea sussurra e por pouco eu não entendo o que fala.

— Está tudo bem? Se quiser conversar...

— Eu, na verdade, queria... — sua voz morre e eu escuto sua respiração longa. — Podemos nos encontrar agora? — sua pergunta de repente me surpreende. Viro olhando para a sala e dou de ombros. Depois arrumo essa bagunça.

— Claro. Podemos ir naquele café que você trabalhava...

— Era uma lanchonete, e sim, podemos ir.

Desligo o celular depois que nos despedimos. Saio de casa assim que pego minha bolsa e a chave do carro. Demora um pouco até que eu chegue lá, porém Bea não está em lugar algum do estabelecimento.

Aperto a alça da bolsa sobre meu ombro e deslizo a mão pelo jeans da calça enquanto ando até uma das mesas. Uma garçonete se aproxima mascarando um chiclete de boca aberta e eu faço careta ao olhar para seus dentes.

— O que vai querer?

— Uma lata de Coca-Cola — respondo enquanto pego o celular da minha bolsa.

— Acho melhor você guardar isso daí! Roubos estão acontecendo aqui com muita frequência — ela aconselha e eu elevo meu rosto para olhar seus olhos. — É só um aviso.

Ela vai embora e eu guardo o aparelho na bolsa. A porta da frente abre e eu vejo Bea entrar. Ela está com uma roupa suja e seus cabelos estão tão oleosos quanto um pastel de feira. Eu me assusto com sua visão. Beatrice sempre foi tão cuidadosa consigo. Não a imaginaria assim nem em um milhão de anos.

— Bea. — tento sorrir, porém não tenho tanto sucesso. — O que aconteceu?

— Você... — Seus olhos se arregalam olhando para mim. — Está enxergando novamente? — ela questiona e eu aceno.

— Era uma cegueira temporária. Sofri um acidente — explico por cima e

aponto para a cadeira, pedindo que se sente.

A garçonete volta e coloca a Coca-Cola à minha frente. Bea olha para minha bebida e eu vejo o desejo refletido.

— Mais algo?

— Outra bebida e uma porção de batata frita.

Bea abraça seu corpo e uma mochila surrada enquanto a garçonete sai.

— O que aconteceu com você? — questiono preocupada.

— Posso dizer que estou perdida. — Ela sorri, mas seu sorriso é tão triste que eu sinto pena.

— Como assim? — questiono confusa.

— Depois que aconteceu merda demais na minha vida, eu perdi tudo. Apartamento, minha família... tudo. Agora eu estou sozinha e doente...

— Você está sozinha? Como assim doente?

— Estou com câncer no pulmão. — Ela suspira e prende o cabelo sujo em um coque. — Moro na rua agora. Minha vida virou um verdadeiro inferno. — Sua voz é amarga, infeliz. Eu franzo as sobrancelhas sentindo meu coração doer por ela.

— Na rua?

— Sim, ruas abaixo dessa é onde me escondo — ela fala isso com naturalidade e eu me pego pensando no que acarretou tudo isso.

— Eu me mudei hoje. Estou morando sozinha novamente — explico suavemente. — Eu estava morando com Gabrielle, minha irmã. Porém, como minha visão voltou e estou bem, decidi morar sozinha... então, se quiser, pode ficar um tempo lá em casa.

— Sério? — Seus olhos crescem e eu aceno. — Lorena, muito obrigada.

— Mas e sua doença? Você já está fazendo tratamento? — pergunto querendo saber.

— Sim, mas não precisamos falar disso — ela para de murmurar assim que a garçonete volta. Dou as batatas e o refrigerante a Bea e peço mais dois sanduíches.

Meu celular toca assim que Bea termina de comer e eu a chamo para irmos. O nome do Theo pisca na tela, porém guardo o celular. Falarei com ele mais tarde. Bea precisa de mim agora.

— Hum... e o Theo? Estão juntos mesmo? — Eu me viro para Bea quando entramos no carro.

— Sim. — Eu sorrio com a menção ao nome dele. — Ele é tudo para mim, sabe?

— Sei, sim.

— Ele sempre esteve ali, na minha frente, mas eu nunca enxerguei. Deus, como eu era idiota — resmungo rindo e Bea me acompanha.

Quando chegamos em casa eu pego cobertores e um travesseiro e coloco no sofá para Bea enquanto ela toma banho. Pego meu celular para ligar para Theo, mas batem na porta no mesmo instante. Abro a porta e lá está ele. Terno, gravata e um monte de músculos.

— Ei! — Sorrio me jogando nos braços dele. Theo sorri e cheira meus cabelos enquanto me segura pela bunda.

— Medusa, como foi seu dia de mudança? — questiona com a voz rouca e eu beijo seu pescoço, queixo e subo para sua boca.

— Maravilhoso. — Chupo os seus lábios e ele geme, me colocando contra a porta.

Sua língua corre pela minha boca e eu suspiro quando ele esfrega seu membro no meio das minhas pernas. Eu me assusto, lembrando-me de Bea, quando a porta do banheiro é aberta. Empurro o peito do Theo e desço para o chão.

— Mas que porra é essa? — ele grita me fazendo pular quando vê Bea parada bem ali na frente. Franzo as sobrancelhas ao vê-la dentro de uma das camisas dele. — O que está fazendo com minha camisa? Lorena!

— Desculpe... Minhas roupas estão sujas... eu só peguei a primeira coisa que eu vi... — ela murmura e eu balanço a cabeça, espantando o descontentamento.

— Tudo bem. Só não pegue novamente. Quando quiser algo, me peça — falo séria, ainda que eu entenda. Ver outra pessoa com as camisas dele faz meu estômago vibrar com ciúmes.

— Lorena, quarto, agora! — Theo grita e passa pela Bea com passadas firmes.

— Desculpe, eu vou lá. Deixei travesseiros e lençóis para você no sofá. Se quiser comer algo, tem na geladeira, minha irmã deixou várias coisas aqui ontem antes de eu me mudar...

Vou para o quarto e tranco a porta nas minhas costas. Eu me viro para Theo e me surpreendo ao vê-lo andando de um lado para o outro.

— O que ela está fazendo aqui? — ele questiona alto e firme. Seus olhos

estão escuros e ele exala ódio.

— Ela está passando por problemas...

— E você a trouxe para cá? Que merda, Lorena!

— Ela estava morando na rua... eu não vou deixar ela ficar na rua enquanto eu tenho espaço aqui...

— Ela não presta! Nunca prestou! Como você a traz para dentro de casa? — ele grita e eu sei que Beatrice ouviu.

— Theo, eu sei as coisas que ela fez, sei que ela não é a melhor pessoa do mundo, mas ela é minha amiga...

— Ela não é sua amiga! — Ele esfrega o rosto e se senta na cama respirando fundo diversas vezes. — Olha para Alícia, Lorena, essa Bea quase fez com que ela nunca perdoasse Luca. Ela fez um inferno da vida dos dois. Ela se passou por amiga da Lili...

— Eu também fiz isso... Não amiga, mas as outras...

— Você é diferente! Você sabe disso...

— Ela amava o Luca...

— Ela não ama ninguém...

— Theo, ela vai ficar e isso não está em discussão — decido firme cruzando meus braços.

Ele se ergue e anda até mim. Theo coloca as mãos na porta, me prendendo no meio dos seus braços, e se inclina para mim. Seus lábios a centímetros dos meus me fazem querer me inclinar também e beijá-lo.

— Então eu não preciso mais ficar aqui. — Seus olhos queimam e eu engulo em seco. O que ele quer dizer?

— Theo... — Ele segura meus ombros para me tirar da sua frente, mas eu pego a chave da porta e vou para perto da cama.

— Lorena, abre a porra da porta! — ele grita tremendo e eu balanço a cabeça. Seus olhos brilham com raiva e eu começo a morder meu lábio.

— O que quer dizer com eu não preciso mais ficar aqui? — pergunto sentindo minha barriga gelar. Se ele estiver me deixando... Deus, não.

— Entenda como quiser. Enquanto ela estiver aqui, eu não venho na sua casa. Juro por Deus, Lorena. — Sua fala controlada me faz me aproximar dele.

— Não faça isso com a gente. Eu só quero ajudá-la...

— Ajude, mas não espere que eu esteja aqui.

Ele toma a chave da minha mão e abre a porta. Theo sai do quarto sem

nem mesmo olhar para trás. Eu sinto lágrimas descerem por meu rosto, mas as limpo rapidamente. Saio do quarto e vou até Bea. Ela está deitada no sofá enquanto assiste a um programa na TV.

— Eu... — ela começa, porém, elevo minha mão pedindo que pare.

— Eu vou dormir, então nos vemos amanhã — digo e tento sorrir, porém, não tenho sucesso. Volto para meu quarto e tranco a porta. Ligo a TV e me deito, mas nada faz a vontade de chorar passar. Eu prendo, sufoco, mas não adianta. O choro vem com soluços e eu me enrolo, tentando fazer a dor passar.

Nunca o tinha visto com tanta raiva e tão convicto. Bea fez mal, sim, mas como ele quer que eu a deixe na rua? Ela está doente, pelo amor de Deus!

Eu me ergo da cama e pego um dos meus pijamas surrados e vou para a sala. Bea me olha quando entro e eu jogo o conjunto em cima dela.

— Só troca, tá? Não quero parecer doida, mas... só troca, por favor — peço e ela se ergue rapidamente, acenando, e vai para o banheiro se trocar. Pego a blusa dele das suas mãos quando ela sai e agradeço, voltando para meu quarto.

Jogo a blusa entre as outras dele na minha caixa de roupas e pego outra, levando-a comigo para a cama. Ainda não são nem oito da noite, por isso pego meu celular. Seu número está ali brincando comigo, me desafiando a ligar para ele. Mas para quê?

Jogo o celular do meu lado e me forço a dormir.



Bebo café sentada à mesa, esperando Bea sair do banheiro. Minha cabeça dói e eu sei que as olheiras imensas em meu rosto denunciavam a minha noite de merda.

— Bom dia — ela murmura e eu aceno sorrindo.

Coloco o café sobre a mesa e prendo meus cabelos em um rabo de cavalo. Vesti leggings e um top para que eu possa arrumar minha casa mais confortável. Eu me levantei cedo, por isso café e pães já estão na mesa.

— Eu vou precisar sair daqui a pouco. Tenho que ir ao médico — Bea avisa e eu aceno pegando um pão e passando manteiga.

— Tudo bem.

— Lorena, sobre ontem...

— De verdade, não se preocupa. — Eu ergo meus olhos e dou de ombros sorrindo. — Meu homem é difícil, sabe? — murmuro e me pego questionando se ele ainda é *meu*.

— E de verdade, eu entendo. Eu fiz muita merda com a Alícia... ele sempre foi meio louco por ela, então... — Sua frase fica no ar enquanto ela morde o pão.

— Meio louco por ela? Como assim? — A semente do mal se instala em mim e Bea arregala os olhos, percebendo o que falou.

— Eu falei besteira...

— Não. Explica aí! — peço antes que ela desconverse.

— Ele só meio que gostava dela. Eu percebia, sabe? Ela nunca me disse nada de fato...

— Que estranho... — murmuro querendo parecer desinteressada.

Bea sai em seguida e eu começo a arrumar minhas coisas. Coloco meus quadros no meu closet, que eu não uso para guardar roupas, mas, sim, para guardar meus materiais de pintura, e começo a arrumar minhas roupas. Coloco as do Theo, que ele deixou na casa da Gabby enquanto ficávamos lá, de um lado, e as minhas de outro. Constatro que preciso de mais cabides assim que suas camisas acabam e faltam uma dezena de vestidos meus para guardar.

Meu celular toca em algum lugar e eu vasculho a cama, encontrando-o no meio dela. Suspiro quando a ideia de ser Theo é desfeita ao ver o nome do meu cunhado.

— Olá! — sorrio o cumprimentando.

— Theo está com você? — ele questiona sem nem mesmo dizer oi.

— Não, por quê?

— Alícia entrou em trabalho de parto e Luca quer o melhor amigo com ele, mas parece que ele se enfiou no inferno, só pode! — Kieran grita e eu suspiro. Ele está agitado.

— Vou tentar falar com a mãe dele, talvez ela saiba.

— Tudo bem. Me encontre no hospital.

Ele desliga sem esperar resposta. Tomo banho e troco de roupas enquanto eu penso no que diabos irei fazer na maternidade. Alícia não gosta de mim e eu, sinceramente, também não sou muito sua fã. Muito pior depois de hoje.

Ligo para Dafne enquanto entro no elevador. Ela atende no segundo toque.

— Dafne, tudo bem? Sou eu, Lorena.

— Oi, querida. Como vai? — Eu respondo que vou bem e faço a mesma pergunta.

— O Theo está aí? — questiono depois de ela dizer que está ótima.

— Não, ele saiu com o Ricardo ontem. Acho que está lá. Vou te passar o endereço.

Eu me surpreendo ao ver que o endereço do irmão do Theo é perto de onde moro. Dirijo até lá e peço para o porteiro me anunciar. Ricardo permite minha entrada e eu subo.

— O Theo está aqui? — essas são as primeiras palavras que pronuncio ao Ricardo quando ele abre a porta.

— Hum, sim. Está no banho. — Ele esfrega os olhos e eu agradeço quando ele me manda entrar.

— Por favor, diga que estou aqui — peço e ele acena, indo para o corredor do apartamento amplo. As janelas estão abertas e o vento sopra meus cabelos em todas as direções.

Não espero muito, logo ele aparece só com uma toalha em volta da cintura enxugando o cabelo com uma menor.

— Lorena. — Ele me encara sem o menor traço de sorriso, nem parece o mesmo que me pegou no colo ontem à noite.

— Alícia entrou em trabalho de parto. — Seu rosto se transforma para pura preocupação e eu engulo o gosto da desconfiança. *Parece que ele se importa muito com ela.* A voz da Bea ecoa e eu aperto minhas mãos.

Capítulo 16



LORENA

Dou as costas para ele e ando para a porta. Saio da casa do seu irmão e chamo o elevador. Aperto o botão diversas vezes enquanto imagino se ele esconde a afeição dele por ela de todos, até mesmo de Luca.

— Lorena, você vai para o hospital? — Sua pergunta me faz virar.

— Sim... — Eu nem mesmo sei o que vou fazer lá. Estúpida!

— Pode esperar por mim? Estou sem carro...

— Estarei lá embaixo — digo e entro no elevador.

Duas adolescentes estão dentro e o queixo delas caem vendo Theo só de toalha. Dou-lhes um olhar feio e elas engolem em seco, indo para a outra extremidade do elevador.

Ele demora menos de dez minutos e logo está dentro do meu carro. Saio do meu estacionamento e dirijo até o hospital.

— O que você tem? — sua voz corta a música do som que coloquei propositalmente.

— Nada.

— É algo. Você está estranha...

— A gente terminou, é claro que estou estranha. — Mordo meu lábio com força por ser uma idiota e responder assim.

— Não terminamos. — Ele franze as sobrancelhas e eu bufo olhando para a frente. — Não vou à sua casa, mas isso não quer dizer que acabou...

— Foda-se, é a mesma coisa. Se não vai à minha casa, como vamos nos ver? Dormir juntos? É a mesma merda — resmungo irritada.

— Eu tenho apartamento, você sabe...

— Pare de falar sobre isso como se estivéssemos discutindo o meu gosto musical...

— Que é horrível, só para deixar claro.

— Lógico que não! Eu sou eclética. Gosto de tudo...

— Até de... WM? Que nome é esse?

— Theo, cala a boca — mando irritada e clico no play da música do Mc.

Ele geme quando a voz do funkeiro surge. Eu sorrio sem querer e ele gargalha da minha cara prendendo o riso.

Estaciono o carro e retiro meu cinto de segurança. Theo continua parado

apenas me encarando.

— Vem aqui... — ele resmunga e prende meu queixo entre seus dedos.

— Theo — meu lamento é uma vergonha, já que no segundo depois eu estou em seus braços. Sua boca beija a minha e eu seguro seus ombros, querendo me fundir a ele.

Droga, como ele faz isso? Como em um minuto estou com uma raiva enlouquecedora, no outro, rindo desesperada, e, no próximo, o beijando loucamente? Por que ele tem que me transformar nessa incoerência ambulante?

Sua língua lambe a costura dos meus lábios e eu abro minha boca recebendo sua fome na mesma medida.

— Pare de fazer isso comigo... — sussurro contra seus lábios e ele beija meu nariz.

— O que eu estou fazendo, Medusa? — Seus olhos brilham e eu engulo em seco.

— Me fazendo te amar.

Seu silêncio e o sorriso imenso que vem em seguida dizem muito sobre o que minha confissão fez a ele.

— Estamos empatados.

Ele ri novamente e eu balanço a cabeça me afastando e saindo do carro. Andamos de mãos dadas até a sala de espera. Eu elevo minhas sobrelanceiras vendo a quantidade de pessoas aqui. Theo me arrasta em direção ao Luca e os dois se abraçam emocionados.

— Você não vai assistir o parto? — questiono baixo, sentindo Theo rodear o braço em minha cintura e me prender em seu peito.

— Sim, só vim deixar algumas coisas aqui — ele explica e aperta meu ombro. — Estou feliz que está bem, Lorena. O passado fica lá, tudo bem? Meu irmão está apaixonadinho por você e se Theo ama alguém, eu também amo. — Suas palavras fazem meus olhos pinicarem. Jesus Cristo, como eles conseguem gostar de mim?

— Obrigada. Sério, muito obrigada — respondo sincera.

Ele se vai e todos se amontoam nas cadeiras. Theo me coloca sobre seu colo e eu me aconchoo em seu peito. Gabrielle e Kieran estão sentados à nossa frente enquanto o pai e a madrastra da Alícia estão em pé na ponta. Amigos de Luca, Tina e até Filipe estão aqui.

Duas horas depois Alícia e os bebês começam a receber as visitas. Theo e eu somos os últimos e eu me remexo enquanto andamos até a porta.

— Não acho que ela me queira aqui, Theo. — Paro de andar e ele segura minha cabeça entre as mãos.

— Medusa, é claro que quer. Somos dois agora, aonde eu for, você vai — ele afirma olhando diretamente para meus olhos e eu pisco e aceno.

Ele abre a porta e Alícia olha para nós. Seus olhos se alegram ao ver Theo e ele anda a passos largos até ela. Fico parada perto da porta, olhando para ambos. Ele beija sua cabeça e os dois sorriem com amor. Porém, não é o amor que Bea quis colocar em minha cabeça ontem, é amor de irmão. Bonito e singelo.

— Lorena — ela me saúda e eu me aproximo, vendo Luca com um bebê em seu colo. Alícia aponta para o seu colo e eu vejo outro rapazinho ali.

— Parabéns aos dois. São lindos — murmuro sorrindo.

— Obrigada. — Ela parece cansada, por isso Theo logo diz que vamos embora e que eles podem descansar. Alícia reluta, mas eu vejo que ela está exausta.

Saímos do hospital e eu dirijo até a casa do Theo. Sei que ele não quer mais ir lá em casa, então, para que não briguemos, não tocarei nesse assunto.

— Obrigado. Não chamo você para subir, pois tenho que ir para a empresa. — Ele faz careta e eu aceno, deixando que ele beije minha boca.

— Tudo bem...

— Mais tarde te ligo para marcarmos algo. Bom dia e fique bem. — Ele me beija novamente e eu o deixo ir embora.



Passo o restante do dia sozinha. Bea não volta para almoçar e eu fico pela sala, me questionando se algo aconteceu com ela. Quando anoitece e minha porta se abre, eu respiro aliviada em vê-la.

— Ei! — Ela sorri tirando o casaco que lhe emprestei. Minhas roupas são um pouco grandes nela, mas nada que não fique bonito.

Bea é realmente linda. Sempre chamou atenção de todos.

— Como foi a consulta? — pergunto tirando a manta de cima das minhas pernas e dando pausa no filme.

— Foi bem. — Ela sorri e eu olho para as sacolas nas suas mãos. —

Passei no shopping e comprei algumas coisas. Peguei seu cartão de crédito, não fiz mal, né? — ela franze as sobrancelhas e eu fecho a boca que nem sabia que tinha aberto.

— Humm... acho que não. — Mordo minha bochecha e me levanto. — O que comprou? — questiono sorrindo.

Ela está sem nenhuma peça, acho que é legal ela comprar roupas, apenas queria que ela tivesse pedido, porém fico calada. Vejo que ela comprou apenas roupas normais, calças jeans, camisetas e um casaco. Quando a outra sacola aparece em minha visão fico encarando-a.

— Essas lingerie são bem caras e olha, são para momentos especiais. Está pretendendo laçar algum homem? — questiono divertida e ela acena se jogando no sofá.

— Sim, na verdade, eu já tinha laçado ele no passado. Agora só preciso apertar o laço para que ele volte... — Ela sorri sedutora e eu me ergo.

— Tenho pena desse homem — murmuro rindo. — Ele não vai sair ileso.

— Não mesmo.

Eu vou para meu quarto e atendo meu celular quando ele começa a tocar na escrivaninha.

— Ei! Adivinha?

— O quê? — questiono rindo ao ouvir Gabby super animada.

— Estamos indo aí. Já estou levando o jantar...

— Gabby... — começo suspirando ao olhar para a porta. — Tenho que te contar uma coisa...

— Abra a porta que poderá me contar pessoalmente. — Ela ri e eu escuto a campainha tocar.

— O quê? Como já chegou? Você disse que estava vindo...

— Detalhes, detalhes. Abra a por...

Sua fala morre assim que chego à sala e quem abre a porta é Beatrice.

— Beatrice, quanto tempo — Kieran fala e eu sinto um arrepio envolver meu corpo. Sua voz está completamente fria.

— Kieran. — Ela o olha de cima a baixo e Gabrielle dá um passo em sua direção pronta para atacar.

— Não sabia que vadias estavam lhe fazendo visitas, Lorena — Gabby sibila furiosa e eu me aproximo.

— Na verdade, eu moro aqui — Bea murmura e eu elevo a mão na sua

frente.

— Cala a boca, Bea — peço cansada e puxo minha irmã e cunhado para dentro de casa.

— Mora aqui? — Gabrielle afasta minha mão do seu braço se colocando em distância. Eu engulo em seco, me sentindo uma idiota. — Mora aqui, Lorena? Você se mudou ontem e já está com essa vagabunda?

Gabrielle grita, não se importando com Bea na sua frente. Ela está a ponto de dar na cara da menina.

— Ele está passando por problemas. E é só por alguns dias — aviso falando calmamente.

— Os problemas dela são as coisas que ela fez aos outros no passado voltando. Já ouviu o ditado você colhe o que planta? — minha irmã sibila furiosa. — Theo sabe disso? Ele é melhor amigo do Luca e da Alícia... ele não vai concordar com isso.

— Ele já sabe. — Suspiro e elevo meus olhos para Gabby. — Vai ficar tudo bem. Eu e ele estamos bem.

— As duas juntas? Queria ter visto a cara dele — Kieran resmunga se encostando na parede. Como assim nós duas juntas?

— Eu espero que não se arrependa, Lorena. De verdade.

Gabby anda para a porta e Kieran vem até mim.

— Abre o olho. Você não sabe da história completa. — Ele me encara firme e eu engulo em seco. — Não vou te dar spoilers. — Kieran sai da minha casa com sua esposa sem esperar respostas.

— Lorena, desculpa...

— Bea, dá para você não atender a minha porta? Não pegar minhas coisas sem minha permissão e parar de olhar para meu cunhado como se ele fosse sua próxima conquista? Pode ser? — grito descontrolada. Odeio o modo que fico sem Gabrielle para me dar apoio; indefesa.

Bea acena séria e eu a deixo na sala não me importando como eu pareci uma vaca. Esse é meu natural. Maldade está dentro de mim ainda, ninguém muda cem por cento.

— O que está fazendo? — Theo pergunta assim que atendo sua chamada de vídeo.

Ele está sem blusa e deitado em seu sofá. Escuto o barulho da TV e sei

que está assistindo ao jogo.

— Comendo. — Mostro meu prato com pizza e ele sorri.

— O que vai fazer amanhã?

— Vou ao médico, depois vou a uma exposição na galeria das meninas.

— Hum, Luca falou algo sobre isso. Vou ao médico com você...

— Sério? — Meus olhos brilham e ele acena coçando a barba por fazer.

— Sim, é sério. Te pego que horas?

— Às oito — murmuro mordendo o último pedaço da massa e limpando meus dedos. — Como foi seu dia?

— Bom. Consegui mais uma cliente por fora da empresa. — Suas palavras são felizes e eu sorrio.

— Que maravilha! — Seus lábios esticam e ele parece realmente feliz.

— Sim, o caso dela é fácil, então vou trabalhar com afinco. Amanhã almoçarei com ela.

— Lhe desejo sorte — digo arrumando meu cabelo.

Ficamos em silêncio por alguns segundos e Theo encara meu rosto me deixando desconfortável.

— O que aconteceu?

— O quê?! — murmuro assustada.

— Lorena... — ele murmura e se silencia ficando apenas a me olhar.

— Gabrielle veio aqui hoje. Ela viu a Bea e ficou com raiva — explico sem olhar para seu rosto. Sei que ele também odeia isso e não quero brigar.

— Já era de se imaginar — ele resmunga e volta sua atenção para a tela da TV.

— Ela estava na rua, Theo, e também está doente. Como eu poderia não ajudá-la? — pergunto aflita. Depois da reação deles eu fico me questionando se fiz certo ou se estou ficando louca.

— Lorena, Bea é ardilosa e mentirosa. Não se iluda, ela não presta — suas palavras são carregadas de ódio.

— Podemos mudar de assunto? Já estou triste o suficiente por Gabby me odiar e Kieran ter falado coisas sem sentido...

— O que Kieran falou?

— Que queria ver sua cara ao descobrir que Bea e eu moramos juntas. Não entendi a maneira que ele falou... —Franzo as sobrancelhas ainda sem entender.

— Só pela raiva — Theo me corta apressado e eu suspiro olhando seu rosto virado para a TV.

— Eu também acho — concordo por fim.

Mordo meu lábio e suspiro arrumando meus cabelos desalinhados.

— contei para Alícia e Luca que ela está morando com você.

Suas palavras me fazem arregalar os olhos. Theo continua olhando para a TV.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que falou, Theo? — resmungo confusa.

Seus olhos voltam para a tela do celular e ele suspira.

— Ela acabou de ter os filhos, Luca quer ela longe de problemas. Beatrice é problema — ele explica e eu desvio os olhos dele, olhando para minha colcha.

— Ela disse que você gostava da Alícia... — digo de supetão e me arrependo em seguida.

— Continue — ele afirma rindo, mas é um riso frio, raivoso. — Escute mais coisas que ela fala, deixa que ela faça nosso relacionamento acabar...

— Eu não acredito nisso, sei que Alícia é sua melhor amiga, e Luca, por Deus, vocês são quase irmãos...

— De verdade, eu fico feliz que não acredite — ele continua com o jeito despreocupado, sem dar importância.

— Eu não quero que a gente acabe — sussurro contra o silêncio. — Eu te adoro, ouviu? Eu preciso de você — digo firme e ele volta a me olhar. Seu rosto se amolece e ele suspira.

— Eu também não, baby. — Theo relaxa no sofá e pula quando um gol é marcado pelo seu time. — Isso! — ele torce rindo e eu volto a relaxar.

Passamos o resto da noite assim, eu o vendo assistir ao jogo e ele comentando as jogadas como se eu entendesse. No final, eu adormeci e nem mesmo nos despedimos.

Capítulo 17



LORENA

Aperto meu casaco não reconhecendo esse frio idiota que faz no Rio de Janeiro. Sério, às vezes aqui esfria do nada. Suspiro e atravesso a rua movimentada. Vários carros já estão estacionados em frente à galeria da Gabby.

— Gabrielle — chamo assim que coloco meus pés dentro do local.

Sorrio contida para o garçom ao pegar uma taça de champanhe. Seguro o vidro firme olhando para minha irmã.

— Lorena. — Ela suspira e sorri beijando meu rosto em seguida. Não sabia que estava segurando a respiração até ela se afastar.

— Está tudo muito lindo — digo enquanto a sigo pelas pessoas e olhando para os quadros expostos. — Suas pinturas estão ainda mais exuberantes e as de Alícia também, é claro. — Sorrio quando paramos em frente a uma delas.

— Ainda me pergunto como ela finalizou sua coleção com aquele barrigão. — Ela ri dando mais um gole em sua bebida.

— Não faço ideia. — Sorrio e suspiro captando a beleza da tela. Em tons de azul, amarelo, rosa e verde claro uma casa está diante dos meus olhos. Ela é grande, tem jardim na frente e parece como a da Gabby.

Aconchegante. A palavra surge do nada, mas sei que é isso que ela significa.

Lar.

— Vamos ignorar o elefante branco na sala? — minha irmã questiona olhando para as pessoas espalhadas pelo local.

Todos estão elegantes, vestidos com roupas caríssimas, mas, é claro, tem aqueles que não gostam da extravagância e estão simples. Gabby tem o dom de deixar todos à vontade. Deslizo a mão pelo meu vestido branco. A barra vai até meus joelhos, o decote é quadrado, mas bem-comportado. Suspiro para meus sapatos altos.

— Sinceramente? — questiono e levo a taça aos meus lábios mais uma vez. Encaro minha irmã e suspiro. Seu cabelo rosa e agora mais longo está moldado em cachos largos, a deixando mais linda do que já é. Ela também usa um vestido, mas, diferente do meu, a barra dele vai até o chão. — Acho melhor ignorarmos — finalizo.

Gabby respira fundo, mas acaba acenando.

— Você que sabe. — Ela faz careta e desvia os olhos de mim para olhar

as pessoas. — Preciso falar com algumas pessoas. Divirta-se. — Ela sorri sincera e eu aceno, a deixando se afastar.

Ando por mais alguns quadros e se eu não tivesse deixado a taça vazia com o garçom segundos antes, ela estaria estilhaçada ao chão. Minha boca se escancara e eu tento, em vão, fechá-la e agir como uma pessoa normal.

Pisco vendo se a cena à minha frente muda, mas ela permanece intacta.

Dois dos meus quadros estão expostos um ao lado outro. Mas o que faz minhas mãos tremerem e meu coração disparar é o quadro depois deles.

Sou eu.

Gabrielle me pintou.

Na tela estou sentada no chão do meu apartamento de olhos fechados com os dedos sujos de tinta sendo pressionados contra o tecido.

Eu estou pintando.

Minha irmã pintou a mim pintando.

— Meu Deus — murmuro completamente surpresa. Em choque seria mais adequado para se colocar.

— Foi isso que falei e foi essa esta expressão que tive ao olhar para eles. Preciso dela. É como o ar, eu a quero. — Eu me viro dando de cara com um homem a um passo atrás de mim, ao meu lado, encarando os meus quadros.

Seu rosto surpreso e maravilhado surpreende a mim. Ele parece ter gostado, não, parece ter amado. Ele coça a barba rala e traz seus olhos para mim.

— Gabrielle! — ele exclama elevando a mão.

Vejo Gabby logo à nossa frente e ela sorri para ele de forma surpreendente, porém, quando vê que estou com ele, suas bochechas coram. Pelo menos ela tem a decência de se envergonhar.

— São minhas e eu quero o contato da pintora — ele afirma antes mesmo de ela poder cumprimentá-lo.

— Rafael! Fico feliz e grata por sua presença. — Ela sorri apertando a mão dele. — Você já conheceu a artista. — Ela ergue o queixo na minha direção e o rapaz moreno se vira com um enorme sorriso.

— Rafael Araújo. — Ele me dá a sua mão e eu aperto sorrindo. — Prazer...

— Lorena — murmuro afastando nossas mãos. Gabby vem para meu lado e eu me viro para ela. — Como ousou? — sussurro irritada e ela sobe os ombros.

— Preciso dos seus quadros. Tenho uma galeria de artes em São Paulo.

Os quadros de Alícia e da sua irmã estavam lá meses atrás, mas já foram todos vendidos. Vocês são muito talentosas. — Seu sorriso enorme me anima. — Não negue. Podemos almoçar amanhã? — ele continua a falar e eu suspiro dando um passo para trás.

— Calma, Rafael, já disse para você falar mais devagar — Gabby resmunga e o tal Rafael suspira, engolindo em seco.

— Fique com o meu cartão. — Ele me dá um pequeno pedaço de papel com seu nome e número. Agradeço. — Me ligue se quiser almoçar comigo. Você não se arrependerá, eu juro! — ele fala sorrindo e eu volto a me aproximar.

— Obrigada. Amanhã eu ligarei — afirmo fazendo os dois arregalarem os olhos.

— Obrigado. E, Gabby, mande lembranças a Alícia e os herdeiros. — Ele se afasta e eu começo a me virar para Gabrielle, porém me detenho ao vê-lo voltando. — Os quadros são meus. E esse também. — Ele aponta para o quadro que Gabby me pintou.

— Já foi vendido.

— Ok, tudo bem. Vou pagar logo, então. — Ele corre até uma das atendentes e sim, ele compra os quadros.

— Gabrielle! — ralho virando, e ela pula me abraçando.

— Rafael é dono de várias galerias de arte em São Paulo. Vendi diversos quadros para ele, Lorena, você o deixou abismado. Nunca o vi tão deslumbrado. E eu estou falando sério — ela desata a falar sorrindo de orelha a orelha e é por isso que desisto de brigar com ela.

— Meu Deus! — murmuro sorrindo ao sentir a ficha cair. — Vou expor meus quadros. Finalmente! — grito em êxtase e minha irmã me abraça.

— Você é maravilhosa! Vou ficar rica. Rafael te deixará reconhecida, então você vira pintora exclusiva daqui... — ela fala sem parar e eu suspiro olhando seu quadro com minha pintura.

— Já vendeu mesmo? — questiono franzindo as sobrancelhas. Eu o queria para mim.

— Sim... oh, olha o comprador bem ali. — Ela sorri olhando para trás de mim e eu sigo seu olhar.

Theo caminha vestido com um terno preto e sorriso matador estendido pelos lábios. Oh, Deus!

— Medusa. — Ele se inclina e beija o lóbulo da minha orelha.

— Starboy. — Brinco com seu queixo e ele me segura pelos quadris.

Seguro seus ombros admirando sua roupa. A camisa, a gravata, o terno inteiro é negro. Isso o deixa de um jeito lindo e tão perigoso.

Capítulo 18



THEO

Horas antes...

Deixo Lorena em casa depois de sairmos do hospital e volto a dirigir. Saber que ela está saudável me traz muito alívio. Nunca imaginei que eu me apaixonaria por ela, mas tampouco acho estranho.

Ao ver que Luca e até Kieran se apaixonaram eu me perguntei se eu também encontraria alguém. Já gostei muito de uma pessoa, mas não se compara ao que sinto com a Lore. É intenso, sufocante e prazeroso.

Minutos depois estaciono no restaurante onde a minha nova cliente marcou e suspiro. Essa é uma bela oportunidade para mim. Sei que estou firme nos negócios da empresa e ela um dia vai ser minha e do Ricardo, mas eu quero mais que trabalhar lá. Sempre sonhei em abrir meu escritório, claro, meu pai não aprova de todo, ele quer que eu fique por perto. Sabendo bem o que acontece na empresa, porém acho que chegou a hora.

Sou adulto até demais. Quero o que meus amigos têm. Casa com filhos, casamento e Lorena comigo. Sei que pode ser idiota e até precipitado, mas pensar em um futuro sem ela ao meu lado me faz querer vomitar. Não suportaria, eu sei que não. E é pensando nisso que sei que a amo.

Atravesso a recepção e sorrio para a moça diante de mim.

— Reserva no nome da Senhorita Vasconcellos — informo à recepcionista e ela me acompanha até uma mesa.

Vejo a minha mais nova cliente sentada de costas para mim e sorrio indo para o lado. A gentileza deixa meu corpo quando vejo Beatrice. Eu olho para sua roupa e aperto meus dedos ao ver um dos casacos de Lorena em seu corpo. Porra. Bea sorri para mim com uma taça em frente aos lábios e eu aperto minhas mãos em punhos.

— Beatrice, o que diabos...

— Sente-se. Precisamos conversar — ela suspira deixando a taça de lado.

Eu me sento diante dela, querendo deixar claro que não a quero perto da Lorena. Essa palhaçada de morar juntas vai acabar.

— Saia da casa da Lorena — falo sério, dispensando o garçom que se aproximava com a mão.

— Preciso da sua ajuda, Theo. Não estou aqui para brigar. Eu juro. — Seus olhos piscam umidade e eu me calo.

Bea nunca foi uma pessoa ruim, de maneira nenhuma, mas eu sabia que

para a maldade consumi-la era apenas questão de tempo.

A mulher diante de mim tinha meu coração nas mãos anos atrás. Eu não sei o que eu via nela, mas eu era fascinado. Sempre soube que ela amava Luca, mas mesmo assim lá estava eu, dormindo com ela quando era conveniente.

Hoje, olhando para seu rosto cheio de maquiagem, que sei ser também da Lorena, me questiono o que eu tinha na cabeça.

— Quero que saia da casa da minha mulher. Só isso...

— Ela não sabe de nós dois — Bea afirma convicta e eu não a desminto. É verdade, Lorena nunca soube. Eu não quero que ela saiba que dormi com uma ex-amiga dela. Sei que pode parecer idiota, já que ela já transou com meu melhor amigo, mas eu tenho vergonha do tempo em que fiquei com Bea.

E não quero que Lorena saiba.

— Isso não tem importância. Você não tem importância. — Eu me encosto na cadeira e vejo seus olhos se inflamarem de raiva.

— Talvez eu devesse contar...

— E perder o lugar em que está ficando de favor? Você é inteligente demais para isso. — Sorrio de lado vendo-a engolir em seco. — Mas, se esse é o preço que tenho que pagar para que suma das nossas vidas, por favor, conte a ela.

Olho para as pessoas, esperando que ela responda algo, mas eu só escuto um fungado baixo. Eu me viro para olhar para ela e vejo seu rosto com lágrimas.

— Hoje mesmo direi a ela sobre nós dois. Isso poupará a mim de ter que aguentar você perto da mulher que amo...

— Você não ama ela. Era em meus braços, depois que fazíamos amor, que dormia balbuciando o quanto me amava. O quanto queria que eu deixasse tudo e ficasse com você. — Ela limpa seu rosto e sorri me olhando.

Eu sorrio, me inclinando na mesa, e aperto meu nariz.

— Aquilo não era amor, Bea. O que fazíamos era foder. Você querendo que eu fosse Luca...

— Você nunca será ele. Não se iluda. Lorena sabe disso. Ela já trepou com ele mais vezes do que você é capaz de contar e sabe a diferença...

— Cala a boca! — grito chamando a atenção das pessoas. — Não fale essas merdas. Não toque no nome dela. — Eu me ergo querendo sumir e saio às pressas do local.

— Não! Você não vai fugir. — Ela me acompanha até o estacionamento e eu respiro fundo, tentando manter a calma.

— Lorena é meu mundo, Beatrice. Você nunca chegou próximo do que ela representa para mim. Perto dela, você não é ninguém. Tenho pena de você! Sempre tive... — grito encarando seu rosto. — Ah, antes que eu me esqueça, o que eu faço com ela toda noite é amor. Eu nunca fiz isso com ninguém além dela. Você... você nunca foi amada por ninguém para saber do que estou falando.

Deixo-a sem fala e com os olhos furiosos brilhando com lágrimas de puro ódio e vou para o meu carro.

Saio cantando pneu e vou para a empresa. Foda-se! Bato no volante querendo voltar lá e matar essa vagabunda. Quem ela pensa que é para falar que Lorena ainda pensa em Luca? Eu sei que não pensa. Ela não me compara com ele.

Não tem comparação. A gente se ama. Isso por si só é um grande motivo para não pensarmos em outras pessoas.

Quero ir para sua casa, mas não vou correr o risco de ver Beatrice uma segunda vez no dia.

Suspiro percebendo que não comi nada e paro em um restaurante perto da empresa. Não importa o quanto Bea me cause nojo, não perco a fome. Eu nunca perco.

Arrumo a gravata novamente sob os olhos do meu irmão. Ele vira a cerveja na boca e dá um generoso gole enquanto sua atenção se divide em me ver e assistir ao jogo.

— Ainda estou querendo saber o que faz aqui. Pelo que eu saiba na sua casa tem TV! — grito indo até a cozinha e pegando uma bebida.

— Ocorreu um problema — ele balbucia vidrado no jogo de futebol.

— Merda. — Corro para seu lado e me sento. Suspiro vendo que ele não me olha de maneira nenhuma. — Fala, o que você fez.

Ricardo engole em seco e ri um pouco me olhando.

— Sabe a menina que eu estava namorando? — ele começa e para pegando uma mão cheia de pipoca e colocando na boca. Ele mastiga devagar e eu aperto meu nariz começando a perder a paciência.

— Eu estou me atrasando...

— Ela me pegou transando com a vizinha nova — ele fala rápido e eu me ergo, balançando a cabeça.

— Ricardo, pelo amor de Deus! — grito fechando os olhos. — Você já

tem idade para estar casado, cara, mas em vez disso está por aí partindo o coração dessas mulheres...

— Não quero me casar. Quero viver minha vida de solteiro em paz.

— Por que está aqui? Não entendi a lógica ainda...

— Ela quebrou minha TV. Vou comprar uma nova só amanhã, então me deixe assistir meu jogo e vá embora. — Ele revira os olhos ainda comendo pipoca. — Além do mais, sei que está doido para ir ver a Lorena. Sério, ela é muito linda! Você tem sorte... — ele para de falar quando eu forço sua cabeça para baixo.

— Não a chame de linda. Respeite a minha mulher — resmungo querendo fingir irritação, mas Ricardo me conhece melhor que ninguém, então ele começa a gargalhar.

— Vai lá, cuzão. Cuidado para não ter outro tentando roubar ela de você... — Ele ri quando jogo o controle do som nele. Infelizmente ele é rápido e desvia.

Chego à galeria rápido e logo encontro Lorena. Semicerro os olhos ao ver um homem beijando seu rosto e se afastando em seguida.

— Não posso te deixar sozinha? — murmuro quando estamos cara a cara.

Seu sorriso se desfaz e ela olha em volta. Ela acha o cara a poucos metros e eu seguro seu queixo, trazendo seus olhos para mim novamente.

— Ele é dono de uma galeria em São Paulo. Ficou superinteressado nos meus quadros. Até comprou, os dois. — Ela volta a sorrir e eu vejo os quadros ao lado.

— Parabéns! Ele tem bom gosto. Seus quadros são lindos...

— Isso me faz lembrar que você comprou aquele. — Ela eleva a sobrancelha e me mostra o quadro que Gabby pintou dela.

— Sim. Vi Gabby pintando-o e falei que ele seria meu — explico, me lembrando do dia que fui até a casa dela e a vi no seu ateliê.

— É lindo!

— Você é linda — murmuro me inclinando e tocando seus lábios pintados de vermelho.

— Para com isso. — Suas bochechas ficam vermelhas e ela se vira, segurando minha mão.

Kieran surge na multidão e eu sufoco uma risada ao vê-lo de terno. Porra, nunca imaginei vê-lo com uma roupa tão sofisticada.

— Para com isso — Lorena resmunga me cutucando ao ver que eu ria dele. — Ele está muito bonito. — Ela sorri para o cunhado assim que ele chega.

— Theo. Lore. — Kieran suspira esticando os braços e depois os cruzando.

— Está lindo — Lorena elogia, fazendo-o lhe mostrar uma careta.

— Odeio essas roupas, mas o que eu não faço pela Algodão Doce? — Ele dá de ombros e Lorena ri.

— Está lindo mesmo — caçoo e ele semicerra os olhos para mim enquanto Lorena me dá um cutucão nas costelas.

— Deixa ele, Lorena. Também acho muitas coisas lindas — Kieran sussurra me encarando firme e eu pisco sorrindo amarelo.

Filho da puta.

— O que, por exemplo? — Lorena se afasta de mim e me encara para olhar de volta para o cunhado.

— Nada — dizemos ao mesmo tempo, fazendo-a suspirar.

— Não vou dar spoilers da sua própria história, cunhada — Kieran fala sério e eu vejo em seu olhar seu pedido para que eu seja a pessoa a contar o spoiler.

Odeio spoilers.

— Olha, Theo! — Gabrielle chega nesse momento com o quadro de Lorena embalado. — Já arrumei! Pode levar, já que estamos quase fechando. — Ela sorri docemente e eu aceno.

Pego o quadro e agradeço.

— Vamos lá, eu te ajudo a colocar no carro — Lorena se oferece e começa a se despedir da sua família.

— Obrigado! — digo novamente e beijo o rosto da Gabby.

Eu me aproximo de Kieran e ele me puxa para um abraço

— Se ela souber por outra pessoa, ela vai chorar. Lorena é minha família, Theo, você não quer fazer ela chorar. — Ele dá dois tapas em minhas costas e eu seguro seus ombros, o afastando de mim.

— Sei cuidar da minha mulher, Kieran. E eu não tenho medo de você. Já te vi com seus filhos, seu idiota. — Sorrio, dando às meninas uma visão de empatia quando obviamente não há.

Pego a mão da minha namorada e caminhamos para fora.

— Spoilers, hum? — Lorena murmura quando já estamos dentro do

carro.

— Kieran está ficando doido — resmungo e ligo o som do carro, mantendo nós dois em silêncio.

Assim que chegamos à sua casa eu suspiro.

— Tem certeza de que não quer subir? — ela pergunta e eu balanço a cabeça.

Não. Deus me livre de ver Beatrice. Eu a mato.

— Eu adoraria ir para seu apartamento, mas tenho algumas coisas para fazer. — Lore pega minha mão e eu faço carinho em seus dedos.

— Você sabe que te amo, não sabe? — pergunto suavemente pegando em seu rosto. — Nunca falamos abertamente, mas é o que sinto...

— Sei, e eu também amo você. — Ela sorri de lado e eu me inclino, beijando sua boca.

— Amanhã eu te pego cedinho, tá? Tenho uma surpresa para você — murmuro, lembrando que minha mãe mandou convidá-la para passar o dia lá em casa.

— Surpresa? — Ela arregala os olhos e eu aceno beijando sua testa. — Conta de uma vez...

— Não, Medusa. Amanhã. — Pisco e ela bufa, abrindo a porta do carro.

— Besta.

Ela caminha para seu apartamento, mas para na calçada e se vira. Lorena volta quase correndo e entra no carro.

— Vamos lá. Quero dormir com você hoje. — Eu sorrio enorme e suspiro saindo do estacionamento enquanto ela beija meu pescoço e eu seguro sua coxa.

Dirijo para casa e assim que entramos no elevador, Lorena grita dizendo que esqueceu a bolsa no carro.

— Vamos lá — murmuro enquanto seguro o elevador aberto.

— Não. Vai subindo. Já chego lá. — Ela me dá um beijo rápido e some da minha vista.

Assim que saio do elevador no andar do meu apartamento, encontro Ricardo abrindo a porta para sair.

— Eu...

— Tem uma mulher aí. Ela disse que você sabe que ela viria — ele me corta e eu vejo seu olhar duro. Meu irmão passa por mim sério e eu fico olhando

entre a porta e ele.

Porra. Entro em casa querendo saber quem diabos está aqui e vejo a maldição da minha vida sentada em meu sofá.

— Agora vamos conversar, Theo. E nada de fugir. Estou cansada...

— Beatrice! — grito furioso. Meu Deus, eu vou matar essa vagabunda.

— Preciso da sua ajuda para encontrar nosso filho! — suas palavras gritadas me fazendo recuar.

E eu sei no momento em que escuto o som de algo caindo no chão e me viro, vendo Lorena estancada na porta, que essa notícia mudaria minha vida. Levaria minha Medusa para longe de mim.

Capítulo 19



LORENA

Meus olhos se arregalam e eu paro na porta. Eu não ouviria um trovão ressoando ao meu lado, caso ocorresse. Não sou capaz de ouvir nem mesmo o grito de Theo chamando meu nome, apenas as batidas do meu coração machucado chegam aos meus ouvidos. Seu rosto se contorce e eu vejo o quão perplexo e temeroso ele está.

— Medusa. Ei! — ele suspira se aproximando com as mãos se remexendo, frenéticas.

— Lorena. — Bea engole em seco e eu entro na casa, colocando minha bolsa em cima da mesa de centro da sala.

— Beatrice está mentindo. Não temos filho nenhum...

— Mas já transaram, não é? Você já transou com ela, não foi? — minha voz sai tão calma que até eu mesmo me assusto. *Ele gosta dela?* Quero perguntar, mas não sei se eu conseguiria ouvir sua resposta.

Minha língua sai e desliza pelo meu lábio ressecado enquanto Theo abre a boca e a fecha novamente. Jesus...

Ele acabou de me jurar amor. *Você sabe que te amo, não sabe?*

— Sim, mas isso faz tempo e eu nunca gostei dela...

— Não minta para ela. — Bea se levanta e olha para mim. — Nos amávamos. Eu sempre fui idiota, não queria dar o braço a torcer, Theo sempre esteve lá me amando nos momentos difíceis. Sendo meu homem...

— Mentira! Nunca te amei, Beatrice. Nunca! — Theo grita ensandecido e eu me sento no sofá, me lembrando de me manter longe de onde ela se sentou. — Nunca a amei, Lorena...

— Theo... — ela arqueja em choque.

— Você sabe que é a única, Lorena. Sempre. — Ele se aproxima, mas eu balanço a cabeça elevando a mão. Não quero seu toque. Nunca pensei que um dia eu pudesse recusar sua pele contra a minha, me acalmando, me mantendo protegida, mas ao saber que ele escondeu de mim que dormiu com minha amiga... ex-amiga... me enoja.

— Nós temos um filho — Bea murmura e eu engulo em seco. Não pode ser. Aperto minhas têmporas com força, tentando acordar desse maldito pesadelo. — Theo me ama e eu sei que vamos encontrar nosso bebê. Vamos ser uma família. — Bea limpa as poucas lágrimas que descem por seu rosto e eu

olho para ela em choque. — Eu não queria machucar você, Deus sabe que não. Porém, ele sempre foi meu...

— Eu acho que você é dissimulada. Você entra na minha casa e ainda tem a audácia de vir falar essas coisas para mim?

— É a verdade. Sinto muito...

— Não! Você não sente! Você sempre cobiça o que é dos outros. Nem acredito que Theo conseguiu te amar...

— Ele conseguiu gostar de você, que é tão ruim quanto eu. Talvez ele goste de meninas más...

— Eu odeio você, isso sim! — Theo grita com ela e pega seu braço com força. — Sai da minha casa...

— De jeito nenhum! — grito me erguendo. — Vocês têm um filho. Precisam é conversar. — As palavras causam um gosto ruim em minha boca, mas acho que não consigo ficar aqui mais um minuto sequer.

— Ela está mentindo, Lorena... — ele rosna furioso na minha direção e eu pisco, apertando meus lábios juntos. — Onde está o bebê, então? Quando nasceu? Onde? Me prove, Beatrice. E eu juro que se for mais uma de suas muitas mentiras vou te matar. — Ele a sacode pelos braços e Bea geme se soltando.

— Eu o deixei em frente a um orfanato assim que dei à luz...

— Jesus Cristo!

Eu arquejo completamente surpresa. Como... Como ela conseguiu? Meu coração aperta ao imaginar meus sobrinhos no lugar do bebê. Sendo abandonados assim.

— Eu o tive há mais de dois anos. Era um menino. Lembro que dei a ele um colar com um nome, o que eu escolhi. Thomas — ela começa a falar e eu ofego ao escutar as palavras. — Seu nome começa com T, como o do pai dele.

Meu coração quebra mais uma vez. Eles têm um filho. Theo tem um filho com uma mulher que não sou eu.

Ele escondeu que teve um relacionamento com Bea. Mesmo ela indo morar comigo, ele não ousou me contar. Lembro-me do seu acesso de raiva ao saber. Eu nunca imaginei que era por isso.

Quando Kieran falou sobre spoilers... Jesus, meu cunhado sabia. Era uma bela oportunidade para Theo contar, mas mesmo assim ele preferiu omitir... me enganar.

Ele não sabia do filho. Sei disso. Eu vejo seus olhos surpresos. Eu

conheço o homem que amo. Pelo menos eu pensava que conhecia.

Não sinto quando as lágrimas começam a cair, mas vejo manchas pretas do rímel no meu vestido. Queria estar em meu quarto, queria gritar contra meu travesseiro. Quebrar coisas. Quero correr para longe. Eu quero morrer.

Aperto minha bolsa e tropeço quando caminho para a porta. Antes que eu a alcance, Theo me segura contra seu peito. Ele me aperta como se, a qualquer momento, eu fosse sumir por entre seus dedos. E é verdade. Eu vou sumir.

— Me solte — peço manchando seu terno bonito. Ele não afrouxa o aperto, então empurro seu corpo e piso em seu pé. Theo cambaleia e eu corro para o elevador, mas a porcaria de metal não é rápida em fechar as portas.

Eu soluço quando ele me alcança e cai de joelhos, abraçando minha cintura. Enterrando seu rosto em minha barriga enquanto chora. O barulho dos seus soluços ecoa e eu sinto minhas pernas fraquejarem.

— Por favor. Não me deixa. Não faz isso, Lorena. Eu te amo. — Seus gritos são abafados pelo meu vestido, mas ainda assim os escuto.

— Theo. Para. Se levanta, por favor — peço ainda chorando, mas ele não se mexe. — Eu não vou fazer isso. Não vou ficar com você tendo ela entre a gente. Um filho, Theo! É um filho!

Meus gritos ressoam no elevador pequeno enquanto as portas se fecham e começamos a descer. Por que ele faz isso?

— Não vou mentir, Medusa...

— Não me chame assim! Nunca mais me chame assim! — afirmo séria. Não quero esse apelido. Não quero nada que me lembre o que tivemos antes de o nosso mundo ruir.

— Lorena. — Ele inclina a cabeça e me encara ainda de joelhos. — Se ela estiver falando a verdade, eu vou procurar essa criança. Eu quero saber se é meu filho. Farei exame de DNA. Eu sou um homem. Esse é meu dever.

— Quero que faça isso, Theo. Quero que o procure. Que não deixe essa louca cuidar de uma criança assim. — Mordo meu lábio e suspiro me acalmando. — Só não posso, está bem? Eu mereço isso, Theo. Eu mereço escolher. Eu mereço que me dê espaço.

Ele acena e se ergue devagar. Olho para as portas ainda fechadas e Theo suspira, cruzando os braços. Ele se encosta na parede oposta à minha e meu queixo treme vendo-o secar as próprias lágrimas.

— Eu te amo. — Suas palavras fazem meu coração doer. Encaro seu rosto e mordo meu lábio.

— Eu também te amo. Deus sabe que nunca amei ninguém do jeito que o amo, mas eu mereço honestidade e isso você não me deu.

As portas do elevador abrem e eu saio deixando-o parado lá dentro, ainda chorando.



Assim que chego em casa, eu corro para meu guarda-roupa. Puxo as roupas de Beatrice e jogo dentro da mochila velha e surrada que ela trouxe com ela no dia que fui idiota e lhe dei abrigo. Procuro a lingerie que ela comprou para que eu possa rasgá-la, mas não a encontro.

“— *Sim, na verdade, eu já tinha laçado ele no passado. Agora só preciso apertar o laço para que ele volte...*”

Ela vestiu para ele.

Grito no meio do quarto ao pensar que ela pode estar em seus braços nesse momento. Meu celular toca e assim que o pego vejo o nome do Theo na tela. De uma forma insana eu me sinto aliviada, pois isso significa que ele não está com ela.

O celular para de tocar e eu limpo meu rosto, respirando fundo enquanto sinto aperto no peito.

Mais uma vez sozinha.

Constato ao sentir a tristeza tomar posse do meu coração. Nem um segundo após o pensamento meu celular volta a tocar, mas em vez do nome dele aparece o da minha irmã.

— Lorena? Desculpa ligar a essa hora. Só quero saber se... Meu Deus, isso é loucura... — ela sussurra a última frase e eu engulo em seco. — Se você está bem. Senti inquietação... Sou louca, né? Você deve me achar tão patética...

— Terminamos. — Solução sentindo meus lábios tremerem. — Acabou!

— Mana? Como...

— Ele omitiu, ele a amava. Era louco por ela e nunca me contou. Ele deixou que ela viesse morar na minha casa...

— Caramba! Mas como? Theo e Bea? Sério?

— Eles têm um filho, Gabby. Um menino. Segundo a Bea ela o abandonou em um orfanato depois de nascer, anos atrás — explico enquanto me

sento na cama, limpando o nariz.

— Não posso acreditar. Como Theo ousou não te contar? Com essa vagabunda enfiada na sua casa...

— Nem me fale. — Mordo meu lábio, olhando para as roupas da Bea. — Eu nunca pensei em odiar tanto alguém que não fosse nossos pais, mas eu a odeio mais. A odeio por ter com ele um vínculo que nunca terei.

As palavras saem amargas da minha boca. Quero engoli-las de volta para que a dor que se multiplicou ao ouvi-las cedesse.

— Quem disse que não? Theo te ama. Eu concordo que você deve dar um tempo, mas o amor de vocês é único e não se acaba assim.

Fico calada, não por ser contra suas palavras, mas por rezar para que elas sejam verdadeiras.



Depois de finalizar a chamada com minha irmã e dizer com certeza que eu não precisava dela aqui, eu deixo as coisas de Bea na recepção e aviso ao porteiro que ela está proibida de entrar.

Pego os dentes de leão enquanto ando até a minha árvore. Subo no galho enorme e me sento abraçando minhas pernas. Assopro a pequena flor observando as suas pétalas voarem para longe. Fecho os olhos e imploro à flor que a dor em meu peito ceda e que acalme meu coração.



Na manhã seguinte, quando o relógio alarma às 11h, eu me forço a levantar e começar a me arrumar para o almoço com Rafael. Dentro de uma calça jeans, camisa de seda e terninho eu saio de casa. Confiro a hora e apresso meus passos não querendo chegar atrasada. Sorrio para Seu Michael, o porteiro, quando o vejo andando em minha direção.

— Senhorita Lorena, a moça está...

— Aqui.

Escuto a voz de Beatrice e me viro, deixando os óculos escuros no rosto, para esconder as manchas escuras embaixo dos meus olhos. Claro que me maquiei, mas nem as camadas extras do corretivo conseguiram mascarar a minha cara de derrotada.

— Suas coisas foram deixadas na recepção. Por qual motivo ainda está aqui? É bem fácil sumir da minha vida. Só pegue suas coisas e saia — murmuro a vendo se erguer do sofá.

— Não tenho para onde ir, Lorena. Dormi num hotel essa noite, mas não tenho dinheiro para mais uma...

— Estou com pena — ironizo sorrindo falsa. — Chame os seguranças, Seu Michael. Não quero essa mulher por aqui pedindo esmolas — sibilo para o pobre homem e dou as costas para a víbora.

— Se serve de consolo, eu transei com Theo apenas uma vez ontem.

Eu volto e acerto um tapa na sua cara. Ela cai sentada no chão, desprevenida, e eu dou um passo para a frente.

— Espero que isso seja mentira. Não por mim, eu o amo, mas não dito com quem ele fica. Eu quero que seja mais uma mentira por ele. Theo merece mais.

Eu a deixo no chão me fuzilando com os olhos, saio do prédio e me encaminho para o endereço que Rafael passou. Fico feliz ao entrar em um restaurante italiano.

Vejo o homem de sorriso brilhante acenar para mim e caminho até ele.

— Obrigada pelo convite — murmuro depois de me sentar à mesa.

— Eu que agradeço. — Ele sorri e eu tento retribuir o gesto, mas falho miseravelmente. Olhar para ele me faz lembrar de ontem.

E ontem Theo era meu. Ainda estava ao meu lado. Hoje... eu não o tenho mais e isso machuca além do que eu consigo colocar em palavras.

Rafael engata numa conversa fácil e eu percebo que sim, como Gabby falou, ele é um grande profissional. Também é divertido e me arrancou alguns sorrisos verdadeiros. Quando propostas são postas à mesa, eu me sinto honrada, mas...

— Viajar para São Paulo?

— Sim. Sei que tem alguns quadros, mas eu quero uma coleção exclusivamente feita em São Paulo. Tenho uma estrutura imensa, posso te locar sem problema nenhum. Todas as suas despesas serão pagas pela empresa. — Ele sorri bebendo seu vinho. — Seriam no máximo dois meses. Se pintar a coleção

inteira antes disso, você volta imediatamente e viaja novamente apenas para a exposição. Confie em mim, Lorena. Será legal. — Rafael arqueia a sobrancelha brincando, me tentando, e eu engulo em seco.

Dois meses em São Paulo.

Dois meses longe... de tudo.

Do Theo.

Decido, por fim, enquanto meus olhos começam a se encher de lágrimas.

Está tudo bem, Lorena. Você precisa disso. Vai ficar tudo bem.

E esse se torna meu mais novo mantra.

Capítulo 20



THEO

A bebida queima em minha garganta, mas peço mais uma ao barman. Ainda estou com a roupa da exposição, mas já tirei o terno e levantei as mangas da blusa. Bagunço meu cabelo enquanto o homem me encara.

— Acho que já bebei demais — ele suspira enquanto enxuga copos e os empilha na bandeira à sua frente.

— Você já perdeu alguém que amava? — questiono com calma vendo-o balançar a cabeça, negando. — Então não me diga o quanto posso beber — rosno começando a me irritar.

Pego a garrafa que está à minha frente e eu mesmo me sirvo. Sorvo o líquido e mais uma vez sinto minha garganta arder.

Flashes de Lorena saindo daquele elevador chorando rasgam meu peito.

Lorena chorou.

Eu perdi o controle e fiz a única pessoa no mundo que eu amei chorar. Logo ela, que sempre foi tão fechada. Aperto o copo entre meus dedos enquanto engulo em seco. Eu me odeio cada vez mais ao lembrar.

Olho para minhas mãos e me pergunto se machuquei Beatrice ao expulsá-la da minha casa. Nunca odiei ninguém em toda minha existência, mas ela passou dos limites. Filho? Porra, como ela pode mentir assim?

Eu me ergo do banco alto e quase caio, mas dois pares de mãos me seguram. Olho para Luca e Ricardo me questionando como foi que me acharam.

— Vamos lá! — Luca coloca meu braço em seu ombro e Ricardo imita o gesto.

Não sei como chego em casa, pois apago assim que entro no carro do meu irmão.

Na manhã seguinte minha cabeça dói e eu me sento, tentando me arrumar para o trabalho. Procuro meu celular pelo quarto e o encontro em cima do criado-mudo.

Deslizo a tela e procuro por Lorena na lista de chamadas de ontem. Faço careta ao ver a quantidade de vezes que liguei para ela. Espaço, idiota. Ela te pediu espaço.

Eu me arrumo no automático e logo saio de casa. Ir trabalhar não está sendo uma decisão legal, mas preciso ocupar minha cabeça. Se eu ficar em casa acabarei indo até ela e eu sei que não devo. Não hoje, pelo menos.

Assim que chego ao escritório me encaminho para a despensa. Pego uma xícara de café e peço a minha secretária para trazer remédios para dor de cabeça. Não demora e logo estou focado no trabalho.



— Senhor, mandaram deixar esse envelope aqui — Flávia avisa e eu aceno. Ela caminha até mim e sua barriga de quase sete meses de gravidez balança.

— Obrigada — murmuro pegando o papel pardo de suas mãos.

Abro e respiro fundo quando vejo um prontuário com o nome de Beatrice. Tem o registro de sua entrada no hospital anos atrás e a explicação do procedimento feito naquele dia.

Parto normal.

As ondas de dor que tinham cessado voltam com força total. Soco a mesa de madeira escura e mordo meu punho. *Não acredito... Não pode ser.*

Puxo o papel por completo e uma nota cai em cima da mesa.

Não menti. Temos um filho. Eu quero conhecê-lo. Nunca conseguirei sem a sua ajuda. Me perdoe por esconder e por dá-lo para a adoção, mas não tem um dia que eu não lembre dele.

Eu te imploro, me ajude.

Bea.

Amasso sua nota e fecho meus olhos com força. Não posso acreditar que ela foi capaz de algo assim. Eu sempre tive condições, por que ela apenas não o deu para mim? Por qual motivo Beatrice quis me castigar dessa forma?

Eu me ergo e aviso a Flávia que vou trabalhar de casa, mas é uma mentira. Eu nem mesmo sei para onde eu vou até que estaciono em frente à casa dos meus pais. O carro do meu pai está na garagem e com isso eu sei que ele ainda está aqui.

Subo os degraus até a varanda engolindo em seco. O que eles vão dizer sobre eu ter um filho? E se eu contar e for mais uma mentira da Bea?

Respiro fundo e abro a porta. Se for mentira, pelo menos meu pai me ajudará a saber.

— Theo! Que maravilha que está aqui. — Minha mãe surge ainda em seu pijama, mas com as mãos sujas de terra. Com certeza estava no jardim.

— Oi, mãe — suspiro e beijo seus cabelos. — Onde está meu pai?

— No escritório. Vamos lá. — Ela me guia pela casa, mesmo eu sabendo bem onde fica cada cômodo até de olhos fechados.

Assim que entramos meu pai ergue os olhos. Nós nos cumprimentamos e eu me sento, pedindo que mamãe faça o mesmo.

— Por que está tão nervoso? — meu pai questiona rápido enquanto minha mãe aperta meus dedos, me confortando.

— Uma antiga ficante reapareceu esses dias — começo olhando para meu pai. — Ela disse que engravidou na época e... — As palavras sufocam minha garganta. — Ela deu o bebê para adoção.

Minha mãe arqueja horrorizada e o homem que eu mais idolatro no mundo se encosta na poltrona.

— Co-mo deu? Meu Deus — mamãe diz em choque enquanto meu pai suspira sem falar nada.

— Ela deu à luz e deixou ele em frente a um orfanato. Eu não acreditei muito, ela sempre gostou de infernizar a minha vida, mas hoje recebi esses documentos. São verídicos. — Passo o envelope para eles e meu pai se concentra em ler.

— Por qual motivo ela te disse isso só agora? — as palavras dele são firmes e seus olhos questionadores se fixam em mim.

— Ela diz que está doente, que quer tentar pegar a criança novamente. — Eu puxo meus cabelos. — Não sei o que fazer, pai. Lorena me deixou por eu ter omitido a minha relação com a Bea, ela nem mesmo atende minhas ligações e eu estou perdido. — Rio sem graça enquanto vejo as lágrimas da minha mãe.

— Você quer a criança, Theo? — meu pai pergunta guardando os papéis. — Você está pronto para a briga que vai começar se você quiser a guarda? Você passou anos sem saber dele, talvez, ele esteja bem. Numa família boa.

— Pai...

— Eu sou a razão, Theo. Você está sentimental, sua mãe também, mas eu quero te informar que não é apenas encontrar ele e entrar na justiça. Ser pai é mais que isso. — Ele se ergue e caminha até mim.

Meu pai tem o poder de sempre me fazer entender os dois lados da moeda. E é por isso que ele é meu mundo.

— Eu estou aqui, Campeão. Sempre estarei. Se quer seu filho, vamos lá,

Theo! Eu estarei ao seu lado, mas eu quero que seja uma decisão sabia.

— Eu quero. Ele é meu. Deveria estar comigo desde sempre. — Limpo meu nariz com o dorso da mão e me ergo também. — Mas ela nunca vai chegar perto dele. Eu não permito.

— Sente-se, vamos começar a busca pelo meu neto — ele afirma me dando um abraço e minha mãe se refugia em seu peito.

Passei o restante do dia na casa dos meus pais. Meu pai fez chamadas e logo conseguimos o endereço do orfanato e nos encaminhamos para lá. Nunca gostei do jeito que nos tratam apenas pelo poder que meu pai tem no meio administrativo na cidade, mas hoje eu pouco me importo.

Eu nunca conseguiria encontrar meu filho em menos de 24 horas sozinho. Então, eu agradeço o seu respeito na cidade.

Eu me sento ao lado da minha mãe na recepção do orfanato para onde o bebê foi levado por Bea. Mordo meu dedo incontáveis vezes, enquanto espero pelo diretor do lugar nos receber.

— Senhor Gonçalves. — Meu pai aperta a mão do homem assim que entramos na sala. — Esse é meu filho, Theo, e minha esposa. — Ele nos apresenta e eu aperto a mão dele também.

— Senhor, que honra tê-lo por aqui. Sentem-se. — Ele aponta para as poltronas e nos sentamos. — O que o traz aqui?

— Anos atrás um bebê foi deixado aqui.

— Isso acontece com frequência...

— Nesse caso, a criança era meu neto. Não tínhamos conhecimento. Apenas hoje soubemos disso. Você se recorda de um menino com um cordão com o nome Thomas deixado aqui, numa noite chuvosa? — meu pai fala calmamente e o homem de olhos arregalados aperta a têmpora pensando.

— Thomas — ele murmura suavemente e seus olhos piscam desacreditados. — Oh, Deus! Sim, eu lembro. — Seus olhos vão para o chão e meu peito aperta com o pesar em seu rosto.

— O que aconteceu com ele? — questiono com urgência.

— Ele foi adotado um ano atrás. — Seu suspiro é como um soco em meu estômago. — Thomas era adorado por todos e um dia um casal veio fazer uma visita e o viu. Eles o adotaram imediatamente. Sinto muito. — O Diretor aperta as mãos e eu cubro meu rosto sentindo dor.

Não!

— Obrigado pelas informações. Meu advogado entrará em contato.

Vamos para o tribunal — meu pai fala firmemente e eu aceno me erguendo, tentando mascarar a dor.

Não ouvi nada durante o percurso para casa, eu só sentia minhas mãos tremendo e meu coração apertado.

Quero Thomas comigo, mas como posso tirá-lo de alguém que já o ama loucamente? Sinto falta de ar, então abro a janela do carro e deixo o ar puro entrar pelo meu nariz, me dando a sensação de liberdade.

Olho para meu pai, concentrado em falar com seus advogados, e minha mãe, tão perdida quanto eu, olhando para suas unhas. Ele é meu filho, eu nunca permitiria que ele fosse posto longe de mim. Essa decisão foi da mãe desnaturada dele. Não minha. Eu tenho o direito de tê-lo comigo. Sei que sim.

Mas por que estou com tanto medo? Por que sinto que vou fazer pessoas sofrerem?

Descanso a cabeça na janela e fecho os olhos. O sono vem e com ele imagens de um menino loiro correndo no jardim e uma morena de cabelos com mechas loiras atrás dele. Lorena e meu filho.

É nesse momento que eu acordo com minha decisão tomada.

O filho é meu. E eu vou tê-lo.

Capítulo 21



LORENA

Olho de relance para as malas no canto e respiro fundo. Tive uma semana para pensar bastante na minha decisão e, por mais que doa, sei que ela é a certa. Levo as malas para perto da porta e suspiro.

— Tem certeza? — Gabrielle resmunga entrando no quarto com Luca no colo. Estendo os braços para meu sobrinho e o pego.

— Não tanta quanto eu gostaria...

— Vai ser bom, sabe? Dar um tempo, pensar, e, além do mais, essa é uma oportunidade maravilhosa. — Seu sorriso coroa seu discurso e eu meneio a cabeça sabendo que ela está certa.

— Preciso estar na rodoviária em meia hora — informo cheirando os cabelos negros de Luca. Ele se espreguiça em meus braços e eu sorrio.

— Entendo sua decisão de querer ir de ônibus. — Minha irmã suspira se sentando. Meus olhos seguem suas mãos, que se retorcem em seu colo.

Não estou pronta para entrar em um avião. Não sei quando ou se um dia estarei. Assim que Rafael falou sobre comprar as passagens eu surtei e fiquei sem respirar por alguns segundos. Ele, como sempre, foi um cavalheiro e entendeu perfeitamente minha decisão de ir de ônibus. Ele até tentou me fazer aceitar uma carona.

— Posso ir de carro e vamos juntos. Carona amiga — ele ofereceu enquanto conversávamos ao celular.

Eu neguei. Não por causa dele, mas por querer ficar um tempo sozinha. Preciso disso.

— Ainda é muito recente — murmuro colocando um Luca adormecido em minha cama. — Entrei em pânico só de ouvir o Rafa dizendo que compraria as passagens. Não consigo me imaginar entrando em um avião — confesso sentindo meu coração acelerar com o pensamento.

— Eu acho que eu surtaria com você. — Ela olha para as mãos ainda retorcidas e morde o lábio com força. Seus olhos brilham e eu me sento ao seu lado. Gabby pisca e suspira quando sente meus dedos entre os seus. — Não posso... — ela titubeia e sorri tristemente. — Não posso imaginar te perder. Eu não conseguiria...

Sua voz enfraquece e ela dá de ombros quando as lágrimas descem por suas bochechas.

— Você não vai — afirmo com a voz séria e a puxo para meus braços. — Não consigo imaginar como ficou, Gabby, mas eu sei que eu morreria se algo acontecesse a você. Você foi tão forte, mana. Nem em um milhão de anos eu conseguiria segurar a barra de te ver numa cama de hospital e ainda ter dois filhos e um marido para cuidar. Eu me orgulho de ser sua irmã. — As palavras saem fazendo com que nós duas comecemos a chorar. Gabby soluça em meu peito e eu abraço seus ombros.

— Eu te amo.

— Não mais do que eu te amo, tenho certeza — murmuro a fazendo rir.

— Então... — Kieran para à minha frente depois de colocar minhas malas no chão. — Ainda acho que não é uma boa ideia... — Gabby pisa em seu pé e ele faz careta se afastando dela. — Não gosto disso. De nos despedirmos. Da outra vez... — sua voz falha e eu encaro meu cunhado ao pegar sua mão.

— Não vai acontecer nada — prometo quando ele me puxa para seus braços e beija minha testa.

— Você avisou a ele? — Kieran questiona ainda me abraçando. Eu me afasto e engulo em seco, olhando para meus sapatos.

— Não...

— Talvez você devesse — Gabby fala em meio a um suspiro.

— Não estou indo embora, volto logo...

— Nós sabemos. — Kieran coloca as mãos nos bolsos da calça jeans e dá de ombros. — Ele foi um idiota, mas ele está passando por algo doloroso...

— Como assim? — pergunto mesmo me repreendendo. Sei que ele iria procurar seu filho, mas não questionei nada a ninguém.

— Ele já encontrou o filho. O pai dele fez arranjos, o homem é quase a porra do dono dessa cidade, então foi fácil. — Kieran aperta o nariz e enrola a cintura da Gabby com o braço direito. — O filho foi adotado por uma família daqui da cidade mesmo. Luca disse que Theo ainda não chegou a vê-lo, mas entraram na justiça pela criança.

Suas informações cortam meu coração já machucado em pequenos pedacinhos. Não por não gostar delas, mas, sim, porque imagino como ele deve estar se sentindo. Theo é um homem de coração enorme, sei que ele deve estar dividido entre ter o filho e fazer as pessoas que o criaram até aqui sofrerem.

— Meu ônibus vai sair daqui a uma hora. Vou ligar — digo firme, mesmo sabendo que por dentro estou apavorada. E se ele não atender? E se

atender e pedir que eu não vá?

Balanço a cabeça espantando os “e ses” da mente. Não preciso de motivos para dar para trás.

Kieran e Gabby se despedem de mim e logo estou sentada em uma das muitas cadeiras disponíveis na rodoviária. Seguro meu celular entre meus dedos e aperto o único botão do aparelho para ele ligar. Deslizo na tela e vou nas chamadas vendo as diversas ligações de Theo que não atendi. Agora me pergunto se em alguma dessas vezes ele estava mesmo precisando de mim. Engulo o nervosismo e disco seu número. Os silêncios passam e o som da chamada ressoa em meus ouvidos.

Quando a chamada está perto de cair na caixa postal eu desligo. *Eu tentei. Ele deve estar ocupado, por isso não ligarei mais.*

Deixe de ser uma medrosa estúpida. Ligue, Lorena, e se ele não atender, deixe uma mensagem. Sua cabeça não vai cair por isso.

Rolo meus olhos para minha consciência, mas faço o que ela me disse. Ligo novamente. Chama até cair na caixa postal mais uma vez, mas nessa eu espero o bipe me avisar que posso falar.

— Uhm... É a Lorena, eu liguei para saber como está e avisar que estou indo passar um tempo em São Paulo. É uma oportunidade única e eu achei que... — Minha voz se perde e eu respiro fundo tentando me recompor. — Enfim, só queria dizer isso. Boa sorte com Thomas. Você vai ser um pai espetacular. — Eu clico em desligar e mal percebo as lágrimas descendo por minhas bochechas.

Guardo o telefone na bolsa e limpo meu rosto tentando encontrar sentido no que acabei de fazer. Sei que ele será um bom pai. Eu nunca pensei em filhos com Theo, mas ter filhos, marido; uma família foi o que respondi a ele quando perguntou meu maior sonho naquele dia no avião.

Eu nem mesmo sabia, mas eu queria realizar meu maior sonho com ele.

Sempre com ele.

Passo quinze minutos ainda sentada tentando pensar em alguma coisa que não seja Theo e Thomas, mas parece ser algo impossível. Quando o ônibus chega e os passageiros começam a subir, eu levo minhas malas para perto.

Enquanto me sento na poltrona confortável e grande, meu celular começa a tocar. Meu peito acelera e eu tento respirar calmamente enquanto atendo a ligação.

— Alô — começo com a voz rouca e suspiro.

— Não acredito que está indo para longe de mim. — Sua voz é raivosa, mas se parte no final da frase.

— Estamos longe um do outro morando na mesma cidade, Theo — murmuro fechando meus olhos e descansando minha cabeça no travesseiro de pescoço que eu trouxe.

— Você, porra, você estava longe de mim! — ele grita embolando a fala e eu me pergunto se ele está bebendo. — Eu te amo! O que quer mais? Amor é suficiente sim! Sempre é! Tudo se ajeita quando nos amamos. Por que seu amor por mim desmoronou quando tudo ficou tão pesado? Era amor mesmo?

— Não diminua o que sinto. Eu te amo. Theo, eu amo tanto que cada respiração longe de você faz meu peito se comprimir. — Eu soluço e levo minhas mãos aos meus lábios para não fazer barulho.

— Não! Você parece gostar de me ver sofrer. É algum tipo de masoquismo? Você ainda é aquela cobra peçonhenta de anos atrás? É isso? — Suas palavras me causam nojo.

— Nunca vou gostar de ver seu sofrimento...

— Então venha para casa. Por favor, venha para casa e junte os cacos do meu coração, que se partiu com nossa separação. Cole-os, me faça parar de beber cada vez que entro em meu quarto e você não está entre meus lençóis. — Seu soluço corta meu peito, eu tento respirar com mais calma, mas os meus próprios irrompem, ficando cada vez mais altos.

— Eu daria tudo para ir, mas...

— Não, Medusa...

— Eu preciso de tempo. Nós dois precisamos.

Eu desligo e, novamente, em meio ao meu desespero, mordo meu lábio até sentir o gosto metálico do sangue enquanto limpo as lágrimas que descem por meu rosto.



Eu levo dois dias para desfazer as malas. Não sei, ao certo, o motivo, mas meu corpo se retesava toda vez que eu me aproximava da mala. Demorei mais dias para alugar um carro e mais alguns para ir até a Galeria. Na verdade, eu estou devagar em tudo. Parece até que diminuí minha velocidade normal.

O sangue que deveria correr pelos meus dedos some assim que começo a andar até o prédio enquanto aperto a bolsa nova entre meus dedos. Jogo meus cabelos para o outro lado e dou meu melhor sorriso à recepcionista.

Rafael não estava brincando quando falou que tinha espaço. O apartamento em que me colocou é enorme e o lugar onde trabalharei pelos próximos dias faz meus lábios se abrirem em choque. Há várias paredes em vermelho e branco separando o cômodo grande. Cada parede tem um quadro dando um charme incrível ao labirinto formado.

— Lorena! — Rafael desce as escadas que levam a um segundo andar que acho que deva ser ainda mais impressionante.

— Rafael. — Dou-lhe um pequeno sorriso quando seus lábios tocam minha mão num gesto cavalheiro.

— Está bem acomodada? — Ele se afasta e eu o sigo pela galeria enquanto ele mostra o salão.

Babo em diversos quadros e o vejo me mostrar orgulhoso o trabalho de vários pintores. Sorrio ao ver um dos quadros que ele comprou na exposição da Gabby e vejo seus ombros subirem.

— Já vendi ele. Ganhei uma fortuna, por sinal. O comprador vai levá-lo em breve. — Sua informação me faz aquiescer com um sorriso bobo no rosto.

Passo mais alguns minutos com Rafael no salão, mas logo ele me encaminha para o piso superior. Há várias portas e na primeira à direita Rafael para e a abre. Engulo em seco, observando o ateliê com uma infinidade de pincéis, telas, tintas, cavaletes... todos os materiais de pintura que existem. Tento parar minhas mãos, mas quando percebo já estou segurando vários pincéis e cheirando as tintas.

Não sei o exato momento em que meu chefe saiu do ateliê, mas eu o ouvi balbuciar que eu aproveitasse o restante do dia para conhecer meu novo local de trabalho. Então, foi o que eu fiz.



— Você é nova por aqui? — escuto uma voz suave perguntar e vejo a recepcionista sorrindo.

— Oh, sim. Sou a pintora nova — explico tentando ser sociável. Nunca

fui boa em fazer amizades. Não gosto de rir para estranhos, então nunca existe abertura para alguém conversar comigo.

— Ah, Lorena, é isso? — Seu sorriso cresce e eu aceno me encostando no balcão.

— Isso mesmo.

— Rafa falou muito de você. — Seus dedos colocam o cabelo loiro claro atrás da orelha e ela dá de ombros. — Ele adorou seu trabalho. Fora que vi seus quadros. Você é talentosa. — Seus olhos brilham e eu conheço quando vejo um adorador de arte na minha frente. — A propósito, eu sou Carol. — Ela dá a volta no balcão e eu suspiro ao ver sua barriga inchada.

— Prazer, Carol, fico feliz que tenha gostado do meu trabalho — digo, apertando sua mão estendida e recebendo, surpresa, seu abraço.

— Se quiser ajuda para conhecer a cidade, estou ÀS ordens. — ela se afasta e seu sorriso murcha ao olhar para meu rosto. — Ou talvez, não. Eu sei, sou muito invasiva. — Seus lábios finos se apertam e eu balanço a cabeça.

— Não! Eu adoraria. — Sorrio tentando dissipar seu desconforto.

— Já fez uma amiga, Lorena? — Rafael surge na porta que dá acesso ao salão e eu sorrio. Seus olhos voam para Carol e seus lábios se esticam com maior vontade. — Carolina. — Seus olhos percorrem o corpo dela e eu engulo em seco, sentindo uma tensão.

— Rafa. — As bochechas dela coram e ela volta para trás do balcão.

— Como está? Os enjoos pararam? — ele questiona se encostando.

Eu temo estar ouvindo uma conversa que não me pertence, porém eu fico parada escutando tudo.

— Sim, diminuíram — ela afirma com um suspiro que sei ser de felicidade e alívio.

— E nosso menino? Está mais calmo hoje? — Arregalo os olhos quando escuto o nosso. Uau. Eles são um casal? Sorrio involuntariamente e Carol balança a cabeça, olhando para mim. Eu franzo as sobrancelhas sem entender.

— Sim. Bem mais calmo. É à noite que ele não se aquieta — ela murmura enquanto sua mão desce até sua barriga e ela a acaricia.

— Entendo. — Ele abre e fecha a mão em cima do balcão, olhando para a barriga da Carol, e por fim a fecha em punho, levando-a até a boca e mordendo. — Preciso ir. — Ele se afasta e sorri para mim ao passar. — Até amanhã, Lorena.

— Até, Rafael.

Eu aperto a alça da minha bolsa, tentando entender o que aconteceu e esperando a tensão se dissipar.

— É, eu já vou — decido voltando a encarar Carol.

— Oh, por favor, me passa seu número. Hoje vou a uma hamburgueria e você poderia ir comigo. Estou com desejo desde que acordei. — Ela morde o lábio e eu sorrio sem entender minha súbita vontade de ir com ela.

— Claro. É só me passar o endereço por mensagem.

— Obrigada! — Seu sorriso era enorme e pela primeira vez eu me perguntei quantos anos Carol tinha. Seu sorriso é de adolescente, não de uma mulher. Afasto o pensamento e passo meu número para ela, saindo de lá em seguida.

Capítulo 22



THEO

— De onde saiu tanta tralha? — Ricardo questiona assim que pisa em minha sala.

— Dei uma limpa em tudo hoje. Você não sabe a quantidade de porcaria que guardei pensando que um dia eu precisaria e nunca precisei de fato — digo carregando mais uma caixa com papéis que estavam no meu escritório.

— Nunca pensei nisso. — Ele franze o cenho e suspira arregalando os olhos. — Eu devo ter o dobro de tralhas que você...

— Isso eu preciso confirmar. Começando por aquele armário ridículo na sala.

— Ei!

— Não tem utilidade, fora que destoa completamente da decoração do seu apartamento — continuo sem dar atenção para seu resmungo.

— O quê?! Não! Ele é maneiro. Tenho certeza que um dia vou precisar dele em outro cômodo e não precisarei comprar merda nenhuma, pois ele estará lá. — Ele arqueia a sobrancelha e eu sorrio balançando a cabeça.

— Viu?!

Deixo as caixas fora da porta e peço para o porteiro vir buscá-las. Não demora e logo ele aparece levando tudo.

— Então, como está levando a história de ter um filho? — Ricardo enfia as duas mãos nos bolsos do jeans enquanto se balança para frente e para trás de pé.

— A verdade? — Olho para meu irmão e ele suspira acenando. — Estou apavorado.

— Eu estaria, no seu lugar. Porra, cara, como você se atreve a ter filhos antes de mim? — ele brinca sentando no sofá e eu me sento na minha poltrona.

— Sou mais homem que você, então...

— Vá se foder!

— Não planejei nada. Se eu tivesse...

— Seria com o elefante branco na sala — ele completa sério e eu engulo em seco, apertando meus dedos.

— Sim. Seria com Lorena — murmuro me rendendo.

Ela está em São Paulo. Foi para lá há alguns dias e eu estou tentando não ligar para ela. Tentando dar o tempo que ela pediu. Mas nunca imaginei que seria

tão difícil.

— Ela não voltou atrás?

— Não. Eu acho que ela está tentando provar a si mesma que pode se cuidar sozinha. Eu não sei. Sempre achei que ela se incomodava em...

— Você ser o alicerce dela? De ela se escorar em você...

— Não... quero dizer, não se escorar, mas eu sei que ela queria se sentir mais segura. Ela quer se firmar na vida sozinha. Só depois, eu acho, ela vai me querer de volta. Eu espero que sim, na verdade.

Eu tento sorrir, mas o latejo no meu peito não faz muito para meu teatro fingido.

— Ela vai.

— Preciso que sim.

Meu celular toca no quarto e eu vou para lá tentando controlar a ansiedade. Cada vez que alguém me liga eu penso que é ela. Isso é uma merda tremenda.

— Alô? — respondo suspirando ao atender meu pai.

— O encontrei. Estou te enviando fotos dele e o endereço, mas, Theo...

Minhas pernas perdem o equilíbrio e eu desabo ao lado da cama. Meu peito aperta e eu olho para a tela, vendo que chegaram mensagens do meu pai.

— Não vá até lá e, se for, não seja visto — a voz dele ecoa no viva-voz e eu pisco tentando controlar meus sentimentos.

— Obrigado, pai.

Desligo e clico na tela para abrir as fotos. Encaro meus dedos trêmulos e suspiro tentando focar minha atenção no garotinho loiro na tela.

Seus olhos são azuis como os meus e seu cabelo liso e esbranquiçado me faz sorrir. Toco seu rosto e no mesmo instante tenho a certeza de que sim, Thomas é meu filho. O queixo pontudo, olhos pequenos. Deus, ele sou eu quando era pequeno.

— Quem era? — Ricardo pergunta.

— Meu pai — resmungo e lhe entrego meu celular — Ele encontrou o Thomas. — Esfrego meu rosto me erguendo e corro para o banheiro.

— Ei! Cara, ele...

— É meu? — grito do banheiro deixando a porta aberta.

— Porra, completamente. — Escuto o sorriso na voz do meu irmão e suspiro, concentrando minha atenção em tomar banho.

Minutos depois eu saio, já indo para o closet. Puxo um jeans e blusa de manga longa preta e me visto enquanto Ricardo ainda encara meu celular e eu fico feliz ao ver seu olhar alegre e emocionado.

— Você vai contar a ela? — meu irmão pergunta e eu fecho meus olhos por um momento.

— Ainda não. Não preciso da intromissão dela. Bea já fez estragos demais.

— Você a colocou em um hotel?

— Sim. Coloquei, mas somente porque ela estava na rua. Sei que eu não deveria me importar, mas ela está doente — resmungo ainda tentando entender se fiz certo.

— Lorena sabe?

— Não, mas vou contar. Lorena abriu mão de mim, não quero mais fazer escolhas visando o que ela vai gostar. Sei que eu falei que quero que ela volte, mas e se não voltar? Eu preciso seguir.



Estaciono em frente a uma casa dentro de um condomínio e suspiro ao ver que estou duas casas abaixo da casa em que mora Thomas. Engulo meu nervosismo e baixo meus vidros sorrindo para algumas pessoas.

Entrar não foi lá muito fácil, mas eu consegui dobrar o porteiro. Olho para a frente e vejo quando uma mulher baixinha sai da casa segurando a mão de uma criança. Os cabelos loiros me fazem respirar profundamente.

Thomas.

— Venha, querido. — A voz dela é doce e eu engulo em seco quando ele sorri correndo para o jardim. Ela se senta de frente para algumas flores enquanto ele brinca com um carrinho ao seu lado.

Ele balbucia silabas desconexas e ela ri cada vez mais alto.

— Carrinho — ela fala pausadamente enquanto ele a encara.

— Cainho.

— Isso mesmo — ela o encoraja com um beijo e eu fecho meus olhos, sentindo meu peito doer.

— Mama...

Paro de respirar nesse momento. Meu coração dói de imaginar que ele pode chamar o marido dela de pai. Ele é meu.

Meu Thomas.

O latejo incessante do meu coração me faz ligar para *ela*.

E quando as chamadas não são atendidas eu percebo o quanto sua presença me faz falta. Como eu a queria aqui.



LORENA

Depois que chego ao apartamento, eu fico na sala olhando para a TV ligada. O seriado de comédia deveria me fazer rir, mas é incrível como nem mesmo as piadas de *Friends* me deixam com humor melhor.

Mordo a ponta da minha unha e constato tristemente, ao ouvir um clique, que a quebrei por inteiro. Droga! Acendo a tela do meu celular e suspiro vendo duas chamadas não atendidas de Theo. Será que aconteceu algo? Estou aqui há alguns dias e não falei com ele depois que viajei para cá.

Mesmo sabendo que é uma péssima ideia, eu telefono de volta.

— Lore? — sua voz soa distante e ele parece um pouco aéreo.

— Uhm, sim. É que você me ligou... está tudo bem? — questiono me sentando mais ereta no sofá. Aperto o mudo no controle remoto e a TV silencia.

— Eu o vi — Theo anuncia e eu sei que está falando de Thomas.

— E como ele é? — minha voz sai baixa, mas carinhosa.

Não tenho como saber o que ele está sentindo, mas eu conheço esse homem. Sei o quão emotivo e bondoso ele é. Theo deve estar sofrendo.

— Um mini Theo. — Escuto o sorriso em sua voz e me deito no sofá tentando respirar controladamente. — Ele é loiro como eu, tem meus olhos. Definitivamente, ele é meu filho. — Sua certeza me faz engolir em seco.

— Estou muito feliz por você. Muito mesmo — afirmo apertando o celular. Eu não menti. Amo esse homem e eu sempre irei prezar por sua felicidade. — E como o encontrou tão rápido?

Não faz mais de um mês que ele descobriu sobre o filho — e que nos

deixamos —, então a pergunta é válida.

— Meu pai — sua voz ecoa repleta de admiração. — Eu odeio, quero dizer, eu odiava que todos sempre quisessem fazer o que ele queria. Eu nunca agradeci tanto sua popularidade entre os mais ricos da cidade quanto nesses últimos dias.

— Eu também agradeceria se fosse você.

— Pois é. Ele contratou detetives particulares, conversou com muita gente. Até com o juiz que trabalhou na adoção do Thomas. Ele o encontrou e hoje mesmo fui na casa da família...

— Que o adotou.

— Isso. — Ele respira fundo e eu escuto a tremulação quando sua voz ecoa. — Ele brincava no jardim da casa com uma mulher mais velha que a gente pouca coisa. Ele sorria e ela estava ensinando-o a falar outras palavras.

— Oh, Theo.

— Ele a chamou de mama. Eu ouvi e me pergunto se ele chama o marido dela de pai. — Sinto sua agonia só em ouvir suas palavras.

— Talvez sim, mas ele vai ser sortudo, sabe? — começo devagar engolindo em seco e escutando sua respiração forte. — Ter dois pais que o amam loucamente vai ser incrível. Thomas vai ser um menino de ouro. — As palavras saem sem filtro e é verdade.

Ter pais irresponsáveis e mal-amados me fez essa pessoa louca e neurótica. Thomas será cuidado por pessoas que o amam.

— Eu... fico imaginando o que ela vai sentir quando souber de mim. A mulher, sabe? Eu não quero fazer ninguém sofrer, só quero meu filho. Ele é meu, a decisão de deixá-lo no orfanato não foi minha...

— Não precisa se justificar. Não para mim, Theo. Eu te conheço, sei que nunca quer ferir ninguém. E sim, ele é seu. Você tem todo o direito de brigar por ele.

Seu silêncio me faz pensar se eu deveria deixar tudo para trás e ir cuidar dele.

— Só... eu preciso desligar. — Sua voz se firma e eu mordo meu lábio, sentindo meus olhos ficarem úmidos.

— Qualquer novidade, me liga. Não quero deixar de fazer parte da sua vida. Sei que estamos longe, mas... eu te amo — murmuro olhando para a TV.

— Eu sei... — Ele se cala e eu começo a me preocupar.

— Você acha que acabou? — minha voz se parte e eu aperto o celular.

— Eu acho que você pediu um tempo e eu vou te dar. Só não espere que eu esteja sempre aqui, Lorena. Eu estou cansado...

— Eu espero, na verdade...

Sei que sou egoísta, mas é assim que sou.

— Isso é uma pena. Obrigado por falar comigo. Fique bem.

Ele desliga e eu jogo o celular no outro sofá como se ele fosse o causador da minha agonia. Porém, sabemos que os únicos culpados somos eu e o Theo. Quem mandou ele mentir? E quem mandou eu correr?



Carol me faz esperá-la alguns minutos, mas logo surge na hamburgueria. Sua barriga está coberta por um vestido preto de alcinha que vai até seus joelhos e é apertado em todo corpo.

— Oi! Desculpa pelo atraso, eu me enrolei para conseguir calçar as botas. — Ela sorri colocando o cabelo loiro e ondulado para trás da orelha. — Sério, está sendo um inferno tentar colocar sapatos — ela geme e eu sorrio, acenando.

— Eu imagino que sim. Com uma barriga dessas eu também teria muita dificuldade — brinco e ela consente, esfregando a parte superior da barriga.

— Então, você é de onde?

— Rio — respondo antes de tomar um gole do milk-shake que pedi.

— Você veio para ficar mesmo ou...

— Vou embora daqui a alguns dias, na verdade — explico esfregando minhas mãos nas mangas do casaco. Estou morrendo de frio.

— Eu sempre morei por aqui. Nunca viajei para fora desse lugar. — Ela sorri contida e eu me inclino em sua direção.

— Se quiser passar uma temporada no Rio, vou amar te abrigar — eu ofereço de bom grado e seus olhos se arregalam em euforia.

— Sério?

— Claro. Meu apartamento é pequeno, mas eu amaria.

— Eu adoraria... — Seu sorriso murcha como se ela tivesse se lembrado de algo. — Mas depois que o bebê nascer não poderei sair daqui tão cedo. — Ela

engole em seco e eu arqueio a sobancelha.

— Por que não? Eu te ajudo a cuidar dele lá. Você não vai ficar sozinha...

— Não é por isso. — Carol encara seus dedos e depois sorri para mim. — O pai do bebê nunca me deixaria levar ele para longe.

— Ah. Entendo. — Eu murcho com a ideia também. — Faz muito tempo que trabalha com Rafael? — questiono tentando deixar minha curiosidade de lado.

O jeito que ele falou *nosso menino* ainda martela em minha cabeça.

— Sim. Seis anos, para ser exata. — Sua voz treme e o garçom chega para fazer nossos pedidos. Depois que ele vai embora, Carol bebe sua água rapidamente, tentando não me encarar.

— Não vou te perguntar nada. Relaxa — digo firme e seus olhos me encontram.

— Meu bebê é dele — ela afirma e eu respiro fundo. — Eu sou completamente apaixonada por aquele homem e eu sei que ele sente o mesmo por mim. — Seu queixo treme e seus olhos se enchem de lágrimas. — Só ficamos uma vez. Ele estava bêbado e foi até minha casa. Eu não suportei seus pedidos de beijos e fiquei com ele aquela noite. E ela resultou na criança que carrego em meu ventre. — Ela limpa seu rosto e sorri triste.

— Mas por qual motivo não estão juntos? — questiono sem entender.

— Ele é casado.

Capítulo 23



LORENA

Carol morde seu lábio enquanto eu permaneço calada.

— A esposa dele sofreu um acidente no dia em que ficamos pela primeira vez. Hoje ela é completamente dependente de outras pessoas. — Seu lábio continua sofrendo pelos seus dentes enquanto fala. — Não pense mal do Rafael. Ele é o melhor homem que já conheci. Foi só aquela noite e nunca mais nos tocamos. Ele nunca sequer pegou em minha barriga, pois eu não acho certo. — Ela suspira e fecha os olhos.

— Oh, Carol... eu nem sei o que falar. — Seguro sua mão e aperto seus dedos, tentando confortá-la.

— Na verdade, você continuar aqui sentada, depois do que falei, já é muito. Todo mundo se afastou de mim. Sou considerada como a amante do chefe, mas eu só o toquei uma vez. Nada além de respeito é o que demonstro na frente das pessoas, mas ainda assim sou vista como uma prostituta. Nunca quis isso. Quando Rafael acordou aquela manhã eu falei que não iria ser sua amante.

“Ele afirmou que iria terminar o casamento. Que a gente poderia ficar junto depois do divórcio. — Seus olhos correm para a porta e ela engole em seco. — Você avisou a ele que viria aqui? — sua pergunta é um lamento e eu nego com a cabeça.”

Assim que me viro vejo-o entrando com um homem ao seu lado. Rafael localiza Carol no momento em que seus olhos varrem o local. Seu rosto passa de sério para preocupado em questão de segundos.

— Seu rosto está todo manchado de lágrimas. Vem, me deixe ajudar. — Eu tiro um lenço umedecido da bolsa e limpo sua pele. Infelizmente, por ela ser muito branca, seu nariz e bochechas vermelhos denunciam seu choro.

— Obrigada. — Ela sorri e o garçom deixa nossos pedidos na mesa.

— Oh, Carol? — O garçom sorri para ela e quando ela o reconhece se ergue também sorrindo.

— Ramon. Quanto tempo. Já vim aqui outras vezes, mas nunca te vi. — Os dois se cumprimentam com um abraço e o rapaz vê a barriga proeminente dela.

— Um bebê, hein? — Ele estende a mão para a barriga dela, mas ela fica suspensa no ar. Eu me surpreendo ao perceber que Rafael está ao seu lado, segurando seu pulso com tanta força que a mão do homem está branca.

— Não toque nela. — A voz do meu chefe está tão diferente. Parece a do

meu Theo quando está furioso.

— Solte meu amigo, Rafael. Agora! — Carol ordena com as mãos fechadas em punhos. O pai do filho dela se afasta e o garçom sorri sem jeito para Carol e se desculpa.

— Não tem por que se desculpar. Foi bom te ver, Ramon. — Ele se retira e ela se senta, deixando Rafael em pé, desorientado.

— Desculpa — ela pede me olhando, e eu balanço a cabeça, descartando isso.

— Carol. — Rafael fica ao lado da mesa e me olha de relance, me dando um sorriso. — Precisamos conversar — ele anuncia, fazendo-a fechar os olhos e balançar a cabeça.

— Não estou no meu horário de trabalho e eu já deixei bem claro que é apenas das 7h às 16h que falo com você. Vai embora. — Sua voz é firme, bem diferente da voz de momentos atrás.

— Por que estava chorando? Está sentindo dor?

— Está vendo, Lorena? — ela fala comigo e eu arqueio a sobrancelha em questionamento. — Como eu consigo? Olha o que ele faz? É um monstro das cavernas em um momento e no outro preocupado. — Ela leva as mãos ao rosto e suspira. — Rafael, vá embora. Como diabos me encontrou aqui?

— Ele te rastreia — pela primeira vez a voz do outro homem surge e eu me viro para olhar para ele. Tão loiro quanto Theo. Senhor, que saudade do meu Starboy.

— Você o quê? — Ela se ergue enquanto Rafael encara o amigo com ódio.

— Cala a boca, Fabrício — ele ruge e eu olho para os lados, vendo que as pessoas estão começando a olhar para nós. — É para sua segurança — ele se justifica e eu suspiro. A novela só está começando.

— É isso que você repete para si mesmo para amenizar sua loucura? — ela sibila furiosa.

— Hum. Oi — uma quinta voz surge e uma negra com cabelos enrolados se senta na cadeira ao lado da minha. Ela pega as batatas do lanche da Carol e sorri para mim. — Você deve ser a Lorena — sua voz é baixa e eu quase não a escuto.

— Karen. Onde estava? — Carol pergunta voltando a sentar.

— Peguei trânsito. — Ela dá de ombros e Carol suspira.

— Lorena, essa é minha irmã, Karen.

— Irmã? Vocês são muito diferentes — murmuro de olhos arregalados.

— Pois é. — Elas sorriem.

— Karen, oi — Rafael a cumprimenta, sentando também enquanto o loiro senta na ponta da mesa, ao lado de Karen.

— Olá, Karen — Fabrício fala e ela boceja esfregando o rosto.

— Oi, meninos. Tchau, meninos. Hoje estamos tendo uma noite de meninas, então saiam daqui por aquela porta sem fazer barulho. — Ela nem sequer olha para eles ao falar isso, mas os rapazes logo se erguem e saem do lugar.

— UAU!

— Eles a respeitam. — Carol sorri e eu aceno, porque parece que sim.

— Então, eu menti. — Karen suspira. — Não foi o trânsito. Eu vi o Fabrício e fiquei meia hora lá fora. Vi toda a cena do mongoloide do Rafael.

— Karen! — Carol arqueja chocada e eu me acabo de rir com as duas discutindo.

— Ah, Carol, por favor, você sabe que... Desculpa, Lorena, eu sou louca por um loiro e o Fabrício está no meu radar há tanto tempo. — Suas bochechas coram e sua voz é superbaixa.

— Eu te entendo. Também sou louca por um loiro. — Pisco e sorrio ao me lembrar de Theo.

— Ah, você namora! — Carol afirma sorrindo e eu mordo meu lábio.

— Namorava, mas sabe quando você tem certeza que aquele relacionamento nunca morre? Sou eu e Theo. — Suspiro explicando e o resto da noite as duas me divertem e comemos o melhor sanduíche que comi na vida.

Duas semanas depois...

— Como os meninos estão? — questiono a Gabrielle vendo Nico brincando na sala e Luca sentado no colo da minha irmã, chupando seu dedo.

— Ótimos. Nico estava resfriado, mas já está melhor. — Ela sorri cheirando o cabelo de Luca e eu sinto meu coração apertar com saudade.

— Oi, Lorena! — Alícia aparece no fundo e eu sorrio para ela.

— Oi. Como estão os gêmeos? — questiono vendo um deles em seus braços.

— Estão bem. Obrigada. — Ela sorri, depois se retira e eu volto a falar com minha irmã.

— E a sua exposição? Já marcaram a data?

— Sim! Rafael ficou comigo até tarde ontem... — Minha voz animada cessa assim que vejo Theo entrar na casa e parar de andar ao me ouvir. — Theo.

— Lorena. — Ele acena e pega Luca dos braços da minha irmã, sumindo em seguida.

— Por que não me disse que ele estava aí? — pergunto mordendo meu lábio. Quando sinto o gosto metálico de sangue na boca, eu passo minha língua, tentando amenizar a dor.

— Ele chegou agora. Não estava aqui — ela se defende e eu suspiro, abraçando minhas pernas e deixando o notebook na mesa da cozinha.

— Ok.

— Vocês ainda não voltaram?

— Não. Eu acho que conversaremos quando eu voltar. — Dou de ombros fingindo não me importar, mas minha irmã suspira, sabendo muito bem como estou triste.

— Posso conversar com ele...

— Para quê? Eu pedi um tempo. Tudo bem, eu liguei para ele essa semana e ele não me atendeu, mas era tempo e espaço que eu pedi, não foi? Está tudo bem, mana, sério — murmuro tentando me concentrar em outra coisa que não seja Theo na casa da minha irmã com seus amigos.

— Eu acho que vocês deveriam parar com isso. É mais que dar o braço a torcer, Lorena, Theo está passando por um processo de guarda do filho, isso é muito para um cara que não tinha ninguém que dependesse dele dias atrás. — Gabby suspira e eu descanso minha cabeça em meus joelhos.

— Eu sei. E como anda o processo? — pergunto preocupada. Não tive muitas notícias dele depois da conversa ao celular semanas atrás. O máximo que nos falamos foi por mensagens.

— A audiência foi marcada para o mês que vem.

Eu aceno e me pergunto se já estarei em casa no dia da audiência. O mais provável é que sim.

— Minha exposição é daqui uma semana — aviso e ela sorri.

— Me passe a data certinho. Viajaremos para ir. — Ela bate palmas, alegre, e eu sorrio.

— Obrigada. Estou com saudades de vocês.

Gabrielle desliga depois que Kieran me dá um oi. Deixo meu notebook em cima da mesa e me afasto indo para a sala. A TV está ligada e quando coloco

no YouTube a voz de Sam Smith ecoa pela sala.

E quanto mais você me machuca, menos eu choro

A cada vez que você me deixa, mais rápido as lágrimas cessam^[2]

Essa música é tudo que eu queria ser. Queria ser boa em despedidas de verdade, queria poder parar de amar a cada vez que me machuco. Porém, eu sei que não é possível.

Mudo a canção e me deparo com Starboy, de The Weeknd. Sorrio pelo apelido que coloquei nele, mas vejo o quão diferente o cara da música é do Theo. Totalmente diferente.

Mudo a canção também e sorrio ao ouvir a voz de Bebe Rexha. Eu me ergo e deixo a música levar meu corpo.

You're sayin' that your tired of all your empty habits

(Você está dizendo que está cansado de todos os seus hábitos vazios)

You want something that's deeper

(Você quer algo mais profundo)

'cause you're over the generics

(porque está cansado dos genéricos)

You're fuckin' with them basics

(Você está fodendo com as básicas)

when you really want the baddest

(quando realmente quer as más)

So come on, baby, get it, 'cause to miss it

(Então venha, baby, me pegue, porque perder isso)

it would be tragic ^[3]

(seria trágico)

Caio sentada no sofá e suspiro ao ver que mesmo me sentindo feliz as lágrimas descem por meu rosto. O amor é uma grande merda. Ele te sufoca e te prende de uma maneira completamente insana. Amar é mais que complicado, é assustador.

Tomo banho e me arrumo rapidamente. Assim que termino de passar batom minha campainha toca e meu notebook começa a vibrar com chamada de vídeo.

Corro abrindo a porta para Carol. Vamos comprar algumas roupas para o bebê dela e alguns casacos para mim

— Oi! Fique à vontade. Vou atender uma chamada de vídeo — grito deixando-a parada na porta enquanto corro para a cozinha.

— Obrigada pela recepção calorosa! — ela grita rindo e eu me sento à mesa, atendendo a chamada. Nem mesmo olhei de quem era, mas quando encaro o homem do outro lado eu engulo em seco.

Theo esfrega os olhos e aperta o nariz enquanto tenta não olhar para mim.

— Minha irmã mandou você me ligar? — questiono piscando e tentando fazer minha voz soar firme.

— Não. Gabrielle manda em Kieran, não em mim — sua voz soa rouca e cansada.

— Como você está? — pergunto sentando na beirada da cadeira, tentando me aproximar mais. Em vão.

Meu peito dói de saudades dele. Theo me completa como nada no mundo. Seu sorriso, seu toque, seu corpo, tudo nele me faz sentir inteira. Eu o amo muito mais do que deveria.

— Bem — ele responde ainda sem olhar para a tela. Sua atenção está nas suas mãos.

— Por que me ligou, Theo? — questiono e sinto meu queixo tremer.

— Por que me ligou, Lorena?

— Vai devolver minhas perguntas? — pergunto bufando. Minha voz sai brincalhona, mas eu percebo que ele não está a fim de brincar comigo.

— Vai ficar me fazendo perguntas tolas? — Seus olhos me encontram e ele olha para mim. Seus olhos varrem meu rosto maquiado, e minha blusa e casaco por cima. — Engraçado... — Ele ri de lado, mas seu sorriso é cruel.

— O que é engraçado?

— Você, Lorena! Eu estou na merda completa e você aí pronta para sair no sábado à noite. Foda-se, não sei por que diabos te liguei — ele ruge enfurecido e eu abro e fecho a boca, tentando entender o que está acontecendo.

— Theo, eu não...

— Curta sua noite, Lorena. Essa porra acabou. — E ele desliga.

Não percebo as lágrimas descendo por meu rosto até que sinto os braços de Carol em volta de mim. Limpo meu rosto com força e sinto minha nova amiga se afastar.

— Quem ele pensa que é? Co-como pode me dizer isso? — questiono enquanto ligo de volta. — Ele vai me escutar.

Carol se senta na cadeira ficando atrás do notebook enquanto a ligação é completada. Quando penso que ele não vai atender, ele aparece.

— Lorena.

— Você não pode me ligar, ver que estou arrumada e sair tirando conclusões idiotas. Vou sair sim, com minha amiga grávida para fazer compras. Não ligo de sair e se eu quisesse sair e beber seria uma decisão minha. Você me machuca porque quer. — Limpo meu rosto e pisco. — Está ruim para você? Eu não sei, pois não estou aí, mas para mim está bem pior, porque estou sozinha numa cidade que não conheço com saudades do homem que eu amo, mas que mentiu para mim e escondeu que já comeu a minha amiga. Não me coloque como vilã dessa merda, eu já fui vilã, Theo, e você não quer que eu volte a ser na nossa história.

— Sabe por que não atendi suas ligações? — ele questiona ainda completamente calmo. Nem um pouco abalado pelo meu desabafo. — Porque eu estava com a Bea.

— Era mais fácil você ter apenas arrancado meu coração, Theo.

Desligo e limpo meu rosto novamente, me erguendo.

— Vamos, Carol — chamo pegando minha bolsa e indo em direção à porta.

— Acho que deveríamos ficar aqui e fazer a noite do pijama — Carol murmura, mas eu descarto sua ideia com um gesto de mão.

— Eu preciso de casacos. Aqui faz muito frio. — Tento sorrir, mas ela puxa minha mão e me faz sentar.

— Sério, Lorena. Vamos ficar aqui, tudo bem? Eu estou desejando comer brigadeiro e você pode fazer para mim. — Ela sorri e se deita no outro sofá. — Saiu uma nova temporada de TO podemos assistir. Quero dizer, você acompanha, né?

— Claro. Vou fazer o brigadeiro.

No final da noite eu e Carol estamos enroladas no sofá quase dormindo.

— Vocês se amam. — Ela boceja e se cobre mais ainda com o cobertor. — O tempo cura tudo, sabia?

— Sabia — suspiro e encaro o teto. — Você gostaria que o Rafael deixasse a mulher e ficasse com você?

— Não sei. Às vezes sim, mas na maioria eu não quero. Ela precisa mais dele do que eu.

Nós adormecemos em seguida.

Capítulo 24



THEO

Dias antes...

Era um dia chuvoso quando ela descobriu.

Eu estava lá.

Eu a vi chorando enquanto abraçava Thomas. Eu me odiei ao ver seu sofrimento, mas o que eu deveria fazer? Abrir mão do meu filho? Não mesmo.

— Ele é sua cara mesmo — Luca disse dias atrás quando o levei para ver Thomas.

Ele costuma brincar em um parque fora do condomínio em que mora. A mãe adotiva dele, Isabel, o levou até lá dias depois de saber que teria uma audiência de custódia. Eu fui com Luca e fiquei esperando, momentos depois, ele chegou com ela.

Meu celular toca em cima da mesa e eu tiro os olhos da tela do computador para ver o nome de Bea na tela. Eu a mandei me esperar hoje, pois iríamos sair juntos. Ainda não falei nada para ela, não a quero próxima da gente, mas eu sei que ela precisa ver nosso filho.

— Estou nervosa — ela diz assim que a pego em frente ao hotel. No celular apenas avisei que já estava saindo.

— Imagino que sim.

— Como o achou? — sua voz treme enquanto ela aperta o casaco velho quando já estamos chegando ao mesmo parque.

— Não importa — resmungo. Ela não precisa saber de nada disso. — Aqui. Assine. — Entrego o envelope com o símbolo do meu escritório de advocacia.

— O que é isso? — ela questiona abrindo.

— Só assine. Você sabe o que é.

— Quer que eu abra mão dele? — Seu rosto magro se vira e seus olhos focam em meu rosto.

— Você abriu mão dele há três anos. Não finja que se importa — reclamo estacionando.

— Theo...

— Assine, Beatrice. Se você tem algum resto de decência dentro de si, fará o que pedi.

— Por que me trouxe aqui, então? — Sua mão segura a caneta com força.

Quando a respondo nada além da verdade é dito.

— Porque eu quero que veja o que perdeu. O que me fez perder.

Abro a porta do carro e saio assim que ela começa a escrever seu nome. Eu me sento em um banco longe do parquinho de areia e sorrio quando vejo o cabelo loiro e longo do Thomas ao longe.

— É ele — afirmo para Bea. Ela se senta ao meu lado e abre os lábios ao vê-lo.

— Thomas — Bea suspira e sorri. — Ele não tem nada meu. É você completamente — seu sussurro é calmo e eu aceno, tentando impedir o sorriso ao vê-lo correndo.

Ficamos calados só o observando. Isabel está sentada à sua frente, sorrindo amavelmente para Thomas. Suspiro audivelmente e Beatrice me encara.

— A audiência foi marcada?

— Sim. Você assinou? — questiono mesmo sabendo que ela estava fazendo exatamente isso quando saí do carro.

— Sim. — Ela respira fundo e na olha de lado. — Não pelo que falou. Estou morrendo. Não quero nem que ele saiba que existo. Se um dia for falar de mim para ele, diga que morri...

— Bea...

— Sim, morri. — Ela aperta os dedos e me encara. — Sei que eu deveria sentir remorso, e eu tentei, mas a verdade é que eu não voltaria atrás. Não mudaria nada. — Engulo em seco e tento controlar a onda de ódio que começo a sentir. — Só falei para você dele, pois queria machucar Lorena. Se ela não estivesse do seu lado, tendo o que era meu, nunca teria contado. Nunca, Theo.

— Vá embora — rosno apertando meus dedos. Meus braços tremem e eu juro que se Bea fosse um homem ela estaria no chão, morta.

— Quando te vi no shopping eu queria contar da doença. Queria ajuda. Dinheiro. Não era para falar dele... — Ela se ergue e fica parada na minha frente. — Só queria ser sincera. Não doeu assinar aquele documento. Só consegui sentir alívio.

Ela se vira para ir embora, mas seguro seu braço.

— Eu te odeio — falo com toda a certeza do mundo e me aproximo mais. — Não vou deixar você na rua sem dinheiro ou teto, pois não desejo isso nem mesmo para a pessoa mais horrível do mundo. Me esqueça, Bea. Quando estiver

morrendo, mande alguém me ligar, pois sem um caixão eu também não a deixarei ser enterrada.

Beatrice nem pisca. Ela sorri e acena como se eu tivesse acabado de falar como o vento fica revoltado em uma tempestade.

Vejo-a entrar em um táxi e sumir da rua. E da minha vida.

— É você...

Eu me viro ao ouvir uma voz feminina falar comigo. Isabel me encara com os olhos esbugalhados e a boca entreaberta.

— Olá... — murmuro sem saber o que dizer.

— Ele é meu. — Seus olhos crescem furiosos e eu suspiro, colocando minhas mãos nos bolsos.

Thomas está aos seus pés. Ela segurando sua mão protetoramente. Os olhos dele se concentram em mim e eu sorrio, dando um passo em sua direção, infelizmente, isso só deixa Isabel com mais raiva.

— Não olhe para ele. Não fale com ele. Não se aproxime. — Ela aperta os dentes ao falar e eu esfrego meu rosto, tentando espantar a frustração.

— Isabel, eu não desejo te machucar... — tento deixar isso claro, mas sua voz me interrompe.

— Mas você está. Você não imagina o quanto está. — As lágrimas se formam e ela soluça, pegando Thomas do chão. — Não o tire de mim. Ele é tudo o que tenho...

— Não quero tirar ele de você. — Minha voz soa desesperada. — Isabel, podemos conversar. Você sempre poderá vê-lo. Podemos até compartilhar a guarda, eu não quero que ele sofra e muito menos você...

— Não! Não! Ele é meu! Onde estava quando ele era deixado em um orfanato? — sua voz aumenta, mas Thomas anuncia seu choro e ela se acalma, beijando seu rosto. — Thomas não precisa de você.

— Talvez não, mas eu preciso dele. — Olho para seu rosto franzido e aperto meu nariz. Ela parece estar sentindo dor. — Desculpe, Isabel. Esse não era meu desejo.

— Não faça isso...

— Me perdoe — peço dando um passo para trás. — Nos vemos no tribunal — murmuro e lhe dou as costas, indo embora.

— E então? — Estendo o celular e ela franze o rosto.

Deixo meus dedos prontos para o ataque enquanto ela coloca a mão no

queixo para pensar.

— Lindo! Isso que eu ia dizer.

— Como o pai dele, não é mesmo?

— Oh, Theo, você e seu cinismo! — ela grita se contorcendo de rir quando eu a ataco.

— Vamos, fale! — ordeno enquanto seus gritos ecoam do quarto para o corredor.

— Só vou falar uma vez, parem com isso! Os gêmeos estão dormindo! — a voz de Alícia soa e eu pulo da cama de Tina junto com ela, nos pondo de pé.

— Foi o Theo! — Valentina me dedura e eu aperto meus olhos. — O quê? Tenho que sair hoje. Não vou levar culpa e ficar em casa...

— Traíra e falsa. Que tipo de amiga você é?

— Dramático.

— Sim, sou só eu, né? — murmuro a fazendo revirar os olhos e cair na cama.

— Tudo bem. Thomas é lindo e muito parecido com você. Agora sai que vou me arrumar...

— Tomara que seu namorado te dê um bolo hoje...

— Vá à merda!

Eu me viro sério e seu rosto risonho se transforma em cauteloso em instantes.

— Desculpa. Foi sem querer.

— Que não se repita — continuo sério e ela engole em seco. — Pirralha.

Corro do quarto ouvindo seu bufo e desço para a sala.

— Você nunca vai ter o respeito dela agindo como amigo num segundo e irmão mais velho no outro — Luca resmunga sentado no sofá com Felipe.

Os dois brincam no Xbox e eu me sento junto para brincar também.

— Olha quem fala. — Reviro os olhos e Alícia ri dele da cozinha.

Passo a tarde com eles e no final do dia volto para casa.

Dias atuais...

Jogo o computador em cima do sofá de Gabby e me ergo, correndo porta afora.

— Theo? — Alícia murmura quando passo por ela e Gabby.

— Vocês precisam parar com isso. Vocês se gostam. Precisam conversar... — a minha ex-cunhada murmura me fazendo parar.

— Nós não conseguimos conversar. Nunca conseguimos. Sempre vai ser essa queda de braço. Eu estou levantando a bandeira branca, Gabby. Eu quero paz...

— Você? — Lili resmunga e eu fecho meus olhos. — Será que amar é tão difícil assim? Se erga, Theo, conquiste a guarda do seu filho e vá buscar sua mulher. Não tente se depreciar, você é mais forte que todos aqui nessa casa.

Ela me descarta com a mão e eu suspiro, me afastando.

Quando chego em casa, eu tento ligar para Lorena, mas seu celular só dá desligado e nas redes sociais ela está offline.

No dia seguinte eu vou para o escritório e trabalho o dia inteiro. Penso em ir ao parque ver Thomas, mas não quero confrontar Isabel. Só preciso conversar com ela e explicar que não quero roubar Thomas.

— Está tudo bem? — minha mãe questiona quando chego em sua casa à noite.

— Sim, só vou dormir aqui hoje, ok? — Beijo sua testa e ela acena. Subo as escadas e suspiro, fechando a porta do meu quarto.

Meus olhos localizam a cama e eu reprimo a lembrança de Lorena no meio dela no Ano Novo. Meu celular toca e eu o pego no bolso da minha calça. O número desconhecido me faz querer não atender, mas mesmo assim deslizo meu dedo pela tela e atendo.

— Alô? — resmungo colocando minha maleta na cama.

— Theo? Uh, é a Isabel. — Ela suspira no fundo e eu paro de me mover.

— Oh. Isabel, tudo bem? — Franzo as sobrancelhas sem entender bem o que está acontecendo.

— Tudo... eu só... — ela se cala e eu escuto outra voz ao fundo. — Meu marido quer que nos encontremos. Para conversar.

Fico por um momento calado tentando entender a sua súbita mudança, mas constato que a culpa deve ser do marido.

— Claro. É só me falar onde e quando. Estarei lá.

— Amanhã. Thomas vai ficar com a babá e podemos tomar um café antes do trabalho. Te mando o endereço por SMS.

— Por mim ok. — Ela desliga e eu me sento na cama descansando meus cotovelos nos joelhos. Puxo os meus cabelos e tento respirar fundo.

O que está acontecendo comigo? Eu estou vendo minha vida de fora, como se faltasse algo. Eu me sinto como um quebra-cabeça faltando uma peça que foi perdida e fez o desenho ficar incompleto. Inacabado.

Olho para a tela do celular enquanto luto entre ligar ou não para Lorena, mas meu coração vence e eu me vejo de olhos fechados, clamando para que ela me atenda.

— Aconteceu alguma coisa? — a voz dela está cansada e eu ergo meus olhos vendo seu rosto com respingos de tinta.

— Muitas, mas não liguei por isso — respondo me deitando. Afofo o travesseiro e relaxo. — Estava pintando?

— Sim, como sabe? — Ela franze as sobrancelhas e eu sorrio.

— Você tem tinta em todo rosto.

— Ah, merda! — Ela se mexe e em segundos está no banheiro, limpando o rosto com um lenço.

— Estava linda do mesmo jeito — deixo escapar e vejo suas bochechas corarem.

— Não sei por que está fazendo isso, mas... — ela para de falar quando sua campainha soa. — Da última vez que me ligou, você me machucou — Lore finaliza e eu suspiro.

— Eu sei. E peço desculpas... — Ela se movimenta novamente e abre a porta depois que me pede um segundo.

— Ei! — a voz de um homem soa e eu me sento na cama para ouvir o que diabos um homem está fazendo na casa dela a esse horário.

— Oh, Fabrício, não é? — Ela olha para mim na tela e eu arqueio a sobrancelha. — Daqui a pouco eu te ligo — ela sussurra e eu fico calado, apenas a encarando. — Theo! — ela berra frustrada.

— Se desligar essa merda, vai ser pior para você, Lorena.

Ela engole em seco e sua língua lambe seu lábio seco.

— Fabrício, eu estou conversando com meu Theo por vídeo chamada, isso vai ser estranho, mas... Theo, esse é o Fabrício, um amigo do meu chefe. — Ela vira o celular para a porta e eu encaro o homem loiro.

— Oh, cara. Beleza? — Ele acena elevando a mão.

— Depende do que você está fazendo na casa dela a esse horário — murmuro completamente sério.

— Theo...

— Não precisa ter ciúmes, eu só vim avisar que Rafael está aqui no hall

querendo falar com a Carol. E como sua namorada é amiga da Carol... enfim, já dei meu recado.

— Carol foi para a casa dos pais hoje de manhã — Lorena avisa.

— Ah, tudo bem. Vou dar um jeito de levar ele para casa. — Fabrício se vira e vai embora, me fazendo respirar fundo.

— E o prêmio de ciumento do ano vai para... — Ergo minha cabeça ao ouvir a voz de Ricardo.

— Vai se foder! Fecha a porta! — grito jogando uma almofada nele.

Escuto a risada de Lorena e volto a olhar para ela.

— Ele está certo, sabe?

— Oh, é mesmo? — Reviro os olhos e ela sorri de forma mais contida.

— Você...

— Eu o quê?

— O que estava fazendo com Bea quando não me atendeu dias atrás? — Lorena questiona sentada no sofá enquanto morde seu lábio.

Capítulo 25



LORENA

— Estava em um parque. Levei ela para conhecer Thomas. — Theo esfrega seus olhos enquanto eu olho para qualquer lugar, menos para a tela do celular.

— E como ela reagiu? Como você se sentiu vendo o filho de vocês? — as palavras saem da minha boca de modo automático e eu vejo a surpresa em seu rosto ao me encarar e enxergar minha dor.

Não tento esconder isso. É a verdade. Dói saber que ela tem um filho dele.

— Digamos que ela deixou claro que só me falou dele por sua causa — ele começa e eu franzo as sobrancelhas.

— Minha causa?

— Sim, ela queria nos separar. Palavras dela. — Ele respira fundo e eu sinto sua agonia mesmo estando a milhares de quilômetros de distância. — Eu pedi que ela abrisse mão de qualquer coisa referente ao Thomas e ela assinou o acordo sem titubear.

— Jesus...

— Eu estou aliviado. Sério, eu me sinto bem por meu filho não precisar conviver com ela. O pior de tudo... — Theo pisca as lágrimas e eu mordo meu lábio com força. — Ela disse que não se arrepende. Ela o tirou de mim e não se arrepende. Ela deu uma criança que cresceu dentro dela e não tem remorso algum...

— Oh, Theo...

— Eu estou aliviado, amor. — Minha barriga gela quando ele me chama assim.

— Eu imagino que sim. Vai ficar tudo bem, ouviu? Logo ele estará aí contigo — afirmo convicta, pois eu sei que é isso que vai acontecer.

— Isabel, a mãe adotiva dele, ligou marcando um encontro amanhã. Quero deixar claro que não vou privar o contato do Thomas com eles. Eu dei a ideia até de compartilharmos a guarda...

— Não se preocupe. Amanhã eles vão conhecer mais seu coração gigante. Não há homem no mundo mais bondoso que você, amor. — Devolvo o carinho e ele sorri.

— Às vezes eu penso que estamos forçando um término que não existe.

Você percebe isso? — Ele coça a barba por fazer e eu engulo em seco. — Estamos aqui, Lorena, eu e você. Conversando e dando explicações um para o outro. Amando e nos preocupando um com o outro.

— Eu nunca vou deixar de ser sua...

— E eu nunca deixarei de ser seu.

Eu sorrio e sinto minha barriga congelar por inteiro. Esse homem é meu calcanhar de Aquiles. Minha maior fraqueza.

— Eu te amo, Medusa.

— Eu te amo, Starboy.



THEO

Na manhã seguinte eu chego ao café mais cedo que o previsto. Não consegui dormir depois de falar com Lorena. Porra, essa distância entre nós me machuca cada dia a mais. Não perguntei quando ela volta e etc., pois não quero pressioná-la.

Mexo o café fumegante e assopro um pouco antes de sorver um gole. A bebida me ajuda a despertar mais um pouco, infelizmente ela não melhora em nada meu rosto cansado.

— Uh, Theo. — Eu me viro e vejo Isabel com um sorriso tenso no rosto. Observo o homem atrás dela e constato que deve ser seu marido.

— Olá! Bom dia! — Eu me ergo e os dois se sentam junto comigo.

— Prazer, Theo, sou Sérgio. — O homem sorri e estende a mão para mim, que a pego e aperto com firmeza.

— O prazer é meu.

O garçom chega e os dois pedem café com leite e um pedaço de bolo. Assim que o jovem se afasta eu engulo em seco e sorrio fraco para Sérgio.

— Sei que minha mulher se exaltou quando se conheceram e você há de concordar que ela tem o direito. Ela é mãe e qualquer uma que se sente ameaçada agiria de maneira pouco sensata. — Sérgio começa respirando fundo e eu sorrio acenando. Isabel contorce as mãos em cima da mesa e eu suspiro. Não a culpo por se sentir ameaçada.

— Eu entendo. Não a julgo de maneira nenhuma. — Aperto minha xícara e encaro os dois. — Eu não sabia que Thomas existia há alguns dias. Tive um romance com uma menina e ela engravidou, mas eu não sabia. Ela nunca me procurou... Enfim, quando o Thomas nasceu ela o deixou em frente àquele orfanato. — Pressiono minha têmpora, tentando me acalmar. — Ela só me contou isso há pouco tempo, então eu o procurei. E o encontrei. Não acho que vocês sejam pais ruins, de maneira alguma, eu vi o quanto Isabel ama meu filho, ela é cuidadosa...

— Não preciso da sua aceitação... — Sua frase arisca me faz parar de falar.

— Isabel — o marido resmunga e ela se cala.

— Sei que não, e de verdade, vocês não precisam mesmo. Só quero deixar claro que Thomas é meu filho, e não, eu não sabia da existência dele, mas agora eu sei e não medirei esforços para ter ele comigo.

— Você está vendo? — Isabel murmura para o marido e ele olha para ela. — Ele quer tomar nosso filho...

— Meu filho. Ele é meu, tem meu sangue — eu a interrompo começando a me irritar com essa mulher.

— Você acha que porque seu sangue corre pelas veias dele, você é pai? Por favor...

— Não vou admitir seus insultos. Vocês já foram intimados para a audiência e Deus sabe que eu não quero fazer ninguém sofrer, mas se para isso eu tiver meu filho como resultado, não me subestimem, eu farei.

— Pesquisei sobre você. Achei estranho o fato de o processo correr tão rapidamente... — Ela sorri de lado, cruel. — Seu pai é poderoso e ele pode muito bem ganhar a causa com apenas uma piscadela para o juiz...

— Não admito que fale do meu pai...

— Sabemos que vocês são importantes, Theo — Sérgio comenta cansado.

— Não nego. Meu pai é muito conhecido.

— Por que quer tirar Thomas da gente? — Isabel me corta novamente e eu aperto meus punhos.

— Eu...

— Você tem esposa? Uma namorada? — Ela arqueia a sobrancelha e eu franzo as sobrancelhas.

— Tenho uma mulher que amo — respondo, mesmo não entendendo

aonde quer chegar.

— Ela poderá te dar diversos filhos. Você vai poder ter quantos filhos quiser...

— O que...

— Nós não. Thomas é tudo que temos. Eu sou infértil. Nunca poderei dar outro bebê para meu marido ou enfrentar mais um processo de adoção... podemos te dar dinheiro...

— Você está fora de si. Não vou levar em consideração o que acabou de propor. — Jogo notas na mesa para pagar minha conta. — Não quero tirar Thomas de vocês. Poderão vê-lo quando quiser. Fins de semana, férias, o que quiserem, mas não desistirei do meu filho. — Eu encaro Isabel, que treme de raiva, e Sérgio, que suspira segurando a mão da esposa com força.

Eu me levanto pronto para ir embora. Vir aqui não adiantou de nada.

— Theo, desculpe. — Eu me surpreendo quando as palavras saem da boca de Isabel. — Eu só estou apavorada.

Ela tenta em vão controlar a emoção, mas as lágrimas se formam e ela desaba em soluços. Volto a me sentar e me inclino para ela segurando sua mão.

Isabel não é uma mulher fácil de lidar, mas por meu filho eu tentei. Vê-la dessa maneira acaba comigo, pois mesmo que eu nunca tenha tocado no Thomas, imaginar alguém o levando para longe me quebra.

— Eu prometo que eu nunca, jamais, deixarei ele longe de vocês. Poderão ir à minha casa quando quiserem, ele poderá ir para a de vocês. A guarda compartilhada seria ótimo para nós.

— Nós queremos — Sérgio anuncia e eu o encaro em choque. — Abriremos mão da guarda dele, mas você precisa cumprir com as promessas que fez. — Ele engole em seco e suas lágrimas se formam.

— Não sei o que dizer — murmuro desnortado.

Olho para os rostos dos dois, mas paro no de Isabel. As lágrimas ainda estão por suas bochechas, e seu queixo treme involuntariamente. Sérgio beija a cabeça dela e eu vejo o quanto essa decisão a rasga por dentro.

— Cumpra o que prometeu e não tire minha vida de mim. — Isabel se ergue e seu marido a acompanha.

— Não tirarei, eu prometo.

Os dois vão embora e eu fico sentado, sem entender como isso aconteceu. Minhas próprias lágrimas surgem e eu sorrio ao imaginar meu filho comigo.

Assim que chego em casa, ainda aos prantos, puxo meu telefone do bolso e ligo para a única pessoa no mundo para quem quero dar a notícia agora mesmo.

— Ei! — Lorena aparece na tela novamente suja de tinta e eu sorrio. — Oh, você está... chorando? — Seu rosto sorridente se enche de preocupação e eu sorrio.

— De felicidade. Eles aceitaram a guarda compartilhada, eles abrirão mão da briga na justiça — informo tentando sorrir menos. Nunca me senti tão feliz.

— Oh, meu Deus! Theo, que maravilha! — ela grita, sua mão bate em algo e tinta respinga em sua camiseta branca. — Caralho! — Ela pula e gargalha.

— Meu Deus, você está muito linda toda suja de tinta... — Suas bochechas coram e eu sei muito bem que não é apenas pelo meu elogio.

— Theo...

— Uma pincelada entre seus seios, hein? — sussurro arqueando a sobrancelha e ela fecha os olhos. — Porra, eu preciso disso, baby. Vamos lá!

— O quê?! — ela arqueja horrorizada e eu tiro minha camiseta. — Não vou transar por telefone, Theo! — ela grita e eu sorrio.

— Tire sua calça, baby — minha voz começa a ficar rouca só em imaginar suas pernas grossas nuas.

— Merda — ela geme e eu a vejo se movimentar. Quando ela deixa o celular em algum lugar que me dá a visão da sua cama, eu estremeço. — Se você quer uma menina má, agora você tem — sua voz soa como gemidos em algum lugar, mas não consigo ver.

Porra, não são nem dez da manhã e eu estou duro feito pedra.

— Onde você está? Vamos, eu quero te ver...

As palavras são engolidas assim que meus olhos a veem. Seu quadril largo e cintura fina me fazem suspirar, mas não é isso que faz meu tesão aumentar. Ela está nua. Completamente. Entre seus seios há uma pincelada de tinta na cor vermelho-sangue. Seus seios grandes saltam a cada passo que ela dá e eu sinto uma vontade quase insana de morder seus mamilos.

— Porra, Medusa... — resmungo quando ela para em frente ao celular e eu vejo sua boceta.

— O quê? Eu nem comecei ainda.

Lorena senta na cama e devagar deita, me dando uma visão privilegiada.

— Abra as pernas e me deixe ver o que é meu, Lore.

Vejo suas coxas tremerem, enquanto ela faz o que mando. Desço minha calça e minha cueca e seguro meu pau entre meus dedos. Porra, nem de longe minha mão se assemelha a estar dentro do corpo delicioso dela.

— Você é uma menina má, Lorena

— Você sempre soube que eu era — ela geme e eu me junto à lamúria quando sua mão desce e começa a tocar o meio das suas pernas enquanto a outra toca seus seios. — E sempre pediu por isso.

E, caralho, ela estava certa.

Capítulo 26



LORENA

Dias depois...

Depois de conferir meu batom mais uma vez, me recosto à pia do banheiro e suspiro. Está tudo bem. Vai ser magnífico! Encaro o espelho e encontro meus olhos amedrontados. Dane-se que ele não pode vir. Você já é bem grandinha.

— Tudo bem — murmuro para mim mesma e saio para o salão, que começa a encher de gente. Eu me surpreendo quando vejo a fila de gente do lado de fora. Oh, Deus...

— Um sucesso como você! — Rafael murmura ao meu lado enquanto olho para Carol, na recepção, sorrindo amplamente para as pessoas. Quando seus olhos encontram os meus, ela me mostra o dedo para cima e sorri enormemente.

— Obrigada. — Sorrio para ele e cruzo os dedos para minha nova amiga. Carol entrou em meu mundo e me fez desejar ter mais amigas. Ela é leal e me faz sorrir muito.

Meu sorriso se multiplica quando vejo Nico correndo em minha direção. Gabrielle sorri ao lado de Kieran, que segura Luca em seus braços, enquanto caminham para mim.

— Tia Lore! — ele grita chamando atenção enquanto pula em meu colo. Eu cheiro seu pescoço, tentando matar a saudade.

— Nico, vai amassar o vestido da sua tia — Gabrielle reclama e ele ofega, percebendo que cometeu alguma coisa errada.

— Não há problema. Meu Deus, garotinho, como senti sua falta. — Eu o abraço mais apertado.

— Oh, tia, você tá me *pertando*...

Eu sorrio e me afasto dele, o colocando no chão em seguida. Abraço Gabrielle, tentando não desarrumar seu vestido longo e sedoso. Kieran olha para os lados e depois volta seus olhos para Gabby, como se procurasse algum possível observador da sua esposa. Isso me faz rir e ele, é claro, percebe.

— Só observando.

— Sei. — Abraço meu cunhado também e nos afastamos. Pego Luca de seus braços e sorrio para seus olhos atentos. — O hotel em que estão é bom mesmo? Tentei ir lá assim que chegaram, mas tive que arrumar alguns quadros — explico dando de ombros, e minha irmã balança a mão, descartando minhas

desculpas.

— É maravilhoso...

— Eu deveria ter trazido a Márcia, assim poderíamos aproveitar alguns lugares... — Kieran fala sem vergonha alguma e minha irmã cora ao lhe dar um beliscão. — Droga, Algodão Doce, sua irmã também transa, sabia?

— Mas seu filho não! — ela diz entre dentes e nós olhamos para Nico, observando seu pai.

— Desculpe.

Meu sorriso de escárnio morre lentamente quando olho para Carol. Ela conversa com um homem loiro e alto, penso que deve ser Filipe, mas quando ele se vira e eu vejo o sorriso que mais amo no mundo, tenho certeza que não é o amigo do Rafael.

É Theo.

Ele caminha em minha direção, fechando um dos botões do terno, e eu engulo em seco. Seu sorriso de canto me faz arder sob a seda do vestido caro. Sua covinha aparece e eu tento inutilmente esconder o efeito que esse homem causa em mim.

— Medusa... — Ele chega à minha frente e se inclina ainda com os lábios esticados. Tremo inteira quando sua boca toca meu lóbulo e sua língua o lambe devagar. — Gostaria de colocar uma placa em você nesse momento...

— E o que teria escrito nela? — minhas palavras são sussurradas e parecem gemidos incontrolados.

— Eu sou dele.

Engulo em seco e ele se afasta. Seu rosto sereno me faz odiar ser controlada por apenas três palavras tão facilmente.

— O que não deixa de ser verdade.

Ele se inclina novamente, mas é em minha boca que seus lábios tocam. Minhas mãos sobem para seu peito e eu me contorço para que ele tenha total acesso. Sua língua desliza para dentro da minha boca e eu a chupo, sentindo um gosto de menta que só quando está em sua boca me faz achar o sabor mais delicioso do mundo.

— Procurem um quarto! — Kieran resmunga passando por nós. Eu me afasto de Theo e vejo minha irmã rir e levar os filhos para longe. Carol, na recepção, me dá um sorriso gigante, fecha o punho e o desce me encorajando. Oh, Deus... Eu me viro e vejo Rafael, o único que não está me olhando, pois seus olhos estão em Carol.

— Você disse que não poderia vir...

— Surpresa, amor. — Ele morde meu lábio inferior e eu derreto ao seu redor.

— Eu te amo.

— Oh, baby, eu te amo mais. Muito mais.

Minha exposição foi um verdadeiro sucesso. Não sei como, mas vendi todos os quadros expostos. Vi pessoas encantadas e eu me senti orgulhosa de mim mesma depois de muito tempo. Mas nada foi mais gratificante que ver minha irmã irradiando orgulho e paixão cada vez que alguém comentava perto dela o quanto os quadros estavam deslumbrantes ou o quão talentosa a pintora era.

— Tenho uma surpresa para você — Theo fala assim que entramos em meu carro, depois de jantarmos com Gabrielle e seus meninos.

— Sêrio? — Arregalo os olhos sem conseguir entender como ele pode ter uma surpresa para mim, se estamos tão longe de casa. — O que é?

— Você vai ver...

Porém, eu não imaginava isso. Nem em um milhão de anos.

O campo aberto coberto de dentes de leão me faz ofegar. Viro, vendo as luzes de duas estradas nas laterais da plantação, que me deixam enxergar com clareza a beleza das flores que mais amo no mundo.

— Eu procurei um lugar que você amaria, e eu encontrei esse — Theo murmura e eu me viro completamente fascinada. Mas arregalo os olhos e surpresa me invade novamente, ao vê-lo de joelhos. — Eu te amo. A distância e o tempo longe me mostraram que nunca vou querer outra pessoa para dividir o futuro comigo. Tenho plena certeza que quero passar minha vida inteira com você. Eu não pediria para casar comigo se não soubesse o quanto me ama... — sua voz falha e ele suspira. — Case comigo.

— Theo...

— Eu gosto de uma menina má, alias. — Ele sobe os ombros, sorrindo tenso. — Você. Sempre você.

— Não tenho certeza se alguém, em sã consciência, diria não a um pedido desse — resmungo rindo e limpo meu rosto molhado. — Caramba, Starboy, você se superou. Eu te amo. — Ele arqueia a sobrancelha e eu me inclino, sorrindo amplamente. — Isso com certeza é a porra de um sonoro sim! — eu grito dando pulinhos e ele se ergue, me levantando do chão.

— Caralho, você é minha noiva. — Ele ri colocando o anel e meus lábios tremem com a visão do rubi pequeno em cima da argola de ouro.

— Theo, que lindo...

— Como você, única, sedutora e misteriosa.

Seus olhos me adoram e eu perco o fôlego ao perceber que sim, eu também tenho meu final feliz. E é ele.

Sempre será Theo.

— Vamos para casa, baby. Precisamos transar como noivos e, caralho, faz tanto tempo que não sinto você...

— Ok. Casa. Agora — afirmo séria e corro para o carro.

Theo não perde tempo quando chegamos em casa. Meu vestido some em alguns segundos e seus dedos desfazem o coque solto, fazendo meu cabelo longo cair em minhas costas. Seguro meus seios enquanto me viro para ele depois de sair do vestido embolado aos meus pés.

Theo sorri ao colocar seu celular no criado-mudo enquanto uma canção de Shawn Mendes ecoa pelo quarto.

— Nunca imaginei me apaixonar por você — Theo murmura me puxando pela cintura e beijando minha clavícula. — *Eu não ligo para o que eles dizem sobre você, baby. Eles não sabem pelo que você passou. Confie em mim. Eu poderia ser aquele que te trata como uma dama. Deixe-me ver o que está por baixo. Tudo que eu preciso é você* — Theo acompanha a letra da música em inglês, cantando em meu ouvido. Meu coração troveja e as batidas fazem dor se espalhar.

Eu me afasto um pouco e ele me encara completamente sério.

— Eu te amo. Não me importo com ninguém. Nem no começo e nem agora. Tudo que eu quero é você. Nada mais.

— Theo... — tento formular algo, mas minha garganta fecha e ele coloca seus dedos sobre meus lábios.

— Qualquer um que se levantar contra nós vai cair. Eu vou derrubar, não importa quem seja — ele suspira e coloca meus cabelos atrás da orelha. — Não ligo para o seu passado, ele ficou lá. Agora você é minha, Lorena, e Deus sabe que nunca vou deixar que saia de perto de mim novamente.

— Eu não quero sair.

Sua boca é suave quando toca a minha.

Seu corpo se mexe suavemente quando fazemos amor.

Suas palavras são sussurradas e, pela primeira vez, em um longo tempo,

eu me sinto adorada.

Theo adormece e eu me aconchego em seus braços, encarando minha aliança. Deus, eu estou noiva. Vou me casar...

Imagino meu casamento e mal percebo o sorriso enorme em meu rosto. Imagino o rosto do Theo ao me ver entrar na igreja e suspiro apaixonada, porém o momento dura apenas um segundo. Quem vai me levar para o altar?

Meu corpo fica tenso e eu fecho meus olhos, tentando deixar isso de lado. Kieran pode me levar. É, tenho certeza que ele me leva.

Eu adormeço, mas a inquietude sobre isso me faz dormir preocupada.

— Eu não sei por que precisa ir embora. — Carol suspira na segunda de manhã. Seu nariz está vermelho e eu sorrio, vendo-a limpar as lágrimas.

— Porque era temporário, e porque tenho um casamento para organizar — explico balançando meus dedos na frente do meu rosto. Seus olhos crescem e ela começa a gritar.

— Oh, meu Deus!

— O que foi? Está sentindo dor? — Rafael desce as escadas com a cara em pânico total e eu abro e fecho a boca, sem saber o que dizer.

— Não estou, não! Lorena vai casar! — ela grita e as pessoas ao redor começam a fazer um “aeee” superfeliz.

Olho para minha amiga e seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Ignore isso. Meus hormônios estão demoníacos.

— Amiga, você pode ir me ver quando o bebê nascer. Juro que vai amar o Rio e tem caras lindos lá...

— Ela não vai — Rafael rosna ao meu lado e eu semicerro os olhos para ele.

— Deixe-a viver, Rafael, você não prende o que não é seu — murmuro calma. Ele engole em seco e suspira.

— Obrigado e parabéns pela exposição. Estou às ordens para o que precisar. — Ele se vira e sobe as escadas, indo para seu escritório.

Olho para Carol e ela sorri tensa. Abraço-a e ela respira fundo, tentando se acalmar, em vão, pois escuto um pequeno soluço sair por seus lábios.

— Eu vou. Sabe, quando o bebê nascer eu vou esperar alguns meses e irei. Novos ares, né? — Ela sorri em meio ao choro e eu beijo seus cabelos.

— Isso, novos ares.

Eu me despeço dela e dos outros funcionários em questão de horas. Quando volto para meu apartamento, Theo já está com nossas malas na sala. Não esperei Theo pedir para que eu voltasse (o que ele iria fazer, tenho certeza), eu mesma lhe disse que voltaria na segunda com ele.

— Me poupa bastante tempo — foi o que ele respondeu.

— Vamos? — Ele beija minha têmpora e eu aceno.

Gabrielle e os meninos voltaram ontem mesmo, mas Theo ficou e aproveitou o domingo para fazermos compras. Saímos de casa e quando desembarco do táxi em frente ao aeroporto começo a tremer.

— Ei! — Theo segura meu braço e me faz ficar de frente para ele. — Vai ficar tudo bem. Eu juro. — Eu aceno e deixo que ele me guie pelas pessoas.

Quando passamos do portão de embarque eu começo a querer voltar. Olho para o avião enorme e tento respirar calmamente.

— Você é maior que isso. Nós dois somos — meu noivo afirma e me puxa contra seu corpo.

— Eu sei. — Respiro diversas vezes e, quando enfim consigo subir as escadas para embarcar, já estou completamente calma.

Eu me sento ao seu lado e ele me entrega um comprimido. Sorrio para seu rosto e engulo a pílula com água que ele também me oferece. Sua mão procura a minha e Theo a aperta enquanto eu descanso minha cabeça em seu ombro. Ele se afasta e eu rio ao vê-lo tirar uma almofada para o pescoço da mochila com o nome da música do The Weeknd. Starboy.

— Amo você, Medusa.

— Eu gosto, um pouquinho só, de você, Starboy.

Ele faz cosquinhas em minha barriga e quando para começa a me mostrar várias fotos do Thomas. Olho para seu rosto e vejo o tamanho da adoração que ele tem por esse menino.

— Sabe... — começo bocejando e ele arqueia a sobrancelha. — Eu vou ser tipo mãe do Thomy, não é? — Eu sinto minhas bochechas corando, mas o sorriso que Theo me dá me faz esquecer isso imediatamente.

— Meu Deus... — ele suspira e beija meus lábios. — Sim, amor. E eu sei que ele vai te amar do mesmo jeito que eu te amo — Theo murmura e eu sorrio.

— E eu vou amá-lo tanto quanto amo o pai dele.

Capítulo 27



THEO

Dois meses depois...

Eu não os vejo chegando. Mas quando Lorena se levanta do banco e puxa minha mão, eu elevo a cabeça. Isabel e Sérgio estão com Thomas caminhando em nossa direção.

Lorena se abaixa na altura de Thomas e ele corre para seus braços com um imenso sorriso no rosto. Meu peito se enche de felicidade ao ver a interação dos dois.

— Isabel, como vai? — questiono abraçando-a e pegando a mão do marido em seguida. — Sérgio.

— Ótima. Thomas escolheu as roupas de hoje, então você já sabe, está uma bagunça. — Ela ri e Sérgio a acompanha, me entregando a mochila do Thomas.

— Percebi. — Eu sorrio e volto a olhar para Lorena e meu filho.

Junto a Isabel e Sérgio, eu e Lorena decidimos ir devagar com Thomas. Só ficamos com ele aos fins de semana. Nas semanas seguintes a Isabel e Sérgio decidirem nos entregar a guarda de Thomas, passei a vê-lo no parque e me aproximar aos poucos. É claro, juntamente com Lorena. Foi algo gradual e com bastante conversa e acompanhamento com a psicóloga — o que ele continua tendo — tudo está se encaixando.

— Papai Theo! — Ele agarra minhas pernas e eu o coloco no colo.

— E aí? Ansioso para dormir conosco hoje? — questiono fazendo cosquinhas em sua barriga. Hoje é o primeiro fim de semana que ele irá para nossa casa.

Lorena e eu estamos morando juntos em meu apartamento e ela decorou meu quarto de hóspedes para Thomas. Ela se empenhou tanto e eu vejo que Thomy a ganhou completamente.

— Sim! Mamãe Lore disse que eu tenho um quarto só meu. — Seus olhos verdes brilham e eu aceno sorrindo.

— Sim, você tem e lá tem vários brinquedos muito legais. — Lorena beija sua bochecha e eu enrolo uma mecha do seu cabelo em meu dedo.

— Sua mamãe Lorena tem uma surpresa para você também — murmuro em seu ouvido, e ele arregala os olhos, virando-se para ela.

— Em casa eu conto. — Ela pisca e eu rio do rosto do Thomas tão

ansioso. — Se despeça dos seus pais. — Ela acena para Isabel e Sérgio, e Thomas desce do meu colo rapidamente.

Dou tchau a eles e vou em direção ao meu carro levando Thomas nos ombros. Lorena ri com ele quando pulo da calçada. Eu o sento na cadeirinha e ele começa a contar tudo que fez na creche hoje. Seu aniversário de três anos é mês que vem, então Lorena e Isabel estão organizando uma festa para ele. Mas é surpresa. Se tem uma coisa que meu filho é... é muito ansioso. Sua desenvoltura e inteligência também são algo pouco comum, mas que me enche de orgulho.

Lorena vai o caminho inteiro estimulando-o a conversar e eu seguro seus dedos apertado, querendo entender como a menina de anos atrás se transformou na minha noiva e nessa mãe tão amorosa para com nosso filho.

Como ela se transformou na mulher que mais amo no mundo.

Assim que entramos em casa Thomas se agarra a Lorena enquanto andamos para seu quarto. Abro a porta e sorrio quando ele pula dos braços dela e anda pelo cômodo grande.

— Pai... Muito obrigado! — Ele sobe na cama e começa a pular. Seus olhos localizam os brinquedos que Lorena passou horas escolhendo e ele se esquece de nós completamente.

— De nada! Vou estar na sala escolhendo algum filme para a gente assistir — aviso e puxo Lorena para fora do quarto.

— Ele amou! — Ela sorri e pula em meus braços.

Seus cabelos longos tocam em meu braço que agarra sua cintura e eu suspiro, olhando para seu rosto suave. Eu me inclino em sua direção e beijo suavemente seus lábios.

— Você é incrível — murmuro contra sua boca e ela sorri.

— Pelos homens da minha vida, eu sou mesmo. — Ela dá de ombros e eu mordo sua bochecha. — Ai!

— Vamos escolher o filme e fazer pipoca — chamo pegando-aa nos braços e levando para a sala.

— Sei andar, sabia?

— Sabia, mas eu gosto de carregar a mãe do meu filho e minha noiva. — Pisco para ela enquanto me sento e a deixo em meu colo.

Quando Thomas aparece é apenas para dizer que sua barriga está roncando, Lorena já estava na cozinha há tempos fazendo seu lanche, então sigo para lá com ele.

— Oi, meu amor. — Ela beija seu rosto e o pega para que ele possa sentar no balcão da cozinha. A única “mesa” daqui de casa. — Fiz sanduíches, você comeu vários semana passada, então sei que gosta. Depois vai me dizer o que gosta ou não para que a mamãe saiba o que fazer. — Ela ri colocando o copo com suco na frente dele com dois sanduíches.

— Tá, mamãe.

Nós nos sentamos de frente para ele e eu aperto a mão dela quando escuto seu suspiro.

— Então... — começo a murmurar, mas ela faz que não com a cabeça.

— Como sabe, a gente se ama muito. Mamãe já falou que seu pai me salvou de mim mesma, não foi? — Thomas acena olhando de mim para ela e eu me surpreendo com isso. Não sabia que ela tinha falado isso para ele. — Ele é meu herói, e o seu também — ela acrescenta e eu beijo seus cabelos. — Nós resolvemos nos casar. Vestido branco, sabe? E a gente queria muito que você levasse nossas alianças até o altar. — Lore pega uma das mãos de Thomas e sorri amavelmente.

— Eu quero, mamãe. Vou adorar. Nunca usei roupas como as do papai. — Ele ri e morde mais um pedaço de sanduíche.

— E o que acha de ter um irmão? — Eu me viro chocada para ela, mas seus olhos estão no nosso filho.

— É maneiro. Eu quero também.

— Só queria saber mesmo. Quem sabe a gente tenha um em breve? Ele já estaria preparado — ela sussurra e eu olho para sua barriga lisa. — Não estou grávida, Theo, mas não estamos nos protegendo, então é algo que vai acontecer eventualmente — explica sorrindo e apertando minha mão.

— Tudo bem. Você está certa. — Beijo sua têmpora e relaxo na cadeira, observando Thomas comer.

— Eu já escolhi o filme — digo assim que ele termina o lanche.

— Beleza! — Ele pula em meus braços e nos distanciamos de sua mãe.

Lorena, Thomas e eu passamos o resto do dia juntos assistindo, e quando anoitece nós dormimos juntos em nosso quarto. Thomas adormeceu nos braços dela e nem eu e muito menos Lorena quisemos levá-lo para o quarto.

Na manhã seguinte nós vamos almoçar com meus pais, por isso Lorena se levanta cedo. Eu fico na cama com Thomas até ele acordar e querer ir ao banheiro.

— Vamos nos atrasar! — Lorena resmunga horas depois quando já

estamos quase saindo. — Seus pais ainda não me viram depois do nosso término, sério que é uma boa ideia? — ela pergunta quando surjo e me inclino beijando sua boca.

— Sim, é uma hora maravilhosa — resmungo e chamo Thomas. Quando ele surge de bermuda e blusa gola polo vermelha eu olho para Lorena.

— Tal pai, tal filho. — Ela ri da nossa roupa igual.

Quando chegamos à minha casa o primeiro que vê Thomas é Ricardo. Ele está sorrindo amplamente quando se abaixa para ficar à altura do meu filho.

— Olá, Thomy! Eu sou o tio Ricardo — meu irmão se apresenta e dá a mão para que Thomas possa bater, o que ele faz em seguida. Os dois brincam e logo meu pai e minha mãe aparecem.

— Oi. Eu sou o Thomy! — ele diz sorrindo, fazendo com que meu pai o pegue nos braços.

— Olá, Thomy! Eu sou o vovô e essa mulher bonita é a vovó.

— Eu nunca tive vovô e vovó. — Seus olhos brilham e eu me recordo de Isabel dizendo que ela e Sérgio não tinham mais família.

— Ter vovô é muito bom. Você vai gostar. — Meu pai ri com ele.

— Agora solte o garoto. A vovó também precisa de atenção. — Minha mãe pega Thomas e ele ri quando ela beija seu rosto. — Você gosta de bolo de chocolate?

— Sim!

— Então, podemos comer um pouco antes do almoço — ela sussurra como se fosse um segredo e eu me derreto ao vê-la tão carinhosa. — Lorena, querida, me desculpe. Seja bem-vinda. Estamos felizes que esteja conosco novamente. — Abraço a cintura de Lore enquanto mamãe fala.

— Obrigada!

Meu pai a segue e os três somem indo para a cozinha. Ricardo fica no corredor olhando para a escada, e eu franzo as sobrancelhas. Quando escuto passos me preparo para ver mais uma de suas amantes de um dia, mas quem desce é uma faxineira. Ela é nova, posso dizer pela maneira como seus olhos se arregalam ao ver que tem várias pessoas na casa.

— Me desculpem. Com licença — ela murmura incerta e Lorena sorri, balançando a cabeça.

— Não se preocupe. Você pode me levar até a cozinha? — minha noiva a faz relaxar e as duas saem da sala.

Olho para Ricardo com a sobrancelha arqueada e ele revira os olhos.

— Não sabia que Gilda tinha saído... — digo me sentando no sofá.

— Não saiu. Mamãe contratou a filha dela para ajudar. Você sabe, Gilda já está cansada — ele responde enquanto coloca um pouco de uísque no copo de vidro.

— Ah, e você tá pegando ela?

— Não!

— Mas quer?

— É obvio que eu quero, mas ela é diferente. Ela me deu um chute nas bolas quando a chamei para sair comigo. — Ele segura o local, fazendo careta. — Ainda consigo sentir a dor filha da puta.

— Quem sabe o chute que ela deu faça você desistir...

— De jeito nenhum... quero dizer, eu... gosto um pouco dela. — Ele dá de ombros e suspira. — Ela é jovem demais, não é? Meu Deus, olha onde a porra do meu pau quer me enfiar?!

— Se ele tiver mais de dezoito, idade não importa. — Sorrio e me ergo. — Mas não seja um filho da puta com ela.

Passamos o restante do dia na piscina e Lorena pediu gentilmente à minha mãe para que a garota pudesse ficar conosco. Tália quase morreu de tanta vergonha, mas quando percebeu que ninguém ali se importaria, relaxou e se divertiu com Thomas e Lorena. Meu irmão, coitado, estava deixando bem aparente que não conseguia olhar para um lugar que não fosse ela. Eu escondo meu sorriso por trás do copo, mas ele vê e me manda o dedo do meio.

Quando vamos embora já é noite e está tarde, por isso não me surpreendo ao ver Thomas dormindo. Levo-o para a cama e depois me junto a Lorena no banho.

— Vem cá, linda. — Puxo seu pé depois de entrar na banheira.

Massageio seus dedinhos e depois subo para sua panturrilha. Lorena geme e eu suspiro enquanto tento focar na massagem. Meus músculos se apertam e eu fecho meus olhos.

— Parece que você vai desmaiar. — Lorena ri e eu abro minhas pálpebras para vê-la tirando a perna do meu domínio e subindo em meu colo. — Não sou uma puritana, Theo, eu sou a mesma de sempre. — Ela pisca e eu sei que ela se refere ao seu modo leoa na cama. Caralho.

— Merda, mulher... — Ela segura meu membro entre seus dedos e eleva o quadril para encaixá-lo dentro dela. — Medusa... — Meu gemido é engolido pelos seus lábios.

Seguro sua cintura com a mão esquerda e seus cabelos com a direita. Sua língua entra por meus lábios e eu quase gozo quando seu quadril aumenta a velocidade.

— Você vai me fazer gozar, Lorena...

— É esse o objetivo — ela geme e eu seguro seus seios cheios.

Não duro mais nem um minuto depois que ela geme, se entregando ao prazer.

Quando estamos na cama, prontos para dormir, ela se aconchega em meus braços. Sua respiração é calma, mas sei que não está dormindo.

— Eu amo nossa vida — suas palavras me fazem rir e abraçar seu corpo com mais força.

— Eu também amo. — Seus lábios beijam meu peito e ela suspira.

— Mamãe? Papai? — a voz de Thomas soa dentro do quarto e eu me ergo, vendo-o parado na porta. — Posso dormir com vocês?

Lorena sorri se sentando e desce da cama, indo até Thomy. Ela o pega nos braços e traz para a nossa cama, sem nenhum vestígio de chateação, pelo contrário, seu rosto é amável enquanto o embala em seus braços e o faz dormir novamente.

— Eu te amo — murmuro e beijo os cabelos de Thomas.

— Ele sabe, todo mundo sabe. — Lorena sorri e boceja esfregando os olhos. — E nós te amamos.

— Eu sou muito sortudo por isso.

Capítulo 28



LORENA

Quando acordo no domingo Theo não está na cama e muito menos Thomas. Eu me sento rapidamente e vou direto para a cozinha. Respiro profundamente quando vejo os dois mexendo alguma massa numa tigela de vidro.

— Que algazarra... — murmuro cruzando os braços e me apoiando na parede do corredor.

— Oh. — Thomy arregala os olhos e se vira para seu pai, que sorri de lado para mim. Sinto minha barriga gelar com esse sorriso. Theo sabe me tirar o foco com a merda de um sorriso. Quem faz isso, por Deus?

— Estávamos preparando seu café da manhã. Não é, Thomy?

— Sim, mamãe. — O anjo de cabelos loiros e olhos verdes acena com a cabecinha e eu não consigo conter o sorriso.

— Então eu vou dar mais alguns minutos para vocês. Vou tomar banho. — Pisco para meu pequeno e o grandão fica me encarando com os olhos verdes mais lindo do mundo.

Quero dizer, penso ao olhar para Thomas, acho que o verde se tornou minha cor favorita.

Quando saio a mesa está posta e tem panquecas muito bonitas em um prato. Encaro Thomy e ele sorri desviando o olhar para o pai. Vejo morangos, mamão e pera em cima do balcão cortados e me sento.

— Ficou lindo. O balcão mais lindo de todo o mundo. — Beijo a cabeça do meu filho e suspiro, agradecendo por poder fazer parte do mundo desses dois.

— Tudo por você — Theo murmura e eu me inclino beijando seus lábios. — Anota aí, filho, farei mais café da manhã a partir de agora. — Balanço a cabeça rindo e começamos a comer devagar.

— Vamos! — Theo grita na sala e eu suspiro, pegando minha bolsa.

— Você vai amar seus primos — digo suavemente ao entrarmos no carro.

Iremos almoçar com Gabrielle e os amigos de Theo. Thomas está ansioso e eu também, além do mais, essa será a primeira vez que estaremos todos juntos, sem ter um motivo doido no meio.

Em alguns minutos Theo estaciona na frente da casa de Gabrielle. Vejo o

carro de Luca e seu irmão mais novo brincando de bola na grama. Assim que passamos para a aérea da piscina eu enxergo Valentina. Ela está com uma amiga e as duas brincam na água.

— Uma mulher, literalmente, não é? — Gabby fala ao meu lado e eu aceno. Tina já tem peitos, bunda e pernas de mulher. Tenho pena do Luca.

— Luca deve enlouquecer com essa menina e seus namorados — comento e ela acena rindo.

— Muito. — Ela bebe o resto de um suco no copo e se vira para mim. — Cadê meu sobrinho? — Ela arqueia a sobrancelhas e eu sorrio. — Já falei que seu sorriso está mais brilhante agora? — Ela finge tapar os olhos para se proteger e eu empurro seu ombro.

— Venha, ele foi com o pai para a churrasqueira.

Thomas pula em meus braços assim que me enxerga chegando.

— Esse é o meu Thomy, Gabby. E, Thomas, essa é a tia Gabby, que a mamãe falou — apresento e ele sorri quando ela o beija na bochecha.

— Você e seu pai são dois anjos, sabia?

— Sim, mamãe falou que papai é um herói.

— Isso mesmo! Seu pai é um herói. — Gabby sorri emocionada e eu a puxo para meus braços. — Ele é lindo.

— Eu sei. — Sorrio fingindo convencimento e Theo chega na mesma hora.

— Thomy, vem cá. Quero que conheça o tio Luca e o tio Kieran. — Thomy corre e seu pai o leva para longe de mim.

— Você já pensou na nossa proposta? — Alícia chega por trás e me entrega um copo com suco.

— Gente...

— Você já teve bastante tempo. Vamos lá! Nos dê uma resposta — Gabby fala impaciente e eu suspiro desistindo.

— Vocês têm certeza? — questiono mais uma vez. Desde que cheguei de São Paulo Gabrielle e Alícia me chamaram para entrar para a Galeria como sócia. Falar que estou assustada é o eufemismo do ano.

— Sim, totalmente — as duas respondem e eu sorrio e aceno.

— Ok. — Gabby pula em mim e as duas começam a gritar.

Sim, minha vida está se encaminhando.

Na segunda de manhã eu tento acordar e parecer feliz, mas desisto quando vejo que Theo acorda bem pior que eu. Foi pouco tempo e eu já estou contando os dias para a sexta chegar novamente. Esse arranjo de fins de semana iria durar dois meses, mas Theo voltou atrás e decidiu que em um mês Thomas estaria mais familiarizado e conseguiria entender perfeitamente que tinha duas casas e que ficava alguns dias em uma e alguns na outra.

Isabel foi pontual ao passar em nosso apartamento. Às 10h ela e Sérgio bateram em nossa porta. Thomas ficou superfeliz e foi isso que aliviou mais o meu desespero.

— Sexta eu o pego na creche — Theo avisa depois que nos despedimos de Thomy e Isabel confirma, indo embora, em seguida.

Eu me jogo no sofá e Theo me acompanha.

— Esse foi o primeiro fim de semana e já estamos assim. Meu Deus, ele nos estragou mesmo. — Theo ri e eu também, enquanto me aconchoo em seu peito.

— Pior que sim — murmuro. — Mas levante-se, eu preciso ir para a Galeria e você, para seu trabalho.

— Ah, isso me lembra algo. — Ele se ergue e eu me levanto para ir com ele, mas sua mão me detém. — Sente-se. Já volto.

Eu mordo minha unha enquanto espero, mas logo me arrependo. Ficam tão feias curtas. Arg!

— Aqui! — Ele me entrega uma pequena caixa retangular de veludo preto e eu sorrio olhando dele para ela. Abro com cuidado e ofego ao ver um pincel rose gold. Ele é um objeto de decoração, é obvio. Ele é superdelicado e eu o amo instantaneamente.

— É maravilhoso...

— Para decorar seu ateliê. — Ele coloca as mãos no bolso do jeans e eu pulo em seus braços.

— Você existe mesmo? — pergunto beijando sua barba rala e traçando os seus lábios com os dedos. — Meu Deus, a cada novo dia eu me apaixono mais. Como isso é possível?

— Não sei, eu me pergunto isso todos os dias ao acordar e te ver ao meu lado... — Seus ombros sobem e eu calo suas palavras com meus lábios.

Epílogo



Um mês depois...

— Você está magnífico! — elogio Thomas enquanto ele fica me encarando com cara de bobo.

— Mamãe, você está linda! — Seus lábios fazem uau e eu sinto minhas bochechas esquentarem. Ele é só uma criança, mas saber que ele acha isso me faz pensar no que seu pai achará.

— Você acha? — brinco girando, e a barra do meu vestido branco passa perto dos seus pés.

— Sim, muito linda.

Pego-o e o coloco sobre a cama, para que eu possa beijar seu rosto. Arrumo seu smoking e suspiro apaixonada por esse mini Theo.

— E você está lindo como a mamãe. — Pisco e o ajudo a descer da cama.

Thomas vai ficar com o pai enquanto eu encaro o mar. Suspiro prendendo as lágrimas. Não posso chorar. A maquiadora vai morrer se eu borrar alguma coisa.

Volto para a frente do espelho e respiro fundo, olhando o vestido de noiva que eu escolhi para casar. Ele tem um decote “V” bem aberto, as mangas não alcançam a parte superior dos meus ombros, apenas a lateral, o que achei muito sofisticado. Sorrio passando a mão pela renda no busto e sentindo as pequenas pérolas. Dividindo a parte de cima da saia tem várias pedrarias formando um cinto supercharmoso.

A saia é bem rodada e eu, sinceramente, pareço uma princesa.

Minha porta se abre e eu vejo Gabrielle entrar com um buquê de rosas vermelhas e uma caixa de veludo.

— Presentes do seu futuro marido. — Ela sorri ao chegar à minha frente e eu respiro o aroma das flores. Pego a caixa de suas mãos e percebo, rindo, que meus dedos estão tremendo.

— O que será? — questiono tirando o papel de seda vermelho de cima.

Esqueço que preciso de ar para que meu coração possa bombear sangue pelo meu corpo ao ter ciência do que estou vendo. Pego o colar em meus dedos ainda trêmulos e levo minha mão aos lábios, tentando abafar o soluço.

O colar com correntinha fina tem como pingente uma bola de cristal com um dente de leão na parte de dentro. Meus olhos ficam úmidos, mas minha irmã trata de enxugar as lágrimas antes que elas caiam.

— Onde ele encontrou isso? — pergunto sabendo que nunca vi nada remotamente igual.

— Não sei, mas como o dente de leão no colar não pode ser assoprado e assim realizar seu desejo, ele mandou que eu te entregasse isso aqui também. — Ela tira da parte lateral do buquê a flor que mais amo no mundo.

Ela é branca e cheia, pego-a da mão da minha irmã e vou para a janela. Fecho meus olhos e assopro, fazendo mais um pedido. *Felicidade, paz e amor pelo resto da minha vida.*

— Me ajude — peço a minha irmã, lhe dando o colar.

Gabrielle coloca a joia em mim e eu corro para o espelho, olhando como a bola de cristal brilha com a luz do sol. Sorrio e Gabby me abraça.

— Você é a noiva mais linda do mundo.

Eu sabia que eu não era, mas aos olhos dela, de Theo e Thomas, eu queria ser.

— Está na hora. — Kieran bate da porta e a abre. Seu sorriso me diz que ele gostou da minha aparência também. — Está linda. Claro, sua irmã estava mais...

— Kieran! — Gabby ralha com ele e eu suspiro, vendo-o dar de ombros e vir até mim.

— Obrigada, eu sei que isso foi um grande elogio — sorrio brincando e ele pega minhas mãos. — Mas, além disso, eu quero agradecer por me levar ao altar. Do fundo do meu coração, obrigada!

— Você é minha irmã, Lore. Eu mataria quem se oferecesse para te levar ao altar. — E seus olhos verdadeiros me fizeram perceber que era verdade. Eu era sua irmã, mas ele matar alguém por isso era completamente mentira.



THEO

Eu sabia que ela estava no seu quarto, viemos juntos ontem à noite, mas, droga, eu estou inquieto. Olho para o hotel onde ela decidiu que nos casaríamos e suspiro. O jardim está decorado com várias flores e entre elas alguns dentes de leão.

— Ela bem que podia te deixar no altar, né? — Ricardo ri ao meu lado e eu vejo Tália, que está sentada na primeira fileira de cadeiras, mandá-lo se calar com apenas um olhar. Os dois estão se acertando e eu sei que meu irmão foi fisgado de vez quando ele pede desculpa e fica calado.

— Eu sei que ela não me deixaria aqui. Nos amamos — respondo firme, pois eu sei que isso é besteira. Estamos juntos esse tempo todo, passamos por várias tribulações para que quando chegássemos ao dia mais surreal de nossas vidas ela me deixasse? Acho difícil.

— Relaxa, cara. — Luca aperta meu ombro e eu aceno.

Quando enfim escuto alguma coisa que indique que ela vai entrar, me surpreendo ao ouvir a música que coloquei para ela escutar quando fui a São Paulo. Ela aparece no final do corredor de flores e eu engulo em seco.

A voz do garoto loiro me faz arrepiar e eu tento piscar para afastar as lágrimas, mas quando a vejo olhar para mim e pegar no colar que lhe dei de presente eu falho miseravelmente. Kieran sorri para mim ao seu lado e eu suspiro, sentindo meu peito se encher de gratidão.

Ela tem uma má reputação, ninguém se aproxima demais.

O vislumbre de uma alma se partindo faz meu coração esmorecer

Ela se afoga na própria tristeza, e eu imploro “não desista”^[4]

Assim que ela me alcança eu quero abraçar seu corpo e afirmar o quanto a amo e que nada nem ninguém me faria a amar menos.

Agradeço a Kieran e seguro os dedos de Lorena entre os meus. Ela sorri entregando o buquê a Gabrielle e eu seguro a sua outra mão. O juiz de paz começa a cerimônia e eu não tento prestar atenção nele, é impossível. Lorena

está deslumbrante e eu ainda não acredito que essa mulher é minha.

Meu coração se enche de amor quando o momento da entrada das alianças começa. Thomas surge e eu suspiro, olhando dele para sua mãe enquanto tento respirar. Assim que ele chega à nossa frente, eu e Lorena nos abaixamos e beijamos seu rosto.

— Nós te amamos — dizemos juntos e Thomy sorri.

Deslizamos a aliança nos dedos um do outro e sou liberado a fazer meus votos. Seguro a aliança que deslizei por seu dedo firmemente e respiro fundo.

— Sei que me chamaram de louco quando perceberam que eu estava completamente arruinado para outra pessoa, senão você. Eu continuo não ligando para isso, pois eu sou daqueles homens que escutam o coração. E, Lorena, cada vez que eu chegava perto de você, mesmo adormecida, eu o sentia bater descontroladamente. Ele chamava por você e eu percebi em uma daquelas vezes que ele já não mais me pertencia. Ele era seu. Completo e irrevogavelmente. — Limpo suas bochechas com meus polegares e beijo seu nariz quando ela sorri chorando. — Hoje, aos olhos de Deus, da justiça e dos nossos amigos e familiares eu prometo que sempre vou amar e cuidar de você. Que todos as noites vou olhar você enrolada nos lençóis da nossa cama e agradecerei... por seu amor, sua paciência e por ter me dado a chance de mostrar que juntos funcionaríamos. Os opostos se atraem, Medusa. Nós somos a prova viva disso. Eu te amo — finalizo e ela beija meus lábios de repente.

— Eu não poderia começar a falar, depois desse discurso tão emocionante, sem beijar os lábios dele. Desculpem. — Ela ri com as pessoas e suspira acariciando a minha aliança em meu dedo. — No dia que nos encontramos naquele avião eu me questionei por que você estaria ali, sentado ao meu lado, dentre todas as pessoas. E agora eu sei... Falei para nosso filho dias atrás que você era meu herói, e sim, Theo, essa é a mais pura verdade. Você me salvou ao se erguer da sua poltrona e me devolver ao meu assento. Você me salvou ao me segurar por horas dentro do mar e você me salvou quando eu pensei que poderia viver sem o seu amor. Sim, amor, você é completamente meu herói. — Ela suspira e eu tento novamente limpar suas bochechas. Esqueço as minhas e meu nariz vermelho. Só penso nela. — A maioria dessas pessoas que estão hoje presentes em nosso casamento ama muito você, e eu sei que elas acharam que você estava fazendo uma escolha louca ao me querer ao seu lado. Eu também achei, então não as culpo. Enfim, hoje eu quero prometer a elas que jamais vou fazer algo que te machuque de caso pensado. Eu o amo loucamente e somente por isso hoje estou aqui, de frente a um juiz e vestida de noiva. Eu te amo, Starboy. Você é todas as cores do arco-íris que eu não conseguia enxergar

por estar tão cheia de ódio de tudo e todos ao meu redor.

Puxo Lorena pela cintura e beijo sua boca. O gosto salgado das nossas lágrimas se mistura e eu deslizo minha língua por seus lábios, aprofundando nosso beijo. Suas mãos seguram meus ombros e ela geme baixo contra meu corpo.

— Te amo. Te amo... — ela murmura diversas vezes contra meus lábios, e eu repito como se estivéssemos rezando um para o outro.

Olhar para seus olhos brilhantes quando nos afastamos me faz entender por que nenhum dos romances antigos davam certo. Era ela.

Somente ela estava destinada a ser dona do meu coração e da minha alma.

Fim

Agradecimientos



Hoje (29/07/2018) faz alguns dias que terminei *Todas As Cores do Arco-íris*, acabei de revisar e enfim decidi fazer os agradecimentos. Com o rosto vermelho e olhos repletos de lágrimas. Não sei explicar o que sinto nesse momento, é uma mistura de alívio, tristeza, luto e felicidade. Controvérsias, né? Mas eu amei tanto esses dois.

Theo me conquistou já em Atroz, eu sonhava com esse menino pedindo para que eu contasse sua história. Por um momento até pediu que sua mocinha fosse Bea, mas ela não tinha o coração bondoso como Lorena. Então, eu contrapus e coloquei uma menina quebrada e cheia de história sofrida. E ele começou a amá-la como eu já a amava.

Descobri em #TACDA que a Lorena é o tipo de mocinha que mais gosto de escrever. Aquelas que são difíceis, sabe? As que tem feridas e essas deixaram marcas profundas.

Enfim, o livro dela e do Theo me emocionou como nenhum outro, eu me peguei chorando nesse livro incontáveis vezes. Muitas pessoas ficaram surpresas quando decidi juntar esses dois e eu gostei dessa surpresa. Eu desejo sempre surpreender vocês, inovar e eu consegui, pelo menos nesse livro.

Agradeço a todas as minhas leitoras, minhas amigas autoras e betas maravilhosas que me ajudaram muito.

Amo todas vocês!

Evilane Oliveira.

^[1] Música “Uncover — Zara Larsson”

^[2] Sam Smith - Too Good At Goodbyes

^[3] Bebe Rexha - Bad bitch

^[4] Bad Reputation – Shawn Mendes

Table of Contents

SUMÁRIO

Nota da Autora

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Epílogo

Agradecimento